



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Elisangela Marcos Sedlmaier

ESTÉTICAS DA CARNE: LITERATURA, PROSTITUIÇÃO E PSICANÁLISE

João Pessoa-PB
2018

Elisangela Marcos Sedlmaier

ESTÉTICAS DA CARNE: LITERATURA, PROSTITUIÇÃO E PSICANÁLISE

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, por Elisangela Marcos Sedlmaier, como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Área de concentração: Literatura, Cultura e Tradução

Linha de pesquisa: Linguagem, Discurso e Memória

Orientador: Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues

João Pessoa-PB
2018

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S449e Sedlmaier, Elisangela Marcos.

Estéticas da Carne: Literatura, Prostituição e
Psicanálise / Elisangela Marcos Sedlmaier. - João
Pessoa, 2018.

138 f.

Orientação: Hermano França Rodrigues.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/PPGL.

1. Literatura. Prostituição. Psicanálise. Fanny Hill.
I. Rodrigues, Hermano França. II. Título.

UFPB/CCHLA

Elisangela Marcos Sedlmaier

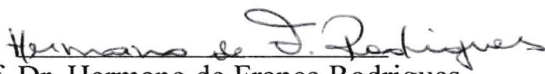
ESTÉTICAS DA CARNE: LITERATURA, PROSTITUIÇÃO E PSICANÁLISE

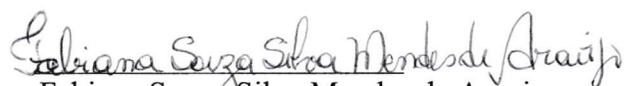
Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, por Elisangela Marcos Sedlmaier, como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues

Aprovado em 13 de junho de 20 18.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues
Orientador – PPGL/UFPB


Profa. Dra. Fabiana Souza Silva Mendes de Araújo
Examinadora Interna – DLCV/UFPB

Profa. Dra. Maria Bernardete da Nóbrega
Examinadora Interna – DLCV/UFPB

Profa. Dra. Luciane Alves Santos
Examinadora Interna – DDLT/UFPB

A Deus, pois sem ele eu não sou nada.

Aos meus pais, Gerson e Alice, que mesmo com a distância fizeram-se presentes integralmente, demonstrando amor, carinho e força. Sem vocês seria impossível!

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me iluminou e me fortificou nesta caminhada.

À minha família, meu pai Gerson e minha mãe Alice, que mesmo compreendendo pouco dos trâmites acadêmicos, demonstram toda a sabedoria que tantas vezes os livros não contemplam. As minhas irmãs Eliane e Elenice, meu primeiro núcleo de aprendizado que levo pela vida afora.

Ao meu orientador Hermano de França Rodrigues, por toda a paciência, por todos os conselhos, pela mão amiga que sempre me direcionou. Todas as palavras de agradecimento não são capazes de expressar a gratidão e admiração que sinto.

Aos amigos distantes, Lidiane, César, Isabela, Fernanda, Natália; vocês continuam caminhando comigo.

À amiga que o mestrado me apresentou e que levarei para vida, Nicole Lagazzi, obrigada por cada palavra, choro e riso compartilhado.

Ao grupo nomeado de Segunda Erótica, Carlisson, Diego, Eider, Fran, Janile, Aline e Nicole, que, além das discussões teóricas, trouxeram amor e carinho para meus dias.

Aos amigos que a Paraíba juntou: José, Mônica, Luciana, Tia Jo, Tio Carlão, por toda a paciência nas ausências intermináveis.

Ao grupo de estudos LIGEPSI, na figura do professor Ulisses, e de alguns participantes, Fabio, Ivanildo, Rariela, Wanessa; o caminho com vocês se torna mais familiar e amistoso.

Ao CNPq pela bolsa concedida.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba.

Ao companheiro de jornada, Eduardo Brunello.

Não somos apenas o que pensamos ser. Somos mais; somos também o que lembramos e aquilo de que nos esquecemos; somos as palavras que trocamos, os enganos que cometemos, os impulsos a que cedemos, sem querer.

Freud

A verdade só pode ser dita nas malhas da ficção.

Lacan

O destino de alguém não é nunca um lugar, mas uma nova forma de olhar as coisas.

Henry Miller

SEDLMAIER, Elisangela Marcos. **Estéticas da carne**: literatura, prostituição e psicanálise. 2018. 139 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

RESUMO

O presente trabalho teve por objetivo conciliar uma discussão que abarcasse pontos ligados à feminilidade e à prostituição, na figura da personagem e narradora do livro *Fanny Hill ou Memórias de uma Mulher de Prazer*, datado de meados do século XVIII, e considerado o primeiro romance erótico da modernidade. Buscamos delinear, no primeiro capítulo, a trajetória da prostituta e, por conseguinte, da prostituição perpassada pela história, a qual Roberts (1998), Murphy (1994), entre outros, nos alicerçaram para o debate sobre como as prostitutas impetraram as representações da(s) deusa(s) na terra, isto é, como elas apareceram justapostas à dimensão sagrada. Subsequentemente, através de uma análise que contemplasse a virada/transformação estrutural e religiosa da sociedade, essencialmente aquela marcada pela entrada na era cristã, explanamos sobre como a prostituta fora destituída do seu posto, sendo redirecionada para o território do profano. A partir desta mudança, o lugar da prostituta encontrou-se atrelado à margem, ao ser abjeto, mas, ao mesmo tempo, dialogado com o desejo(s) do(s) outro(s). Este processo analítico debatido sobre a prostituta, forneceu-nos pistas para as problemáticas do segundo e terceiro capítulos. Através da teoria psicanalítica de Freud, Lacan, Dolto, entre outros, objetivamos caminhar pelas subjetividades e as representações do “ser feminino” de uma forma em que a equação do corpo como mercadoria pudesse ser analisado à luz dos enredos diversificados sobre a prostituição. O livro *Fanny Hill*, ao descrever pormenorizadamente a vida da personagem, a partir de sua entrada no meretrício, não compactua com a narrativa socialmente estigmatizada da prostituta, auxiliando-nos, neste caso, a problematizar as imagens e os modelos estereotipados. A personagem foi uma precursora no papel da prostituta feliz e isto, de certo modo, contribuiu para argumentarmos acerca de toda uma trajetória imaginativa e comercial que questiona os lugares de fala de Fanny. Deste modo, este estudo caminhou por entre vãos históricos, culturais e literários, juntamente com a análise psicanalítica, na tentativa de buscar as representações e subjetividades que perpassam a prostituta Fanny para, por fim, arriscarmos revelar alguns aspectos da(s) feminilidade(s), desejos e pulsões encontrados nas fendas e vazios da trama de nossa personagem.

Palavras-chave: Literatura. Prostituição. Psicanálise. Fanny Hill.

RESUMEN

El presente trabajo tuvo por objetivo conciliar una discusión que abarcase puntos ligados a la feminilidad y la prostitución, en la figura del personaje y narradora del libro *Fanny Hill* o *Memorias de una Mujer de Placer*, datada a mediados del siglo XVIII, y considerado el primer romance erótico de la modernidad. Buscamos delinear, en el primer capítulo, la trayectoria de la prostituta y, por consiguiente, de la prostitución atravesada por la historia, en el cual Roberts (1998), Murphy (1994), entre otros, nos basaron para el debate sobre cómo las prostitutas impetraron las representaciones de la (s) diosa (s) en la tierra, es decir, cómo ellas aparecieron yuxtapuestas a la dimensión sagrada. Posteriormente, a través de un análisis que contemplase el cambio / transformación estructural y religiosa de la sociedad, esencialmente aquella marcada por la entrada en la era cristiana, explicamos sobre cómo la prostituta había sido destituida de su puesto, siendo redirigida hacia el territorio del profano. A partir de este cambio, el lugar de la prostituta se encontró atado a la orilla, al ser abyecto, pero, al mismo tiempo, dialogado con el deseo (s) del (los) otro (s). Este proceso analítico debatido sobre la prostituta, nos proporcionó pistas para las problemáticas del segundo y tercer capítulos. A través de la teoría psicoanalítica de Freud, Lacan, Dolto, entre otros, objetivamos caminar por las subjetividades y las representaciones del "ser femenino" de una forma en que la ecuación del cuerpo como mercancía pudiese ser analizada a la luz de los enredos diversificados sobre la prostitución. El libro *Fanny Hill*, al describir detalladamente la vida del personaje, a partir de su entrada en el meretrício, no se compone con la narrativa socialmente estigmatizada de la prostituta, ayudándonos, en este caso, a problematizar las imágenes y los modelos estereotipados. El personaje fue una precursora en el papel de la prostituta feliz y esto, en cierto modo, contribuyó a argumentar acerca de toda una trayectoria imaginativa y comercial que cuestiona los lugares de habla de Fanny. De este modo, este estudio caminó entre vanos históricos, culturales y literarios, junto con el análisis psicoanalítico, en el intento de buscar las representaciones y subjetividades que atraviesan la prostituta Fanny para, por fin, arriesgarnos a revelar algunos aspectos de la (s) feminilidad (es), deseos y pulsiones encontrados en las grietas y vacíos de la trama de nuestro personaje.

Palabras clave: Literatura. Prostitución. Psicoanálisis. Fanny Hill.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 A PROSTITUTA	19
1.1 DO SAGRADO AO PROFANO.....	19
1.2 A PROSTITUIÇÃO NA IDADE MÉDIA E MODERNA: EXPANSÃO MARÍTIMA, RENASCIMENTO, REFORMA E ILUMINISMO.....	25
1.3 OS BORDÉIS	32
1.4 CONCUBINAS, AMANTES E AS MARIAS MADALENAS DA BÍBLIA	37
1.5 UMA DOR SENTIDA NA ALMA: O ESTUPRO	51
2 AS DIVERSAS FACES DA MULHER	60
2.1 DA HISTERIA À FEMINILIDADE.....	60
2.2 OUTRAS VOZES: DIÁLOGOS SOBRE O FEMININO	70
2.3 O CORPO COMO MERCADORIA	74
2.4 OS “ESQUEMAS” SOBRE A PROSTITUIÇÃO	84
3 FANNY HILL: ANÁLISE	95
3.1 LITERATURA ERÓTICA: O PRIMEIRO ROMANCE.....	95
3.1.2 O livro	98
3.2 FANNY: DE MENINA A MULHER	102
3.3 PROSTITUIÇÃO: APROXIMAÇÕES PSICANALÍTICAS	112
3.4 A CULTURA E A PSICANÁLISE.....	123
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	129
REFERÊNCIAS	133

INTRODUÇÃO

A pesquisa que desenvolvemos busca articular a psicanálise e a literatura com a finalidade de construir pontos de intersecção e convergência entre eles, aparentemente inconciliáveis num primeiro momento. Posto que existe uma série de discursos que alocam a literatura no campo das artes, em oposição à psicanálise enquanto ciência, parece intrínseco que existam algumas impossibilidades neste tipo de articulação. Contudo, no decorrer desta pesquisa, procuramos lidar com essas superficiais barreiras e apresentar uma perspectiva dialógica entre essas duas matrizes de conhecimento.

Referências clássicas nos servem de inspiração e alicerce para as tentativas. Sigmund Freud (1856-1939), por exemplo, foi pioneiro neste tipo de associação, cara à própria gênese do campo psicanalítico. Através de contos, lendas e mitos, como revisitados em *Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen* (1907), *Leonardo da Vinci e uma recordação de sua infância* (1910), *Dostoiévsky e o Parricídio*, (1928), o pai da psicanálise estudou algumas trajetórias de personagens literários e construiu a partir disso. Por meio do emblemático drama *Édipo Rei*, de Sófocles, sustentou alicerce para a construção do conceito, homônimo ao personagem mítico, de “Complexo de Édipo” que, subsequentemente, viria se tornar um clássico na teoria psicanalítica.

A discussão conceitual do “Complexo de Édipo” e do “poder da castração” (FREUD, 1974) permeou toda vida de Freud, “tanto pela realidade literária como pelo seu complexo nuclear” (BELLEMIN-NOEL, 1978, p. 21). Logo, juntamente com seus estudos sobre a parte clínica, conseguiu capturar representações/atividades comportamentais derivadas da literatura produzida por Sófocles e por outros para, posteriormente, compor seus estudos sobre a psique humana e elucidar alguns pilares da sua teoria psicanalítica.

A partir dos enunciados de Freud, e de outros estudiosos psicanalistas que investiram nesta articulação com a literatura, como Jacques Lacan (1901-1981), tornou-se possível buscar subsídios no percurso entre livros e personagens e no desenvolvimento de um olhar analítico sobre representações modernas que versassem sobre a literatura erótica, temática recortada para essa pesquisa. Buscar por signos literários, auxiliou-nos a investigar as representações de gênero pelo mundo da prostituição, uma vez que a obra escolhida como objeto de estudo é o romance erótico *Fanny Hill ou Memórias de uma Mulher de Prazer* (CLELAND, 1997).

Difícilmente torna-se possível utilizarmos uma definição e/ou um conceito fechado sobre o que é a literatura, uma vez que ela é plural, instável, decorrente de uma visão histórica e detida a contextos culturalmente necessários. Todavia, é possível indicar que a literatura se apresenta como uma grande manifestação artística, repleta de originalidade, criatividade e que traz consigo a “arte das letras” e/ou a própria construção social da linguagem. Neste aspecto, encontramos subsídios para a sua articulação com a psicanálise, uma vez que esta última também opera com elementos da linguagem, nos permitindo uma melhor compreensão em retorno sobre a própria literatura. Adicionalmente, tal associação nos fornece um leque de caminhos e descaminhos para adentrar na psique humana e, como aponta Bellemin-Noel (1978, p. 13), “literatura e psicanálise ‘leem’ o homem na sua vivência quotidiana tanto quanto no seu destino histórico”.

Deste modo, baseando-nos nas investigações literárias e psicanalíticas, buscaremos a partir do livro *Fanny Hill ou Memórias de uma Mulher de Prazer*, datada do século XVIII, analisar as representações da prostituta e seus desdobramentos, traçando, assim, um panorama histórico, social e subjetivo que envolve este universo.

Tal livro, publicado em dois volumes – o primeiro em novembro de 1948 e o segundo fevereiro de 1949 –, é considerado o primeiro romance erótico da modernidade. Em linhas gerais, ele aborda a história de *Frances*¹, uma menina pobre, ingênua e inocente que vivia em uma pequena aldeia perto de Liverpool, em Lancashire. Quando tinha 15 anos, *Fanny* perdeu o pai e a mãe, ambos vitimados pela varíola. Desguarnecida de apoio familiar, ela busca outra perspectiva de vida em Londres, acompanhada e guiada por uma amiga. Entretanto, ao chegar à Londres, *Fanny* é mais que rapidamente abandonada pela sua companhia e começa a traçar seu caminho de maneira solitária. Com toda a ingenuidade que *Frances* carrega, sua estória começa a ser escrita, visto que, subsequentemente ao abandono, ela é recrutada por uma cafetina que lhe oferece moradia e um trabalho de criada. *Fanny*, na realidade, nem desconfia das “reais intenções” da mulher quem a recrutou, acreditando realmente se tratar de uma casa onde pudesse morar e trabalhar. Posteriormente, *Frances* perde sua ingenuidade e desperta seu desejo sexual, transformando-se em *Fanny Hill* e adentrando ao mundo da prostituição.

Ao tomarmos conhecimento de que o livro se localiza dentro do chamado novo gênero narrativo, a saber, o romance erótico, torna-se viável pensar novas formas de discursos sobre sexo e sexualidade. De acordo com Freud (1905), a sexualidade nos é intrínseca desde o nascimento e, sendo assim, desperta uma curiosidade que interferirá nas nossas formas de agir

¹ Frances é o nome “batismal” da personagem. A partir de sua entrada no meretrício seu nome sofre alteração para Fanny.

ao longo da vida. Tal curiosidade e “pulsão” sexuais, cabe ressaltar, não estão somente relacionadas ao coito e/ ou às relações genitais, e sim a uma “energia” que nos dá um especial prazer quando é satisfeita. Logo, em outras palavras, a sexualidade fornece diretrizes e princípios que movimentam a vida dos indivíduos (CALLIGARIS, 2006).

Ao refletirmos sobre os ritos e pulsões sexuais que regem a vida cotidiana, objetivaremos, portanto, adentrar o universo da prostituta e explorar analiticamente as representações insurgentes na literatura erótica de *Fanny Hill*.

A prostituição, muitas vezes considerada misteriosa e, fundamentalmente, execrada pelo senso comum, povoa historicamente o imaginário de homens e mulheres e é subestimada na academia. Analisar essas representações que perpassam historicamente esse universo para, posteriormente, buscar, à luz da teoria psicanalítica, as suas articulações com a literatura erótica, servirá de contributo às tentativas de desvendarmos e desmitificarmos alguns processos de subjetivação e marcadores socioculturais tão presentes no universo da prostituição.

Buscar, através da prostituição, as subjetividades do feminino e os diversos roteiros passíveis e possíveis de serem percorridos pelas mulheres, é uma das tentativas de nosso trabalho. No entanto, não nos focaremos nas mulheres enquanto categoria de gênero, mas em nossa personagem Fanny Hill. Abordar a prostituição, mesmo que em literatura, é uma das possibilidades de debate dos diversos tabus, preconceitos e falsas morais que recobrem a(s) prostituta(s).

Para introduzir o debate deste trabalho iniciamos, no primeiro capítulo, com a história da “figura” da prostituta. Encontramo-la, primeiramente, calcada no lugar do sagrado, posicionada no centro social, no lugar que perpassa o campo de poder e o espiritual. No entanto, com a mudança do *modus operandi* estrutural e governamental do matriarcado para o patriarcado, e subvertendo o papel da adoração da(s) deusa(s) para religião judaico-cristã, as prostitutas são destituídas do seu lugar sacro e começam a figurar no papel do profano.

A partir desta mudança, a história das prostitutas vem sempre permeada de altos e baixos, ora em uma situação mais aceitável socialmente, dependendo dos interesses comerciais vigentes, ora sofrendo todos os vilipêndios. No entanto, mesmo indo de encontro às mais diversas situações, a prostituição, em nenhum tempo, deixou de existir, e, podemos inferir que, ela somente tem se mantido no “mercado” por encontrar demanda; e isto existe, e muito, até os dias atuais.

E buscando o melhor entendimento sobre o sexo venal, adentramos no mundo dos bordéis, nestes diversos estabelecimentos que tem o corpo como mercadoria, e que integram

uma construção social, cada qual com suas regras e organizações que, muitas vezes, são estendidas ao ato sexual.

Ainda no primeiro capítulo, consultamos algumas histórias bibliográficas ou míticas que nos dão suporte imaginativo para conhecer amantes e concubinas que são taxadas como prostitutas. Através destas personagens um pequeno panorama é traçado, no qual estas mulheres, em sua maioria, sofrem os escárnios pelo simples fato de estarem nesta posição.

Concluimos o primeiro capítulo dialogando com dois assuntos que recobrem o ser mulher: a virgindade e o estupro. Não estamos afirmando que estes sejam exclusivos do feminino, mas que eles acompanham muito mais as mulheres do que os homens. A virgindade, geralmente, envolve uma série de valores pré-estabelecidos socialmente e já o estupro configura-se em uma dor sentida na “alma”.

Através dessa tentativa de demonstrar algumas das diversas trajetórias e representações da prostituta até o século XVIII, momento de lançamento do corpus desta pesquisa, se fez necessário para compreendermos os vários processos, caminhos e lugares nos quais as prostitutas foram alocadas no decorrer dos tempos. A saída do sagrado para entrada no profano, e o encontro de espaços, mesmo que pouco estimados, nas construções societárias de cada época, muito nos diz do lugar histórico da mulher e da prostituta; e é a partir destes (des)caminhos que buscamos o material teórico para o segundo capítulo, no qual, à luz da psicanálise, adentramos no “continente negro”² do feminino.

A teoria psicanalítica, a partir de seu criador Freud, surge da necessidade de compreender algumas vozes femininas que, através das histéricas, suplicavam seu lugar de “vida” e de fala em uma sociedade que ainda destinava a mulher ao “claustro” do lar. A histeria foi apenas o ponto de partida para uma ciência que através dos anos buscou e busca compreender as singularidades e subjetividades que afetam e circunscrevem os indivíduos.

Pelo decurso dos estudos psicanalíticos é que começamos a jornada neste campo que ainda transita entre os véus do desconhecimento e das dúvidas e que, mesmo envolto em “mistérios”, é parte fundante da maioria das mulheres: a feminilidade. Discutimos o seu lugar que, não estando ligado à genitália do indivíduo, adentra em outra categoria além do que se diz respeito à anatomia dos corpos.

Adentramos os conceitos de passividade e atividade, de passagem pelo Complexo de Édipo e as suas marcas no desenvolvimento da menina e futura mulher. Observamos que esta

² Termo utilizado por Freud para referir-se à feminilidade.

fase da infância é fulcral na vida do indivíduo, pois muitas das realizações que acontecem neste momento reverberarão na vida de cada sujeito.

Estes conceitos freudianos perpassam gerações, sendo alguns reconstruídos, outros redirecionados, encontrando novos olhares e posicionamentos contrários. Todos esses movimentos dizem muito ainda deste novo lugar onde encontramos muitas mulheres na atualidade. Algumas percebem entre as falas freudianas um posicionamento machista, que deve ser combatido e repensado de acordo com as autoras Brennan (1997), Chasseguet-Smirgel (1988), entre outras. No entanto não podemos desconsiderar o momento de escrita de Freud, muito menos a sociedade que o circundava. Com isso, não faremos juízo de valor, embora em alguns momentos alguns julgamentos escapem à nossa pretensão.

No segundo momento, analisaremos o corpo como mercadoria, através da tese de Eliana Calligaris (2006), na qual são abarcadas algumas das possibilidades que justificam a mulher entrar para a prostituição, além de discutir a fantasia fundante da prostituição, pela qual toda menina deve passar em seu processo de constituição enquanto mulher desejante.

Partindo das possibilidades da prostituição, amparamo-nos na psicanalista francesa Françoise Dolto (2015) que traça diferenças entre a imagem e o esquema corporal. Para a autora, a imagem é como o sujeito se constitui e se observa, já o esquema corporal é amplo e diz de uma espécie ou de um grupo social. Neste momento, discutimos os esquemas através dos diversos papéis que as prostitutas são organizadas, e a imagem, posteriormente, através da análise da personagem chave deste trabalho, Fanny Hill.

Estas teorias e conceitos que perpassam o segundo capítulo, são apenas recortes das tantas vertentes que a ciência psicanalítica dispõe. Eles foram escolhidos como tentativa de compreender o universo que perpassa nossa personagem, e como base para o trabalho de análise da narradora-personagem protagonista da obra.

No terceiro capítulo, a análise, procuramos, primeiramente, examinar o corpus a partir da teoria literária. A obra é considerada precursora do romance erótico, tal como dito, e daí pensamos acerca da teoria do romance, para depois pensarmos na criação e em como o livro foi recebido em meados do século XVIII, sem esquecermos de descrever o contexto da obra.

A partir deste primeiro encontro com a narrativa, começamos a percorrer a vida da nossa personagem. Seus primeiros passos de menina à mulher, seu grande amor, sua entrada e permanência no meretrício, são guias que revelam uma personagem transbordante que nos faz partir de suas singularidades e subjetividades em direção ao feminino, entre as fendas e vazios, e em tentativas, dentro de suas possibilidades, de vê-lo constituído na personagem Fanny Hill, ou na mulher de prazeres.

Nestas suposições analíticas, deparamo-nos com outro fator que muito diz sobre nossa personagem, a cultura. Por sabermos que psicanálise e cultura caminham juntas, não conseguimos buscar respostas para o sujeito sem observar seu entorno e, por isso, perpassamos a Londres do século XVIII, além de questionarmos muitas vezes, no decorrer desse processo de análise, a condição da nossa personagem, já que a autoria do livro advém de um homem.

Com isso, entendemos que em alguns, ou em muitos momentos, o lugar de fala de Fanny é condicionado à satisfação, ao olhar e aos desejos masculinos, o que também corrobora com a intenção do autor de prestigiar o público leitor da época, que basicamente era composto de homens.

A partir dessas primeiras explicações e reflexões sobre o trabalho, tentamos abranger as diversas faces da prostituição, o cultural e, no caso literário, o interesse autoral e mercadológico envolvido.

As obras erótico-pornográficas, por muito tempo, ficaram escondidas em prateleiras ou listas “vermelhas”, demonstrando o seu perigo em macular a moralidade vigente. Os tempos passaram e, atualmente, começamos a observar uma mudança na aceitação da literatura erótica em nossa sociedade. A academia, lugar onde as falsas moralidades deveriam ceder espaço aos estudos e debates, ainda arrasta algumas rugas com este “tipo” de literatura, considerando-a abaixo dos padrões aceitos, mas que sabemos não ser verdade, pois, assim como em todas as temáticas literárias, existem livros de excelência e livros que deixam a desejar, sem distinção de “tipo”.

A obra de *Fanny Hill*, até o momento, foi pouco estudada dentro das universidades brasileiras. A partir de uma pesquisa nas plataformas Sucupira, da Capes, repositório de grandes universidades, entre outros, encontramos apenas uma tese, advinda da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. O trabalho em questão abarca a obra *Fanny Hill ou Memórias de uma Mulher de Prazer* junto a outro livro considerado licencioso pertencente ao século XVIII, *Teresa Filósofa*, analisando, a partir da composição epistolar e o papel da pornografia, a ascensão do romance moderno³. Outros artigos que encontramos nesta pesquisa citam a obra, porém, em nenhum deles, a tomam como o corpus central.

Buscamos assim trazer a intersecção da literatura e da psicanálise, como diálogo não explorado, na tentativa de encontrar novos olhares, despidos de preconceitos e estigmas, que

³ Tese de doutorado em Letras de João Batista Martins de Moraes, defendida em 2014, intitulada *Estética da confissão em Fanny Hill e Teresa Filósofa: o papel da pornografia na ascensão do romance moderno* e orientada pelo Prof. Luiz Antônio Mousinho Magalhães.

realocam a prostituição e a literatura erótica como parcela integrante de uma sociedade que ainda se norteia através de uma moralidade que não condiz com as barbáries que perpassam nossa realidade e dia a dia.

Acreditamos que descrever, falar, expor e problematizar a sexualidade humana não nos torna “perversos” ou incentivadores dessas práticas, mas nos possibilita debates e interações que podem expressar as diversas faces do erotismo, intrínseco ao indivíduo, e a relação das diferenças e ambiguidades que permeiam os discursos das diversas formas de sexualidade, buscando um maior entendimento e respeito mútuo.

A metodologia usada foi a exploratória-qualitativa, na qual, na primeira etapa, fomos alicerçados por aportes discursivos históricos, em que o contexto cultural e social foi relativizado através dos papéis ocupados pelas prostitutas.

No segundo momento, a teoria psicanalítica foi o nosso aporte teórico, fundamentado em autores-chave como Freud, Lacan, Chasset-Smirgel, Calligaris, entre outros, que nos auxiliaram na tentativa da construção da feminilidade e suas reverberações.

No terceiro capítulo recorreremos à análise literária e à teoria psicanalítica, buscando assim, subsídios para uma reflexão articulada das representações históricas e socioculturais da prostituta e dos processos de subjetivação decorrentes de sua prática.

Estes processos de entendimento da subjetivação são norteados pela teoria psicanalítica, porém faz-se necessário esclarecer que não encontramos, durante a nossa pesquisa, uma teoria específica para a prostituição, ou um conceito, no qual se envolvesse a complexidade da prostituição. O que encontramos foram suposições, por exemplo, como as da tese de Calligaris (2006), que se reuniram no livro *Prostituição: O eterno feminino*, mas que, por sua vez, no entanto, ao final, ainda traz os mesmos questionamentos que fazemos no decorrer deste trabalho:

Deixo um tema em aberto. É a pergunta que talvez, silenciosamente, tenha animado todo este trabalho: qual é a realidade de vidas prostituição como profissão, vidas que não parecem ser só vítimas de uma violência social e paterna, mas, ao contrário, parecem formas do exercício erótico feminino? (CALLIGARIS, 2006, p. 70)

Estas incertezas e dúvidas também foram uma constante neste trabalho. Mas também sabemos que é a partir delas que as tentativas e as buscas acontecem, assim como alguns erros também, apesar de que sempre que foram feitos, foi com a intenção de melhorar e possibilitar novos caminhos na compreensão deste “continente negro”.

Findando esta apresentação, percebemos que, no decorrer do processo de escrita, muito ainda encontra-se no não dito, nas impossibilidades temporais que um mestrado nos impõe. Sabemos da complexidade do tema, pois a prostituição e/ou a prostituta, mesmo sendo parte integrante da sociedade, divide opiniões. Claro que não nos furtamos do fato de que muitas mulheres adentram a prostituição como forma de sobrevivência, pelos diversos problemas sociais, estruturais, econômicos e afetivos, que as alocam neste lugar, muitas vezes até sem sua própria permissão. No entanto, encontramos também, em minoria, as mulheres que se encontram e se subjetivam através desta profissão. Perpassamos algumas destas possibilidades, e em nenhum momento nossa intenção foi a de fazer julgamento de valor ou moral, mas a de perceber as possibilidades e como elas se apresentam; mais especificamente nos concentrando na personagem e narradora que é a inspiração para o nome do livro Fanny Hill.

CAPUT 1: A HISTÓRIA CONTADA POR MUITAS VOZES

No primeiro capítulo deste trabalho, buscamos trilhar, através da história, uma síntese sobre o caminho da mulher, especificamente, prostituta. Essa escolha pela linha da historicidade se faz necessária para compreendermos os processos que perpassam e constroem, durante os séculos, a “figura” da prostituta. Concentramo-nos desde os primeiros relatos sobre a prostituição, chegando até o século XVIII, quando o livro *Fanny Hill ou Memórias de uma Mulher de Prazer* (1749), nosso objeto central de estudo, foi publicado.

Nesse primeiro momento, utilizamos autoras, mulheres, que, como demonstra os seus escritos, não trazem um olhar apregoadado de preconceitos e juízos de valor sobre a prostituta, como: Qualls-Corbett (1990), analista *junguiana*, que consegue descrever, de forma precisa e profunda, os laços que ligavam a prostituição ao campo do sagrado. E, seguindo de forma linear e cronológica, adentramos o minucioso estudo da escritora e ex-prostituta, Nickie Roberts (1998), no qual ela perpassa os séculos e localidades, descrevendo o caminho que se encontrava transpassado por altos de baixos dessas profissionais do sexo.

A partir desse primeiro panorama e dos primeiros momentos que temos notícias, o escritor escolhido foi Rossiaud (1991), historiador francês, que elaborou seu trabalho a partir de fontes inéditas e que conseguiu contemplar com concisão a prostituição, o social, a violência e o comércio que tanto fomentavam os setores, monetários e estruturais, ao longo do rio Ródano.

Ampliando os espaços, adentramos no “mundo” em que o sexo venal regia seu funcionamento, os bordéis. Como base teórica, debruçamo-nos sobre os estudos de Murphy (1994), que abarca os mais diversos tipos de bordéis e seus funcionamentos, mas também os sistemas que nutrem e são nutridos por eles, perpassando as normas sociais e a sexualidade “organizada”.

Saindo dos espaços físicos, voltamo-nos às construções históricas, sociais, simbólicas, míticas e/ou reais das chamadas concubinas e amantes, e que, constantemente, lhes era atribuída à nomenclatura de prostitutas. Para essa temática, encontramos o suporte necessário em livros lançados recentemente por Abbott (2016) e Del Hierro (2015), nos quais, essas autoras descrevem a realidade de cada grupo e como esses, nas devidas proporções, se agrupam e sofrem os vilipêndios e preconceitos de grande parte da sociedade. Seguindo o mesmo paradigma, Kirsch (1998) nos insere nas inúmeras histórias bíblicas que, tal como as

anteriores, trazem mulheres “bíblicas” consideradas, pelos mais diversos motivos, prostitutas que padecem, tantas vezes, pelas barbáries derivadas pelo preconceito e/ou ignorância.

Concluindo o capítulo, achamos necessário introduzir dois assuntos que giram, quase que exclusivamente, em torno da mulher: o estupro e a virgindade. A historiadora e feminista, Knibiehler (2016) conta e descortina todos os véus que a própria palavra, virgindade, apregoa. Já Vigarello (1998) nos transmite, de maneira forte, tantas vezes, cheia de horror, o que não é para menos, os inúmeros casos e as estatísticas, que apregoam *a dor que vem da alma: o estupro*.

Com isso, na busca de um entendimento e enlaçamento das várias questões relacionadas à história da prostituição, e todo seu entorno, esses autores foram escolhidos, não de forma aleatória, mas selecionados a partir de critérios nos quais a veracidade dos fatos fosse, de alguma forma, comprovada e o juízo de valor não fosse tendencioso, nem para um lado nem para o outro. Além disso, que os fatos contemplassem os percursos propostos e dessem “voz” à prostituta em um discurso que, tantas vezes, foi silenciado por outras vozes dotadas de preconceito e intolerância para com o outro; no nosso caso, a outra.

1 A PROSTITUTA

1.1 DO SAGRADO AO PROFANO

Nossa pesquisa, neste primeiro capítulo, ocorre no intuito de resgatar algumas das histórias que envolvem e perpassam a vida das prostitutas que, em um primeiro momento, encontrava-se envolta pelos “véus” do sagrado, mas, posteriormente, teve seus véus retirados e outros, opostos aos que antes a delineavam, lhe são impostos. Nos nortearremos, principalmente, através dos rastros fornecidos pela história. Os primeiros dizeres que encontramos *sobre a(s) mulher(es)* nos descrevem que nas sociedades, “[d]o período do tempo que os homens rotularam de ‘pré-história’ (pré-patriarcado, para sermos mais precisas), a mulher é que era considerada a criadora da força da vida” (ROBERTS, 1998, p. 19). O matriarcado era o movimento regente, o que não quer dizer que a mulher era a única detentora do poderio, mas que as formas de construções hierárquicas eram estabelecidas através de outros critérios; o matriarcado era estabelecido através dos costumes vigentes, da coesão coletiva e da autoridade religiosa, na qual a natureza e a fertilidade encontravam-se intrínsecas a sua existência, conforme nos explica Qualls-Corbett (2014). A sexualidade e a religiosidade caminhavam juntas e uma das formas de expressão desta última advinha dos ritos sagrados para a(s) deusa(s)⁴. Estas celebrações estavam diretamente relacionadas às prostitutas sagradas, nas quais, nestes ritos, as sacerdotisas – as prostitutas – da deusa se entregavam para um homem como um “ato honroso e respeitoso, que agradava tanto o divino quanto ao mortal” (QUALLS-CORBETT, 2014, p. 38). A prostituta sagrada é a representação da deusa na terra, e a consumação dessas celebrações religiosas/sexuais são realizadas no intuito de agradecer e assegurar a continuação da produtividade terrena e da fertilidade humana.

Segundo Roberts (1998, p. 21), “as sacerdotisas canalizavam a energia criativa da deusa para o mundo material”, sendo as mulheres o canal de comunicação com a(s) deusa(s)

⁴ A maior ou mais conhecida de todas as deusas foi Inanna que posteriormente foi também chamada de Ishtar; segundo Roberts (1998, p. 23), a adoração desta deusa foi por um período longo “durante todo o nascimento e o berço da civilização do antigo Oriente Médio, desde o início da história até cerca de 3.000 a.C.”. Outra deusa muito cultuada e recordada através das inúmeras estátuas de barro e histórias é a deusa do amor, Astarte, encontrada com formas muito femininas, quadris largos e com as mãos segurando os seios.

quando aquelas se encontravam em transe. A mulher, neste período⁵, era a “dona” e controladora de sua sexualidade.

Conseguimos sistematizar e entender melhor este período a partir de alguns recortes do livro *As prostitutas na história*, de Nickie Roberts (1998), nos quais nos é constatado que as primeiras notícias escritas sobre a prostituição sagrada são datadas de 2.000 a.C. Estas evidências nos levam a Babilônia, cidade onde encontraremos as prostitutas-sacerdotisas divididas em classes; as *entu*, eram a classe mais elevada; em seguida, encontramos a classe das *naditu*. Essa camada se encontra principalmente ligada ao comércio. Essas duas hierarquias encontravam-se em igualdade com os homens. Abaixo destas duas categorias mais elevadas, observamos as “*qadishtu* (literalmente, mulheres sagradas) e as *ishtaritu*, cujas vidas e trabalho eram especificamente dedicados ao serviço da deusa Ishtar. Muitas dessas mulheres especializaram-se como cantoras, instrumentistas e dançarinas.” (ROBERTS, 1998, p. 26). Além dessas, encontramos ainda as *harimtu*, da classe que estava dividida entre as que trabalhavam dentro dos templos e fora deles. Assim encontramos as primeiras prostitutas de rua que, mesmo trabalhando em tavernas, continuavam sendo vistas pela sociedade como mulheres sagradas.

Por muito tempo o sexo é colocado como algo sacramental, natural e necessário a todo ser humano. Observamos esta prática no povo hindu, por volta dos séculos VI e V a.C. Nas palavras de Murphy (1994) podemos compreender a real dimensão que o sexo tinha para esta população:

O sexo era uma espécie de contrapartida para a criação divina; o simbolismo religioso enfatizava esse fato em todos os níveis de expressão: tanto nos personagens esculpidos nas paredes dos templos como nas posições e atitudes das garotas que ocupavam seu interior. A concepção hindu de salvação era a união da alma individual com o universal, a fusão dos dois; portanto, paralelamente, a união do homem na mulher, em que a dualidade desaparecia, passou a ser, para os hindus, um símbolo de libertação. (MURPHY, 1994, p. 124)

⁵ Quando citamos estes períodos envolvendo o matriarcado e as sacerdotisas sagradas, que posteriormente se tornaram as prostitutas sagradas, frisamos que eles remontam à Idade da Pedra (25.000 a.C.) com suas esculturas demonstrando esta mulher sagrada. No paleolítico, segundo Roberts (1998), as mulheres são mais livres e controladoras de sua sexualidade e fertilidade. Já no período nomeado de Pedra Polida (10.000 a 5.000 a.C.), com as constituições de comunidades agrícolas e, posteriormente, com a construção dos “protótipos” do que seriam as futuras cidades, o templo começa a ser o ponto de referência para construção e organização destas “cidades”. Próximo de 3.000 a.C., o matriarcado começa a ceder espaço forçosamente para o patriarcado da mesma forma começam a surgir deuses masculinos tentando destituir estas deusas – mulheres, femininas – para alavancar o poderio masculino na sociedade.

Os hindus encontravam, no ato sexual, uma fonte de vida e libertação e, se o sexo fosse praticado nos templos com as prostitutas sagradas, era possível até conseguir uma remissão ou expurgo dos pecados. As prostitutas, sagradas ou não, neste momento, encontravam grande tolerância e também eram divididas por classes ou categorias, dentre elas estão: as prostitutas comuns, denominadas *kalutas*; as *devadasees*, prostitutas que trabalhavam nos templos; e as cortesãs nominadas de *ganikas*.

Posterior ao período citado dos hindus e próximo a 3.000 a.C., observamos um novo modelo se organizando nos territórios. O patriarcado, juntamente com as instituições religiosas, começava a ganhar força e o matriarcado, que até então era o sistema regente, começava a perder força, sendo dissipado por esse novo *modus operandi*. Com esse novo contexto a mulher ingressava em um sistema de subversão, sendo “acuada” e tolhida com leis restritivas. Com isso, o futuro “sexo frágil” das “filhas de Eva” começava a ser nomeado e dividido em duas categorias, sendo essas: a mulher de “família”, a de respeito, as que já começavam a se curvar aos mandos do sexo oposto; e as “outras”, entre as quais encontramos as prostitutas e as mulheres que não se limitavam às ordens do masculino. Roberts (1998) nomeia esta dicotomia entre as mulheres de boa-menina, para as de “respeito”, e a má-menina, para o restante e, principalmente, para as prostitutas. Vale ressaltar que, mesmo colocando determinadas interdições nas mulheres e posicionando-as em extremos, o sexo continuava a ser sagrado, não encontrando ainda as duras leis da moralidade cristã que, em pouco tempo, viriam a tolir e estigmatizar todo modo de vida da mulher que não estivesse disposta a calar sua liberdade e a se submeter a um homem; em outras palavras a um dono.

E assim os profetas e sacerdotes começavam uma história de doutrinação e imposição de novas leis, que recaíam principalmente contra a mulher, disseminando, aos quatro ventos, uma inventiva noção de que a raiz de todos os males advinha da mulher; isso está intimamente ligado à liberdade e autonomia sexual que algumas mulheres ainda mantinham e fomentavam. Ao serem mulheres mais libertas e abertas, as prostitutas eram vistas como forma viva deste mal. Mas não foram somente elas as vítimas deste moralismo religioso, mas, “qualquer mulher podia ser vilipendiada, uma vítima do reino do terror moral, se ousasse ter um amante, vestir-se como lhe aprouvesse, adorasse a deusa ou ganhasse sua própria vida sem depender dos homens [...]” (ROBERTS, 1998, p. 30).

Assim, surgiu o estigma que vemos compartilhado até os dias atuais entre as prostitutas, que se estende a muitas mulheres que não se submetem às moralidades impostas pela religião e pelo patriarcado e seguem sendo erroneamente vitimizadas como a raiz e detentora de todo o mal.

Esta raiz também se colocava de forma bem clara na Grécia antiga, com algumas modificações, por meio do poder centrado nos gregos – homens – com alto poder aquisitivo que dominavam tanto seus escravos como estabeleciam o seu poderio sobre sua esposa, filha e mãe. A divisão entre as mulheres boas (as esposas e futuras esposas) e as más, o resto, continuava com grande vigor, com as mulheres “respeitáveis” vivendo confinadas em seus lares e em condições severas, tanto psicológicas como físicas – já que estavam sempre “escondidas” nos interiores das casas, aprendendo somente os afazeres domésticos para o cuidado do seu futuro lar.

Sólon, considerado o “pai da democracia ateniense”, foi o grande responsável por explicitar, através de leis, o lugar, ou melhor dizendo, o não-lugar da mulher na sociedade da época. O “pai da democracia”, era solícito e democrático, apenas com uma camada social: homens possuidores de grandes posses. O próprio Sólon, organizador de leis de distinção entre as mulheres, foi um grande aproveitador e explorador do trabalho das prostitutas, além de um grande organizador e proliferador dos bordéis⁶ estatais de Atenas. Visando os grandes lucros que as prostitutas arrecadavam, conseguiu, através desses proventos, financiar seu exército e construir grandes obras.

Esta nova máquina estatal, o bordel, foi recebida com grande alegria entre os milhares de clientes, porém as prostitutas se encontravam em maus lençóis. Segundo Roberts (1998), essas prostitutas eram chamadas de *deikteriades* e provinham do comércio nos mercados ou como prisioneiras de guerras. Viviam em situações deploráveis e se encontravam sobre o controle total do estado, visto que os seus salários ficavam em posse dos “gerentes” das casas, e o que conseguiam angariar vinha diretamente dos clientes. Mesmo assim, esses “agrados” eram taxados pelo “pai” da democracia ateniense. Roberts (1998, p. 36) descreve que considerar “as operárias do bordel como prostitutas é inadequado: elas eram *escravas* do sexo”.

Mesmo com os bordéis estatais a pleno vapor, encontramos também prostitutas independentes, que não queriam se submeter a um trabalho de escravidão ou semiescravidão. Dentro dessa classe de prostitutas independentes, encontramos as *hetairae*, a classe mais elevada dentre as trabalhadoras do sexo. Elas se encontravam em uma posição muito privilegiada. Eram conhecidas pelo vasto conhecimento intelectual, pela beleza e pelos seus dotes nos campos amorosos e sexuais. Encontravam-se em total liberdade e eram um

⁶ A etimologia da palavra bordel é de origem francesa, *boldel*, porém, devido às diversas mudanças, a palavra *boldel* hoje se encontra nos dicionários franceses escrita tal qual a língua portuguesa, *bordele*. Dentre os significados encontramos o de casa de prostituição, de acordo com o CNRTL.

contraste, pois, as mulheres, como já mencionado, viviam em total reclusão, tanto emotiva como física. As *hetairae* trabalhavam abertamente, segundo Roberts:

Cada cortesã tinha uma pedra que ela usava para registrar mensagens, e toda manhã um cliente lhe escrevia cumprimentos, juntamente com os detalhes mais práticos, como o horário sugerido e o preço. O escravo pessoal da prostituta levava a mensagem para sua senhora e, se os termos fossem do seu agrado, a cortesã se dispunha a encontrar com o cliente mais tarde, no cemitério. Ao anoitecer, o jardim repleto de belas mulheres e seus clientes, flertando, se divertindo, negociando. (ROBERTS, 1998, p. 41)

As *hetairae* eram excelentes comerciantes e possuíam magnífica retórica; elas eram doutrinadas nos *gynaceum*⁷ que geralmente pertenciam a outras *hetairae*. Pelo grande prestígio que as *hetairae* possuíam nesta sociedade, muitas mães incentivavam suas filhas a seguirem os passos desta categoria de prostitutas, pois surgia como a única forma de uma mulher estudar e instruir-se dentro da sociedade grega.

Uma *hetairae* muito conhecida foi Aspásia que passou por grandes provações. Estrangeira, chegou a Atenas em um momento de grande alvoroço, onde as mulheres não tinham voz nem vez, e os imigrantes passavam por duras restrições. De acordo com Abbott (2016, p. 35), “muito provavelmente Aspásia sustentou-se inicialmente entrando para o mundo nebuloso das *hetairae*, as mulheres de origem estrangeira que trocavam sexo, companhia e amizade por dinheiro e presentes caros”. Aspásia possuía tudo que uma *hetairae* precisava: beleza, inteligência, retórica, além de elegância e sofisticação. E foi assim que Aspásia conquistou o principal estadista de Atenas, de nome Péricles. Por Aspásia participar das questões dedicadas ao Estado, os opositores logo tentaram difamá-la e de forma persistente. O escritor satírico Crátinos chegou a chamá-la de “concubina de olhos de cadela” (ABBOTT, 2016, p. 37). Essa foi apenas uma das muitas humilhações pelas quais passou Aspásia; o motivo de tanto ódio pode ser resumido em três aspectos: ser mulher, inteligente e estrangeira. Sabemos pelo que passou Aspásia, mas não sabemos o seu fim, pois, com a morte de Péricles, ela se casa novamente, seu novo marido morre pouco tempo depois e, após estes infortúnios, a história não fornece mais informações sobre esta grande *hetairae*.

Dentro das classes das prostitutas, encontramos as *auletrides* que eram também musicistas e dançarinas. Esta classe se encontrava supostamente na condição de escrava, entretanto, assim como as *hetairae*, usufruíam de liberdade e muitas ainda de grande fortuna.

⁷ Segundo Roberts (1998), *gynaceum* era uma escola destinada às futuras *hetairae*, onde aprendiam das artes do amor passando pela literatura, filosofia, ciências e retórica. Em uma sociedade onde a mulher não tinha nenhum tipo de educação formal, estas prostitutas eram as mais cultas da Grécia.

Essa configuração se manteve por muito tempo, instaurada dentro da sociedade grega, ora com leis mais rígidas, ora mais brandas, porém sempre despertando sentimentos paradoxais dentro da comunidade.

Histórias não muito diferentes acometeram as prostitutas da antiga Roma, mas se alicerçando com algumas particularidades culturais que traremos à baila neste momento. A pré-história de Roma se assemelha à da Grécia, todavia o patriarcado foi mais rápido e tomou as rédeas de forma mais ágil. Mesmo com o homem no poder, as mulheres da aristocracia não herdaram as proibições das gregas, pois aqui, elas podiam usufruir de instrução assim como da cidade. A moral era ditada pelos imperadores e por toda aristocracia, que não era grande, mas, que dominavam todo o território através das posses financeiras e das posses de grande quantidade de escravos. Aqui a palavra democracia era inexistente. Dentre a sucessão de imperadores que se fixaram no poder, não observamos em nenhum deles uma vida celibatária e muito menos uma vida pudica. Eles foram grandes protagonistas de festas sexuais, orgias e tudo que a imaginação podia conceber; e isso se ampliava a algumas mulheres aristocratas, que preferiam se filiarem como prostitutas, para manterem sua liberdade e ganhos econômicos a terem de adentrar no mundo do matrimônio. Aqui o casamento servia para o acúmulo de poder entre as famílias e estava restrito às famílias de grandes posses.

Conforme nos descreve Roberts (1998, p. 61), “a prostituição na antiga Roma era uma profissão natural, aceita, sem nenhuma vergonha associada a essas mulheres trabalhadoras.” Isso não quer dizer, de forma alguma, que elas estavam inseridas em algum paraíso, já que grande parte das prostitutas eram escravas, ou campesinas fugidas da guerra e com necessidade de sobrevivência. Diferentemente da Grécia, aqui não encontramos bordéis estatais, mas a obrigação por parte das prostitutas de realizar um registro, a fim de contribuírem financeiramente com o estado. Em Roma, elas encontravam-se divididas em *meretrices*, que eram as prostitutas registradas, e as *prostibulae*, as prostitutas não registradas. Além desta distinção, encontramos outra grande divisão entre as prostitutas da classe mais baixa, totalizando doze classes distintas. Entre elas, destacam-se as *dorides*, que ficavam nuas nas soleiras das casas, as *copae*, que trabalhavam como prostitutas e garçonetes.

As prostitutas das classes mais baixas encontravam leis específicas para as suas vestimentas e acessórios, porém transgrediam-nas deliberadamente, dado que esta punição não era prioritária entre os controles dos aristocratas romanos. Já as classes mais altas das prostitutas romanas não estavam incluídas nas leis sobre as vestimentas. Elas, assim como na Grécia, tinham um status elevado na sociedade. Entre as classes, encontramos as *delicatae* e as *famosae* que geralmente advinham da alta classe romana.

Outro ponto distinto do povo grego são os mais variados lugares onde a prostituição era realizada. Entre eles, encontramos os *fornices*, arcadas de teatros, circos ou casa; os *stabulae*, que seriam grandes espaços sem divisórias e os atos aconteciam abertamente; os jardins, cemitérios e os lupanares, parecidos com a “estrutura” de hotéis, com cada prostituta situada em um quarto com seu valor expresso na porta; além é claro, dos bordéis e tavernas.

Essa realidade de grande agitação sexual, com moralismos mascarados para continuação de todas as práticas dos “grandes” romanos e da prostituição inserida em todas as camadas sociais de Roma, durou até a queda da civilização romana, quando o cristianismo foi instaurado e novamente, assim como aconteceu na civilização grega, a prostituta vem a ser a raiz de todo mal da sociedade e uma fonte inesgotável de corrupção.

Com a inserção do cristianismo, as perseguições e humilhações contra a prostituta se tornaram uma constante no decorrer dos séculos. Diante disso, daremos um salto histórico e nos concentraremos no período que abarca o final da Idade Média e a transição para a Idade Moderna, no qual é possível visualizarmos de modo mais claro e amplo os mais diversos modos de vida que perpassavam a vida das prostitutas.

1.2 A PROSTITUIÇÃO NA IDADE MÉDIA E MODERNA: EXPANSÃO MARÍTIMA, RENASCIMENTO, REFORMA E ILUMINISMO

Para adentrar-nos nos meios de prostituição, que se multiplicavam às margens do rio Ródano com a expansão marítima, nascendo na Suíça, atravessando grande parte da França e desaguando no mar mediterrâneo, nos pautaremos nos estudos do historiador Rossiaud (1991). Este espaço europeu, que era uma grande rota de comércio e estava às margens de grandes cidades, fez da prostituição um meio articulador à vida dos sujeitos nativos e estrangeiros que viviam ou passavam pelas cidades, se tornando, assim, um exemplo importante para nos aprofundar nas relações mercadológicas do corpo, na prostituição.

Aqui, como em outras partes, a prostituição era institucionalizada, mas se fez por meios complexos e se desenvolveu em muitos casos como forma de utilidade pública, para manter a aparente paz e ordem nas cidades.

Segundo Rossiaud (1991, p. 49), “a construção do bordel não respondia apenas a uma necessidade de segurança coletiva, mas também assegurava satisfação parcial aos impulsos mais recônditos dos homens”. Percebemos que a prostituta era marcada como uma “protetora” do meio social, assegurando que os homens pudessem satisfazer aos seus instintos sem

molestarem as mulheres de “bem”. Porém, a história não ocorreu totalmente como prevista, as violências sexuais eram constantes e, geralmente, se davam através de grupos de jovens que, como diziam os magistrados da época, precisavam dar vazão aos “impulsos da natureza”. Como sempre as vítimas preferidas destes jovens eram mulheres que se centravam em esferas sociais mais baixas, e como a maior parte destas mulheres não apresentava queixas, seja por vergonha, medo ou represálias, estes cidadãos saíam totalmente ilesos, sem nenhuma punição pelos atos que cometiam.

Além dos bordéis serem tratados como espaços para abrandar a natureza masculina, eram considerados ambientes, nos quais esses jovens e adolescentes podiam demonstrar sua heterossexualidade e estarem inseridos em círculos sociais, que geralmente estavam ligados às classes mais altas e médias. Com estes indícios, notamos uma insegurança contínua para com a mulher, principalmente àquelas que não se encontravam nas altas classes e eram colocadas como “apaziguadoras” da natureza masculina, ou, por outro lado, às “encarceradas dentro dos seus lares”, principalmente na mocidade no qual tudo girava em torno da insegurança. Nas palavras de Rossiaud (1991, p. 53), “o inferno das mulheres é apenas um purgatório que dura o tempo da ‘juventude’”.

Como dito anteriormente, as prostitutas eram colocadas como as “protetoras” da moral e dos bons costumes. Podemos observar aí um paradoxo, pois, em alguns momentos, estas mulheres eram enxotadas e excluídas do convívio social, mas, sempre quando “necessárias”, eram aclamadas como as únicas salvadoras. Esta contradição fez e faz parte da vida das filhas de Eva.

Quando a religião entra no seio da vida íntima da população, as coisas ficavam ainda mais confusas e contraditórias. Podemos tomar, como exemplo, a lei do matrimônio, que estava impregnada de outras intenções desligadas da esperada normalização da forma de amor entre duas pessoas, mas como forma de apaziguar os instintos masculinos e trazer também os interesses econômicos e sociais. Contudo, os maridos não podiam se entregar a todos os seus desejos com a sua esposa, pois como “todos os moralistas o repetem: abandonar-se aos sentidos no casamento é mais grave do que fora dele” (ROSSIAUD, 1991, p. 74). Grandes nomes da igreja católica, como São Tomás e outros tantos pertencentes aos clérigos, começavam a formar conjuntos ideológicos, sempre favorecendo o gênero e as vontades masculinas, apregoando que as fofocações com as prostitutas públicas não trariam consequências para o campo espiritual ao afirmarem que o amor venal não seria uma forma de pecado. Essa desvinculação do amor venal ao pecado não aconteceu à toa ou por obra do acaso, essas conexões estavam permeadas de interesses financeiros, pois esses “novos

homens” sem pecado, eram provedores de grandes oferendas, em dinheiro, destinadas às igrejas.

Os homens da época alastravam que a mulher era sempre o princípio de todos os males, que somente dela que provinha toda a lascívia, toda a luxúria.

Assim, a prostituição é ordenada pelo bem comum: necessidade social; nenhuma necessidade de fomentar o mal, pois as mulheres são, sabe-se muito bem, fornicadoras, luxuriosas, insaciáveis por natureza. Elas se vendem ou se oferecem; mesmo forçadas, devem ser consideradas culpadas; vítimas do rapto ou do estupro (São Tomás e depois Jacques de Vitry o assinalavam), elas se inclinavam à devassidão e são ainda pecadoras quando tem orgulho da sua beleza. (ROSSIAUD, 1991, p. 79).

Observamos o descredenciamento da mulher nesta sociedade. Ela era julgada e condenada. Mesmo sem crime ou pecado, a culpa sempre recaía sobre ela. Notamos, nos discursos advindos das alas masculinas e mais abastadas, uma forma de imputar ao outro os pecados, os males e a devassidão que, frequentemente, faziam parte da constituição e do dia a dia deles próprios. A sociedade patriarcal precisava de algo ou alguém para aliviar sua culpa, e nada mais clássico que culpabilizar o outro, como forma de continuar sendo o exemplar aparente dos bons costumes e da moral, tão importante e tão falha, entretantes, dentro desta mesma sociedade.

A sociedade, instaurada na França do século XV, apregoava a sexualidade masculina como parte integrante da natureza do homem. Nisto também podemos inserir a masturbação que, em determinados momentos anteriores, era proibida para ambos os sexos, mas depois foi admitida, pelo menos aos homens. Uma vez completamente proibida para a mulher, isso se traduzia, no caso de uma mulher ser flagrada, em atentados graves contra a moral que resultavam em punições.

Seguindo os ensejos da sociedade francesa, com a pobreza alarmante, muitas mulheres eram levadas à prostituição como forma de sobrevivência. Outras se sobressaíam na profissão, e é, daqui que aparecem as primeiras grandes cortesãs que se diferenciavam das prostitutas tradicionais, por não estarem inseridas nos bordéis, mas em casas próprias. Escolhiam seus acompanhantes, eram cultas, com um alto nível de educação. Alguns moralistas da época colocavam-nas como um grande problema, maior que qualquer outro problema, pois a cortesã “ela sempre exige mais dinheiro e vestidos; assim, é capaz de arruinar os jovens e tornar-se mais temível que os jogos de dados” (ROSSIAUD, 1991, p. 122).

Como forma de acabar com as cortesãs, já consideradas um vício quase mortal, eles, os “donos” do poder, leiam-se a igreja e os homens mais abastados, começaram a culpabilizar as cortesãs de crimes contra a sociedade. Esses crimes estavam relacionados aos rompantes cometidos por alguns homens que se encontravam apaixonados por alguma cortesã. Esses delitos começaram a ser tratados como graves, mas a culpa, nesses casos, não recaía ao homem que cometia o crime, e sim, à cortesã que o fez apaixonar-se.

E assim, por volta do ano de 1500, a igreja começava a criar estratégias para conter a prostituição, e de forma geral, a força de luta que as mulheres vinham conquistando na sociedade. Rossiaud (1991) demonstra de forma clara qual era o pensamento para uma nova forma de opressão contra a mulher.

O matrimônio, para o homem como remédio, deve ser para a mulher uma disciplina; constitui o elemento principal de um sistema carcerário, uma redução à obediência. A desordem pode ser evitada se as filhas obedecem aos seus pais e as mulheres aos seus maridos. Daí a necessidade de banir os maus costumes do namoro, de conservar as filhas em casa, de deserdá-las quando se rebelam. Se o homem peca ao romper o vínculo, toda transgressão expõe a esposa a uma infâmia perpétua. É preciso que o adultério – feminino – volte a ser crime público, publicamente reprimido. (ROSSIAUD, 1991, p. 134)

A retomada das antigas leis foi viabilizada de forma a confrontar as pequenas aberturas sociais que a mulher estava angariando e, assim, a fortificar o patriarcado como única e honrada forma de desenvolvimento da sociedade. Estas críticas patriarcais, que primeiro advinham de teólogos católicos e futuros reformadores, demonstravam a que se reduzia o papel da mulher na sociedade, diga-se o casamento e a reprodução.

Mesmo contando com leis e outros desmandos e repressões que figuravam contra ela, a prostituição continuava inserida nos costumes e nas socializações tanto da população francesa como de toda a Europa. Observamos, neste contexto, como a prostituição se desenvolveu ao longo do Ródano e constatamos também que todo movimento da prostituição passa por altos e baixos, porém nunca era extinto e sempre estava ligado a valores morais vigentes em cada época e em cada sociedade.

Seguiremos nossa trajetória histórica sobre a prostituição deixando a Idade Média, adentrando à Renascença e conhecendo um pouco desse meio de vida na Idade Moderna.

O período Renascentista trouxe avanços econômicos, tecnológicos e no pensamento coletivo. Aqui, o homem era colocado no centro, a partir dele que tudo irradiava e se desenvolvia. Isso ocorreu devido ao retorno dos pensamentos classicistas grego e romano, em

que o homem era a cabeça e o comandante em tudo que se relaciona aos negócios e à política. Neste momento, vemos as mulheres novamente saindo de uma mínima participação na vida pública e sendo introduzidas numa vida extremamente privada. Conforme as palavras de Roberts (1992, p. 129), “a vida doméstica deveria ser o reino da mulher, [...] segundo o ideal renascentista, as mulheres casadas tinham de ser obscuras e obedientes, confinadas aos espaços sombrios das vidas de seus homens”.

Com a reclusão total das mulheres de “família” ou as “boas” mulheres, ressurgiram as prostitutas de classe alta, as cortesãs. Na França, como mencionada anteriormente, elas começaram a ganhar força no final da Idade Média. Na Itália, elas apareceram de forma mais intensa no início do Renascimento, usando todo seu intelecto e talento, servindo filósofos, artistas e políticos proeminentes da época. Mesmo encontrando, na cortesã, todas as qualidades possíveis, os escárnios eram sempre os mesmos para ela ou para as prostitutas de rua. No entanto, não podemos discordar que cada uma sofria em graus bem diferenciados, ainda que no imaginário coletivo todas se colocassem de uma mesma forma ou dentro de uma mesma perspectiva, que era a de estarem para servir de forma civilizadora a sociedade. Em outras palavras, para o ajustamento familiar dentro da moralidade patriarcal instaurada, observamos também que se passavam os séculos, mas as perspectivas da sociedade para com a prostituta continuavam iguais, extremamente egoístas, interesseiras e preconceituosas.

Nesse período, as cortesãs não tinham mais o afã que existia na antiguidade, como gozavam as *hetairae*, por exemplo, de serem respeitadas, admiradas e de participarem de cargos administrativos. Neste momento, já não existia vestígio da prostituta sagrada ou o do respeito e, com as mudanças que estavam prestes a ocorrer, o caminho ficaria cada vez mais escuro e sinuoso.

Com as mudanças sociais, as mulheres começaram a sofrer a exclusão no mercado de trabalho e, para piorar, no ano de 1522, um jurista francês, de nome Tiraqueau, decretou que as mulheres eram seres incapazes. Este cidadão estabeleceu que “na legislação criminal francesa, as mulheres passaram a ser consideradas irresponsáveis devido à ‘imbecilidade’ do seu sexo; logo, como um corolário a isso, o estupro de uma prostituta deixou de ser crime” (ROBERTS, 1992, p. 138).

As mulheres esbarravam há todo momento nessa misoginia e ignorância e, junto à brutalidade contra elas, começaram a ganhar ares de legitimação por grande parte da sociedade. Isso era legitimado mesmo que muitas pessoas soubessem que esse era um plano intelectual e odioso por parte de uma classe específica de indivíduos, para macular ainda mais a imagem da mulher. Nesse momento, o percurso para as prostitutas e para as mulheres que

não se enquadravam na classificação de “boas” meninas começa se insinuar mais sombrio, pois, com a entrada da Reforma Protestante e da Contrarreforma formulada pela igreja católica, a “caça às bruxas” se tornou cada vez mais forte e mais feroz.

Sabemos que a Reforma Protestante tinha o intuito de combater toda corrupção que estava instaurada dentro da igreja católica. A primeira manifestação concreta ocorreu quando Martinho Lutero, em 31 de outubro de 1517, afixa, na Abadia de *Westminster*, as suas 95 teses que estavam principalmente fundamentadas contra o comércio de indulgências que acrescia e muito os cofres da igreja católica. Todavia, esta reforma não se centrava somente nas indulgências ou no clero, mas, em uma sociedade que se encontrava totalmente corrompida dentro da sua moral. Dois grandes nomes do protestantismo, Lutero e, posteriormente, João Calvino, pretendiam com esta reforma alcançar “a construção de uma sociedade ‘purificada’, obediente, temente a Deus e orientada para o trabalho” (ROBERTS, 1992, p. 140).

Tanto a Reforma como a Contrarreforma apregoavam um olhar ainda mais severo à moralidade sexual. O protestantismo pregava que o sexo poderia ocorrer somente dentro do casamento e condenava veementemente as pessoas que saíssem desta conduta. A mulher tinha a única função de cuidar da casa e gerar filhos crentes e tementes a Deus. De acordo com Roberts (1992, p. 142), Calvino pensava esta mulher de uma forma que, “se a mulher ficar esgotada e finalmente morrer no parto, não importa. Deixe-a morrer de parto, ela está aí para isso”. Notamos, nessa frase de Calvino, desrespeito, desconsideração e subjugação da mulher, mesmo a considerada “boa”, pois ela estava apenas para servir e reproduzir, mesmo que isso lhe custasse a vida.

Se para as mulheres “boas” não existia um mínimo de respeito, para as prostitutas as tormentas pioravam em demasia, fazendo-as começar a sofrer terríveis punições, desde os fechamentos dos bordéis, perdendo assim seus empregos e sua forma de sobrevivência, até terríveis espancamentos, enxovalhamentos em praça pública, expulsões da cidade, afogamentos, prisões, trabalhos pesados, dentre outros. Outro ponto também adotado pelo poderio religioso era o de colocar a prostituta como a portadora e transmissora de uma doença. Atualmente nós sabemos que se trata da sífilis, doença sexualmente transmissível. Contudo, esses homens que apregoavam essa doença como sendo transmitida durante o ato sexual não tinham ciência que era assim que ela era propagada. Eles acreditavam e argumentavam que essa doença era uma forma de Deus punir a imoralidade que advinha da prostituta, e mais uma vez, a mulher foi vista como a fonte de todo mal e todo pecado instaurado na sociedade.

Mesmo o século XVI sendo extremamente repressor para a mulher, e principalmente para as prostitutas, o ofício do trabalho sexual não podia parar, pois a demanda nunca parou. Várias foram as frases ditas sobre a necessidade dos bordéis e Roberts (1992, p. 152) descreve uma delas: “pois as casas de prostituição, disse um deles em um sermão em Pauls Cross, são tão necessárias na sociedade como um mictório em banheiro masculino”. Observamos que os séculos foram passando, mas as chamadas “necessidades masculinas” continuavam sendo vistas e contempladas; foi nessa época também, quando se teve a primeira história de bordéis infantis na Inglaterra, as meninas eram raptadas ou vendidas pelos familiares para este trabalho, e tinham idade média entre 7 a 14 anos, e viviam praticamente em um processo de escravidão, assim como a maioria das prostitutas de classe baixa de Londres.

Com a revolução inglesa no começo do século XVII, a monarquia conseguiu se reerguer na sociedade, e, com isso, operou um retorno das cortesãs e das prostitutas, pois a demanda entre a aristocracia se fazia intensa. Dentro das cortes, muitas prostitutas fizeram fortuna e conseguiram prestígio na sociedade, como os nomes de *Catherine Sedley*, *Nell Gwyn*, *Elizabeth Barry*, entre outras. Todas tinham em comum a origem de uma vida de extrema pobreza que se destinou aos palcos dos teatros e da vida. Aqui, o teatro se tornava um grande centro de prostituição, tanto como lugar físico e/ou como vitrine para as belas atrizes, pois “a prostituição – e em menor escala, o palco – eram as únicas carreiras abertas ao talento e à ambição das mulheres em uma sociedade em que havia limites rígidos entre as classes” (ROBERTS, 1992, p. 183).

Notamos que para uma mulher conseguir o que se chamamos de um lugar ao sol, era preciso se inserir nos meandros do poder, e uma das formas de conseguir tal propósito era utilizando-se, ou melhor, trocando ou vendendo, o corpo, a beleza, a juventude para os detentores do poder e do dinheiro.

O poder e o dinheiro no século XVIII traziam novas possibilidades de experiências sexuais. Essas novas formas de excitação vinham da abertura de novos bordéis, com uma variedade de modalidades sexuais; dentre elas, voyeurismo, sadomasoquismo, defloração, orgias e tudo que pudesse virar comércio dos corpos. Uma das práticas requisitadas neste século era o açoitamento e esta prática ocorria dentro de todas as classes, e principalmente na classe mais alta.

O Iluminismo chegou com perspectivas aparentemente boas, trazendo novos olhares, porém a sua novidade não era tão nova assim. Buscaram inspiração no pensamento classicista de Atenas, onde “mais uma vez, as mulheres deveriam ser separadas dos homens e não ser tratadas como suas iguais, ficando confinadas ao lar e à vida doméstica e se dedicando à

maternidade” (ROBERTS, 1992, p. 199). O pensador Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) compartilhava deste pensamento, e apregoava uma família nuclear e a mulher serviente somente para procriação.

Mesmo com a grande pressão contra as mulheres, os gostos aristocráticos ainda privilegiavam o comércio das prostitutas e o seu número aumentou de forma intensa nas ruas. Isso também ocorreu devido à expulsão dos camponeses da área rural para os centros urbanos e por conta da escassez de empregos para as mulheres que as fazia vagar pelas ruas, encontrando como única forma de sobrevivência a venda do seu corpo ou, algumas vezes, os pequenos crimes em prol da sua subsistência e a de seus filhos, quando os tinham.

Esse período histórico trouxe, na literatura, uma confusão quanto à posição das mulheres. Muitas são descritas pelos homens iluministas de forma idealizada e não como de fato eram. Outra categoria que muito sofreu foram os homossexuais, que, contrariando o modo com que os homens deveriam se portar na época, isto é, pela “força-física, a imagem de ‘macho’ do homem heterossexual acabou definindo a cultura do homem ‘normal’; o inverso foi o novo estereótipo do homem ‘anormal’”. (ROUSSEAU; PORTER, 1999, p. 19)

Embora, o período do Iluminismo tenha apregoadado e reforçado os diversos preconceitos contra as mulheres, as prostitutas e os homossexuais, ele não foi só movido a repressões. Foi também um momento de grande transição, no qual começaram a florescer novas formas de pensar, que seriam mais aprofundadas e adotadas posteriormente. Esses pensamentos reverberaram em questões relacionadas à infância, na abertura para a literatura erótica e nas formas de sexualidades, sendo necessário dizer que muito se caminhou, porém muito ainda se mantém até hoje sob o véu do desconhecimento histórico.

1.3 OS BORDÉIS

Dentre as incontáveis histórias que ainda se mantêm envoltas por véus, a dos bordéis é um desses elementos que instigam a muitos historiadores, pois através deles é possível ter uma dimensão do funcionamento de cada sociedade.

A palavra bordel, de forma pejorativa, nos remete a algum lugar no qual encontramos confusão, bagunça ou, como descrita nos dicionários, a uma casa onde acontece o comércio sexual. Na Roma antiga, era chamado de lupanar, mas muitos outros nomes foram utilizados no decorrer dos séculos como: tabernas, prostíbulos, casa de tolerância, zona, cabaré, puteiro, inferninho, entre tantos outros. Para Murphy (1994, p. 11), “qualquer que seja o termo

utilizado, porém, o que confere um interesse extraordinário ao bordel é o modo como ele reflete a sociedade onde funciona”.

Os primeiros prostíbulos encontravam-se frequentemente dentro dos templos antigos, quando o sexo passou do sagrado para o comércio venal. No decorrer da história, também, encontramos várias casas de uma única mulher onde o comércio sexual acontecia. Encontramos o exemplo de *Rahab*, a prostituta, que realizava o comércio de seu corpo na sua casa, e que ficou conhecida historicamente, pois se tornou esposa de Josué, o profeta. Murphy (1994) também contou a primeira história de que se tem conhecimento de uma garota de programa. O nome da mulher não foi citado, mas ela foi contratada por *Gilgamé* por volta do ano de 2.750 a.C. para por à prova a força de um guerreiro de nome *Enkidu* e para, durante sete noites, dormir com ele até que, no último dia, lhe faltasse força para a batalha.

Os bordéis egípcios eram levantados ostentando pedras preciosas e objetos conquistados de povos inimigos. Um objeto muito usado nas fachadas das casas que sinalizada, naquele lugar, a ocorrência do comércio venal do sexo era o falo, o qual se encontrava de todos os tamanhos e inseridos na porta de entrada. Tempos depois, o objeto usado seria uma luz vermelha na entrada do estabelecimento.

No tempo das cruzadas, quando os guerreiros estavam muitas vezes em lugares inóspitos, as tendas faziam as vezes de bordéis, sem o luxo dos lupanares, mas com a “mão de obra” que eles almejavam.

A prosperidade dos bordéis estava diretamente relacionada com a posição de cada rei ou governante. Murphy (1994) descreveu a visita do rei Sigismundo a Ulm, no ano de 1434, com as prostitutas vestidas de veludo à espera da corte real, ou, quando o rei Carlos V visitou Nuremberg, as trabalhadoras dos bordéis, todas, estavam apenas vestindo uma guirlanda de flores na cabeça à espera do monarca e de sua comissão real. Mesmo com esta movimentação, muitos destes governantes, apreciadores desta “mão de obra”, tentavam impedir o trabalho das prostitutas com leis, impostos, castigos e tudo o mais em nome da moral e dos bons costumes, que, contraditoriamente, eles não praticavam quando inseridos entre os muros da sua intimidade. Podemos definir, de forma ampla, os três estágios pelos quais passaram os bordéis:

No continente, nos mil anos que se sucederam à queda de Roma e precederam a Renascença (...). Primeiro, quase de extinção, quando as ondas de bárbaros avançaram do oriente para o ocidente; depois uma vida de saltimbancos quando as Cruzadas, em ondas sucessivas, arremeteram do ocidente para o oriente; depois, em terceiro lugar e graças ao desenvolvimento das guildas e ao apoio recebido da realeza e da nobreza

eclesiástica, sequeiros de lucros, os bordéis se tornaram instituições aceitas e mesmo altamente valorizadas, tal como as existentes na Grécia e em Roma. (MURPHY, 1994, p. 64)

Historicamente, temos os bordéis instalados nos antigos templos. Posteriormente em tendas e casas. Nos séculos XII e XIII eram casas de dois pisos, algumas com quintais e sendo grande parte dos imóveis de propriedade da igreja. Os nomes dos bordéis de que se tem notícia são bem sugestivos “A cabeça de touro”, “O clube social”, “A galera”; nomes também pejorativos são encontrados nas ruas onde se situavam, como “Buraco da devassa”, “rua da Braguilha”, “Ninho da Puta”, “Pátio de corno”, de acordo com Murphy (1994).

Quando as Cruzadas e o comércio com o Oriente estavam em expansão, os europeus ficaram “estarecidos” com algumas descobertas como, por exemplo, a dos haréns. Para esses europeus, eram bordéis com dimensões nunca antes imaginadas, ainda que haréns não fossem bordéis propriamente ditos, pois não existia a troca monetária pelo usufruto do corpo. Os bordéis começaram a se constituir “tal como nas civilizações anteriores, a institucionalização árabe da prostituição tem suas raízes no comércio de escravos” (MURPHY, 1994, p. 107).

Se teve notícias dos primeiros bordéis nos anos 700 d.C. na cidade de Bagdá, e sua estrutura não era muito diferente da dos outros espalhados pelo mundo, ao contar com os ambientes mais simples e os mais luxuosos, forrados com tapetes e almofadas. Existia também uma espécie de prostituição institucionalizada, que acontecia por meio de contratos de semicasamentos. Como a castidade era “obrigatória” e as leis eram pesadas, estes acordos ocorriam através de um dote que, muitas vezes, era ínfimo. Este “casamento” poderia ter a duração de somente uma noite e a noiva não poderia exigir nada do atual e imediatamente futuro ex-marido, sendo uma forma de conseguir sexo com a anuência da sociedade.

Séculos depois, mais especificamente entre século XIV e XV, um livro chegou para aguçar ou ensinar um pouco mais sobre sexo e prazer. O livro era *O Jardim perfumado* escrito por Shaykh Umar ibn Muhammed al-Nefzawi e que, posteriormente, foi traduzido e comercializado pelo francês *Richard Burton*. Nesse livro, encontramos ensinamentos de como o homem deve agir com a mulher. Detalha posições sexuais, contestando algumas existentes no Kama Sutra, que diz ser impossível realizá-las, descreve os muitos nomes dos órgãos sexuais, traz significados para os sonhos, receitas para impotência, esterilidade e outros tantos problemas, bem como técnicas para aumentar o tamanho do pênis, além de sugerir dietas e conselhos para o homem manter sua virilidade, como por exemplo, tomar mel, sementes de cebola, e nunca visitar um bordel após as refeições.

Encontramos nos bordéis mulçumanos divisões entre as prostitutas, muito parecidas com o sistema grego:

As prostitutas comuns eram chamadas *kehbehs*. As bailarinas nuas viraram *shermooodehs*. As equivalentes das *hetaerae* gregas e das *delicatae* romanas ficaram conhecidas como *auliemehs*, cujo nome provavelmente derivava da pérfida Dalila, que privara Sansão de seu vigor. Na época, tal como hoje, o *gawad* significava “pessoa que guia”, e isso era exatamente o que faziam os cafetões que percorriam as ruas estreitas e o labirinto de ruelas, dentro e ao redor dos *suqs* e praças e mercados. (MURPHY, 1994, p. 118)

Notamos que, mesmo entre povos e tempos tão distintos, existia uma similitude tanto do funcionamento como das posições ocupadas por cada personagem social.

Em se tratando de bordéis, um dos que são agradavelmente descritos era o do povo hindu, o qual era ornamentado com flores e essências, pois os ídolos de sua religião recebiam flores diariamente. Além do ambiente, as cortesãs e clientes usavam guirlandas. Elas, ao lado de atenderem em bordéis, também atendiam em suas casas que exibiam ornamentos e aromas, como colchões perfumados. Essências e loções eram espalhadas pela habitação e folhas de algumas plantas eram mastigadas para amenizar o hálito.

No período de 600 a 900 na China, além dos bordéis tradicionais, encontramos também um novo ambiente chamado *wa-tzu*, onde as belas damas e os cavalheiros também podiam se distrair com peças, cantos e danças. Uma marca que se fez presente aqui e em grande parte dos bordéis era o consumo exagerado de bebidas alcóolicas. Isso faz parte dos ganhos das casas, mas também era uma forma de deixar os homens mais vulneráveis, tornando-os presas fáceis para os roubos e extorsões, histórias que estão intimamente ligadas à vida nos bordéis.

No Japão, existiam os bordéis regulares e os templos-bordéis, onde, devido às divindades fálicas dos xintoístas, existia uma adoração. Mas, além dessas divindades fálicas, encontramos também um símbolo feminino de adoração: o *kwan-Non*. Esses lugares eram templos dedicados à deusa do sexo e, a partir destes templos, com o comércio venal se expandindo, o espaço e a prostituição perdem o lugar de sagrado e adentram ao profano. Como em todos os bordéis ao redor do mundo, as cortesãs eram divididas por classes aqui também. Dentre elas as *Tayu*, *Koshi-joro*, *Tsu-bone*, *Sancha-joro*, *Umecca-joro* e as *Kirimise-joro*; elas estão nomeadas respectivamente das categorias mais elevadas para as prostitutas típicas dos bordéis. De acordo com Murphy, a palavra em japonês para bordel traz alguns significados, entre eles:

Assim como o aquecedor que esquentava a água do banho fez do *English stew* um sinônimo para bordel, a palavra japonesa para bordel, *kutsuwa*, passou a identificar o dono do estabelecimento. De acordo com determinada teoria, o *kutsuwa* vem do caractere chinês para “esquecer oito”, no sentido de que quando a pessoa entrava nas casas do Mundo Flutuante imediatamente esquecia as oito virtudes: respeito filial, cortesia fraternal, lealdade, sinceridade, delicadeza, honradez, integridade e sentido de vergonha. (MURPHY, 1994, p. 150)

Notamos que todo tipo de escrúpulos poderia e deveria ser reservado à vida cotidiana. Mas não ali, onde tudo era permitido desde que o cliente pudesse efetuar o pagamento exigido. Dentre os mais variados tipos de prostitutas, uma que chamava muito a atenção e causa certa confusão são as *geishas*⁸, que, de acordo com a etimologia, significa “pessoa com arte”. A princípio, as *geishas* estavam instaladas nos bordéis para entreter e divertir os homens, através do canto da dança e para realizar outras tantas cerimônias que pertenciam aos japoneses, mas não para o sexo. Porém, com o tempo, muitas dessas mulheres de artes foram se tornando amantes de homens poderosos e sendo sustentadas por eles, se tornando, assim, grandes cortesãs.

Outro fato marcante nas prostitutas japonesas era as maquiagens e roupas usadas, pois essa composição beirava um grande ritual. O rosto, o ombro e o colo eram cobertos com um pó branco; as sobrancelhas pintadas de negro com delineamento em vermelho. A pintura dos lábios não seguia o contorno da boca, mas um desenho que se assemelha a um botão de rosa; as vestimentas eram elaboradas com três camadas, além dos cintos e faixas. Murphy (1994, p. 153) relata que “enroladas em formas de tubo até a pobre garota ficar mais parecida com uma múmia estofada que com um objeto sexual”; poderíamos considerá-la quase uma criatura etérea que exalava um grande apelo erótico e, através de todos estes rituais, tanto da vestimenta como de sua retirada, estava devidamente inserida na cultura japonesa.

As *geishas* advinham, em sua maioria, de classes muito baixas, e tinham nessa prática a melhor forma de ascensão social enquanto mulher, nas condições em que se encontravam. Elas, inicialmente adolescentes, passavam por rigorosos treinamentos para garantir e manter os padrões desta mulher tão misteriosa, submissa, discreta, exótica e, ao mesmo tempo, erótica. Essas mulheres, passavam por toda uma preparação para sua iniciação sexual, que era nomeado de *mizu-age*. Essa forma era caracterizava em etapas:

⁸ Alguns autores utilizam a grafia *gueixas* (com x), optamos pela grafia descrita acima, pois um dos teóricos, Emmet Murphy, que mais abordamos neste subcapítulo, a utiliza deste forma.

Um homem mais velho e experiente passava sete noites com a gueixa virgem, massageando a parte interna de suas coxas com clara de ovo e subindo mais um pouco cada noite, até aquela em que penetrava seu órgão genital com os dedos exploratórios. (ABBOTT, 2016, p. 80)

Muitas dessas *geishas* estavam inseridas nas casas de chás, vulgarmente conhecidas como bordéis; locais estes que eram mais elitizados e seguiam ritos culturais próprios de sua cultura. Contudo, mesmo com toda essa mística que rondava aquelas personagens, a maioria se via enredada no estigma maior de continuar sendo uma prostituta, uma cortesã, uma concubina ou amante. Essas posições se encontravam e se encontram transpassadas de estigmas e, muitas vezes, colocadas à margem do social.

1.4 CONCUBINAS, AMANTES E AS MARIAS MADALENAS DA BÍBLIA

A palavra concubina advém do latim *concumbere* que significa “deitar-se com”, e vem significar uma mulher que praticava atos sexuais com um homem sem estar casada com ele. Até aqui nenhum problema aparente, se estes atos fossem de livre e espontânea vontade da parte da mulher ao assumir esta posição. Entretanto, isto não ocorria, de acordo com a história.

A pesquisadora Abbott (2016) faz uma reflexão bastante abrangente sobre as concubinas:

Em muitas culturas orientais, o concubinato era uma condição integrante do casamento, e não periférica ou paralela, sendo os direitos e deveres das concubinas previstos na legislação ou nos costumes. Muitas vezes as concubinas viviam na casa do seu senhor, sob o mesmo teto que a esposa e outras concubinas. Nas residências mais modestas, uma ou duas concubinas auxiliam a esposa nas tarefas domésticas. As concubinas tinham obrigações sexuais equivalentes às da esposa, entre elas a fidelidade, estando confinadas à mesma esfera doméstica. E para isso havia excelentes motivos. Em forte contraste com as amantes ocidentais, um dos principais deveres da maioria das concubinas orientais era trazer ao mundo os herdeiros do seu senhor. (ABBOTT, 2016, p. 22)

Grande parcela das concubinas encontrava-se em total estado de escravidão, possuindo somente deveres e nenhum direito, com sua maior função sendo a de satisfazer o bel prazer do seu senhor, além da realização dos serviços domésticos. Nas sociedades orientais, também observamos as mulheres sendo tratadas como seres inferiores e dotadas de pouco ou nenhum

prestígio. As religiões orientais, o confucionismo e o budismo, tais como as religiões do ocidente, eram grandes responsáveis por essa subjugação da mulher.

No Oriente, as concubinas faziam parte constituinte da família. Elas, muitas vezes, eram dadas como forma de “presente”, e suas origens estavam ligadas a arranjos comerciais entre as famílias ou ao abandono ou à venda de meninas por seus pais. A seleção das concubinas era feita de forma variável. Se fosse pelo homem, eles observavam a beleza. Se fosse feita pela mulher, ela preferiria as não dotadas de beleza física, para que não houvesse ameaça da concubina se tornar a preferida do marido.

O comércio de concubinas na China, as *mooi-jais*, seguia um ritual, o *shou-ma*. As garotas eram expostas e deviam exibir todo o corpo para verificação do cliente; outro fato que era explorado era o cheiro destas mulheres. Na descrição feita por Abbott (2016, p. 64), primeiro averiguava-se “os dentes e o hálito, depois nas axilas e às vezes também o odor vaginal. Uma tâmara podia ser introduzida na vagina, para em seguida ser cheirada ou lambidas pelos clientes”. A total condição de escravidão a que essas mulheres eram submetidas, além dos inúmeros problemas que encontrariam depois nas casas, como as imensas disputas entre as concubinas, entre as empregadas e entre as concubinas e as esposas, propiciava casos que acabavam em mortes misteriosas, jamais descobertas, ou jamais investigadas. Uma das saídas que essas mulheres encontravam era buscar refúgio no ópio, como forma de acalmar ou anestesiá-las a vida ou os sofrimentos imediatos.

No Japão antigo, as mulheres tinham um maior *status*. Isso se devia à religião xintoísta, que tinha, como divindades, as forças da natureza. Aqui, tanto homens quanto mulheres podiam usufruir de forma legalizada de sua sexualidade. Muitas mulheres chegaram ao posto de governantes, mas, desgraçadamente, as mesmas mulheres que conseguiram chegar ao poder, também colocaram suas irmãs do mesmo sexo no cerne do preconceito e da subjugação, implantando a religião budista no país. Nas palavras de Abbott (2016, p. 74), o que nos parece claro era a nova situação que a mulher japonesa se deparou, “com o tempo, a misoginia que está no cerne do budismo veio a permear a sociedade japonesa, [...] os direitos da mulher recuaram em todas as frentes”. Com isso a “necessidade” de manter uma legião de concubinas se institucionalizava e ganhava espaço dentro das famílias japonesas.

As histórias das concubinas perpassam os continentes e as religiões. Uma dessas histórias diz respeito a uma mulher de nome Agar. Tal história é considerada uma das primeiras escritas sobre o concubinato já registrada, na Bíblia Sagrada. No primeiro livro de *Gênesis*, Agar era criada de Sara, mulher de Abraão. Sara, já com idade avançada, não tinha dado filhos a Abraão e, como de costume, para garantir a descendência, Sara ofereceu sua

criada para que Abraão a possuísse. Assim ele o fez, e *Agar* deu a luz a Ismael. Porém, antes de Agar ter o menino, diz à história que ela foi arrogante e agiu com desprezo com Sara, e, como isso não era permitido, esta a castigou. Agar, com medo, fugiu para o deserto, onde o anjo do Senhor pediu que ela se humilhasse a sua senhora e voltasse a casa; e ela o fez. Muitos foram os contratempos ainda enfrentados por Agar e seu filho, mas, como nos descreve Abbott:

Agar tornou-se um símbolo dos despossuídos e perseguidos, uma mulher explorada sexual e economicamente, destituída de direitos, abandonada sem qualquer ajuda. Ao contrário de outras mulheres às quais igualmente aconteceram coisas terríveis, contudo Agar foi salva da miséria e da fatalidade pelo próprio Deus. (ABBOTT, 2016, p. 33)

Sabemos que a maioria das mulheres não teve e não tem a sorte ou o “milagre” que Agar encontrou. A vida das concubinas sempre foi permeada de desenganos, confusões e de um total desdém sobre sua condição de mulher e, principalmente, de ser humano.

Os escritos sagrados também nos relatam outra história de concubinato e nos arrebatam com um final muito trágico. A história está no livro de *Juízes*, em que o narrador nos descreve sobre um homem viajante e de origem levita. Em uma de suas viagens, este homem arrumou uma concubina, e a levou para viver com ele em um lugar distante de sua casa, especificamente, em uma região montanhosa de Efraim. A moça, por algum motivo não mencionado nas Escrituras, deixou seu “companheiro” e voltou para casa de seu pai em Belém de Judá. Passado um tempo, a mulher não voltara e, então, o levita, foi até Belém para encontrá-la. Chegando à cidade, foi recebido pelo seu pai da moça, e lá ficou cinco dias, até que a mulher consentisse voltar com ele para a casa em Efraim. No percurso de volta pararam em Gibeá para passar a noite, porém a cidade não dispunha de vagas e nem de lugar nas hospedarias. Depois de ficarem um tempo parados na praça da cidade sem saber o que fazer, um senhor de idade avançada os convidou para pernoitar em sua casa. Quando já haviam se instalado na casa do homem, e estavam tomando a ceia, alguns homens, habitantes da cidade, bateram na casa e pediram que o idoso levasse o homem, que havia sido visto parado antes na praça, para fora da casa, para que eles pudessem abusar dele. Mesmo com a insistência do ancião de que não cometessem essa loucura, os homens queriam alguém para saciar o desejo que sentiam. Nesse momento, como forma de aplacar a ira dos homens que aguardavam na porta, o ancião ofereceu a concubina do levita, como nos explicita o excerto abaixo:

Minha filha virgem e a concubina dele trarei para fora; humilhai-as e fazei delas o que melhor vos agrada; porém a este homem não façais semelhante loucura. Porém aqueles homens não o quiseram ouvir; então pegou a concubina do levita e entregou a eles fora, e eles forçaram e abusaram dela toda a noite até pela manhã; e, subindo a alva, a deixaram. Ao romper da manhã, vindo a mulher, caiu à porta da casa do homem, onde estava o seu Senhor, e ali ficou até que se fez dia claro. Levantando-se pela manhã o seu senhor, abriu as portas da casa e, saindo a seguir o seu caminho, eia que a mulher, sua concubina jazia à porta da casa [...] Chegando a casa, tomou de um cutelo e, pegando a concubina, a despedaçou por seus ossos em doze partes; e as enviou por todos os limites de Israel. (JUÍZES 19: 24-29)

Essa passagem é de uma covardia e brutalidade para com a concubina que nos mostra a primazia da honra do homem e como a mulher podia ser forjada a ferro e a fogo em detrimento disso. Na narrativa, esse episódio se expandiu repetidamente por muitos povos, o que gerou um grande conflito e findou em mais mortes e mais intrigas.

Outra concubina, que fez parte durante anos da vida do fervoroso Agostinho, que viria a ser posteriormente Santo Agostinho, é uma mulher sem nome. Abbott (2016) colocou um nome fictício para ela, Dolorosa, como tradução da vida desta mulher.

Ela nunca foi citada por Agostinho, mas teve grande importância em sua vida religiosa. “Dolorosa” viveu com Agostinho durante quinze anos e foi mãe de seu único filho, Adeodato. Quando a conheceu, Agostinho era ainda um estudante e, assim como todo estudante de poucas posses, mas de muita inteligência, almejava uma carreira na administração jurídica imperial.

Dolorosa encaixava-se perfeitamente nesse contexto. Mesmo no ambiente de cristianização do século IV, os estudantes tinham concubinas que vinham a abandonar quando encontravam a mulher certa para casar. Nem o passar dos séculos nem o cristianismo haviam mudado essa instituição. O concubinato era uma união de longo prazo, monógama para a mulher. As concubinas eram escravas ou mulheres socialmente inferiores com os quais os amantes não desejariam casar-se, uma perspectiva elitista que era corroborada pelos líderes da Igreja cristã. Na verdade, esses homens ensinavam que mandar embora uma concubina (e seus filhos) constituía um aperfeiçoamento moral. (ABBOTT, 2016, p. 54)

Agostinho travava uma séria luta interna com seus valores. Ele, ainda nesta época, era seguidor do maniqueísmo enquanto Dolorosa era cristã fervorosa. Contudo, o que o afligia, verdadeiramente, era o que ele chamava de “doença da carne”. Sua sexualidade aguçada e sua busca em saciá-la eram motivo de grande preocupação para o futuro santo, dado que esses pensamentos, por vezes, tiravam a sua concentração para as coisas mais importantes, como seus estudos. Agostinho fora fiel a sua concubina desde seu encontro com ela – coisa rara

naquele tempo, já que as concubinas eram tratadas como uma amante ou uma “segunda opção” –, porém nunca a assumiu. Em um determinado momento de sua vida procurou por uma esposa, para facilitar sua ascensão no meio social, mas essa ideia se dissipou, quando Agostinho, adotando o cristianismo como sua religião e negando os desejos da carne, entra para comunidade monástica e faz o voto pela castidade. A partir dessa decisão, ele enviou sua sempre companheira, de volta para sua terra natal; contudo, ela vai só, pois ele fica com o filho dos dois, que veio a falecer pouco tempo depois. Agostinho poderia ter continuado com sua concubina, coisa comum entre os clérigos daquele momento, mas devido à sua luta interna com sua sexualidade e à sua vontade de chegar a uma posição elevada, deixou quem ele sempre amou, mas nunca demonstrou de forma clara.

No início e durante os séculos seguintes à implantação do cristianismo, foi imposto o celibato clerical como forma dos integrantes do clero de concentrar seus pensamentos e esforços somente à Igreja. Isso era o que os superiores alegavam, apesar de, como nos explica Abbott (2016 p. 206) que “à parte qualquer preocupação de ordem teológica, contudo, o principal argumento em favor do celibato clerical era a crescente riqueza da Igreja”. Essa era a forma de preservar o patrimônio, pois com o casamento e, conseqüentemente, filhos, os clérigos poderiam requerer parte do montante.

Mesmo com todos os entraves colocados às concubinas e amantes, elas nunca deixaram de esquentar os “frios” lençóis desses religiosos. Uma pesquisa feita entre os anos de 1583 a 1584, na Baviera, relatou que 70% dos padres viviam com concubinas e que, na maioria das vezes, elas se apresentavam como as governantas, cozinheiras ou envolvidas em algum trabalho doméstico, protegendo assim sua permanência na casa.

Um problema recorrente entre estes casais “ilegais”, que eram compostos pelos padres ou algum participante do clérigo e suas “ajudantes do lar”, era quando a mulher gerava filhos desse relacionamento proibido.

Longe da possibilidade de crescerem como rebentos desejados de uma união de amor, os filhos gerados nessas ligações secretas e perigosas eram vistos como prova irrefutável de uma transgressão sexual. Havia casos em que os pais, em desespero de causa- um padre que havia gerado um filho ou uma mãe concubina-, abandonavam e mesmo matavam os filhos. Muitas vezes as amantes grávidas eram abandonadas pelos padres, suportando sozinhas a vergonha e a miséria da condição de mães solteiras. (ABBOTT, 2016, p. 212)

As mulheres, como sempre, sofriam os escárnios e o julgo da sociedade, além de, muitas vezes, serem separadas de seus filhos, desconsiderando todo amor que estas mulheres

tinham pelas crias recém-nascidas. Isso era feito simplesmente para não comprometer, diante da sociedade e da Igreja, o homem que, na realidade, tinha a obrigação de servir de modelo e de não trazer o “pecado” para junto da casa paroquial. Não estamos aqui em um tribunal de inquisição, julgando se o padre está certo ou errado. Estamos simplesmente questionando o fato de, para entrar e prosseguir na caminhada eclesiástica, o celibato ser peça fundante e universal. Mesmo assim, os religiosos entravam sabendo desta condição de vida e, contudo, viviam como se não a soubessem, enganando mulheres que buscavam na religião um consolo para seu sofrimento e que, muitas vezes, ao invés do consolo, encontravam mais sofrimento e falta de entendimento por parte da sociedade.

Encontramos, também, as concubinas nos antigos e nem tão antigos assim, haréns do Oriente. Os haréns eram, em sua maioria, superpovoados por essas moças que ansiavam por uma posição de destaque. Não entraremos em mais detalhes desses haréns, pois, independente do lugar, as concubinas, sempre de forma ou outra, estavam lutando por sua sobrevivência. Elas exerciam um tipo de prostituição do corpo, algumas vezes se encontrando em um processo de escravidão. Essa condição foi criando desdobramentos e outras novas formas, como a prostituição e a condição de amante.

Podemos dizer que amante é um indivíduo que se relaciona sexual e emocionalmente com outro. Essa outra pessoa, geralmente, está inserida em outro relacionamento, sendo casado ou estando a caminho do matrimônio; “a condição de amante é indissociável do casamento, a principal instituição da sociedade humana, e quase automaticamente implica infidelidade conjugal, às vezes por parte do marido, às vezes, da mulher” (ABBOTT, 2016, p. 20).

Como nos comprova a história, os casamentos eram grandes arranjos sociais e econômicos, em que o amor romântico era praticamente inexistente. Os casamentos baseados apenas nos laços amorosos começaram a acontecer somente no final do século XVIII e início do século XIX, devido aos sentimentos exaltados pela cultura romântica. Esses acordos eram uma constante na classe mais abastada e na monarquia, para criar laços com outros países e muitas vezes aplacar ou amenizar guerras, expandindo seus poderes territoriais e sociais.

Os noivos destes casamentos arranjados, muitas vezes, se viam apenas uma vez antes das bodas ou em alguns casos somente na hora do matrimônio, “esperava-se que os maridos e esposas coabitassem e funcionassem como uma unidade econômica, gerando e criando filhos” (ABBOTT, 2016, p. 21). O lado sentimental, amoroso, não estava em cogitação e sim o cumprimento do contrato matrimonial. A partir desses arranjos, muitos homens ainda não se

sentiam contemplados amorosa e sexualmente e, assim, surgem as inúmeras histórias das amantes.

Uma famosa amante que virou inspiração de muitos poemas foi Corina, conhecida como Corina de Ovídio. Isso ocorreu nas primeiras décadas depois de Cristo. Não se sabe o nome verdadeiro de Corina, mas existem suposições que ela era Julia, filha de Augusto de Roma, e que foi rechaçada pelo pai por não cumprir os preceitos de “boa” moça da época. Nesse momento, Roma passava por uma conturbada crise nos seus valores sociais e morais. As mulheres continuavam com a obrigação de submissão aos homens. Eles continuavam com suas concubinas para não lhes faltar sexo, descartando-as quando bem entendessem ou quando contraíssem um casamento, além de terem sempre a mercê o serviço das cortesãs e prostitutas; isso para classe mais abastada. Encontramos, aqui, um sistema chamado de *paterfamilias* que é descrito dessa forma:

Era um regime jurídico impressionante na maneira como subjugava as mulheres. A autoridade legal do pai – *pátria potestas* – origina-se em seus próprios interesses, e não nos da mulher ou dos filhos, mesmo quando estes eram adultos. Ela começava quando o recém-nascido era depositado aos seus pés para que ele exercesse o direito de triagem mortal. Se o pai apanhasse o menino que choramingava ou ordenasse que a menina fosse alimentada, estava concedendo a vida. Caso contrário, o bebê era asfixiado, morria de fome ou era abandonado nas colinas ou à beira dos rios para ser morto por animais selvagens. Como se poderia esperar, era muito menor o número de meninos que tinham esse destino do que o de meninas. (ABBOTT, 2016, p. 42)

Embora muitas meninas morressem, algumas eram salvas ou já eram condenadas desde o nascimento a serem moeda de troca ou objetos de venda por parte de seus pais. Aquelas que se salvavam também não conseguiam um refrigerio com o casamento. Se elas fossem flagradas cometendo algum delito, como beber alguma bebida alcoólica, os maridos podiam espancá-las ou até matá-las.

Corina foi apresentada nos poemas de Ovídio como “sua amante voluntariosa, sensual e infiel” (ABBOTT, 2016, p. 45). Ela era casada com um homem de idade bastante avançada, e sempre teve seus casos e amantes. Gostava de receber presentes e buscava seu prazer sexual. Ovídio, seu amante, sentia ciúmes de tudo, inclusive de seu marido, e mesmo sendo apaixonado por ela, ele era muitas vezes ofensivo, quando falava “você é adorável demais para ser virtuosa, pois a beleza e a virtude são incompatíveis.” (ABBOTT, 2016, p. 49). No livro de poemas *Amores*, o autor declamará sobre todo este universo erótico de infidelidade, amor, paixão, prazer, problemas de ereção, etc. Corina, uma esposa, amante, mas antes de

tudo mulher, desconsiderava o fardo imposto pela sociedade de ser fiel a um casamento acordado, de gerar filhos, e fez o que a grande maioria jamais ousaria pensar, pelo menos naquela época: usufruir de seu corpo e se tornar amante por livre e espontânea vontade.

Dentre as tantas histórias de mulheres que se tornaram amantes por vontade externa a elas e as de que foram por livre e espontânea vontade, encontramos uma infinidade de nomes e casos, principalmente sobre as amantes ligadas às monarquias e a grandes nomes do âmbito social e artístico, já que a história as tem feito mais conhecidas. Podemos citar *Germaine de Foix* (1488-1538) que, primeiramente, foi rainha, fruto do último casamento de Fernando (o católico) da Espanha, e aos vinte e nove anos, após a morte de seu pai, torna-se amante do novo rei, o neto de Fernando, o inexperiente Carlos, de apenas dezessete anos. O exemplo, aqui, não teve mandante nem maquinações, pois simplesmente os dois se deixaram levar pela paixão; e a antiga rainha assumiu o posto de amante.

A história nos relata que, Ana Bolena (1501-1536), primeira amante e depois esposa de Henrique VIII, segundo Del Hierro (2015 p. 61), foi “intrigante e ambiciosa para uns, vítima inocente das artimanhas do ambiente em que vivia para outros, o certo é que sua morte foi um exemplo de dignidade e abnegação”. Ana teve um final bastante trágico; depois de presa sob falsas acusações, teve sua cabeça decapitada.

Encontramos, também, uma amante que mudou drasticamente o destino de seu povo. Seu nome Marina, depois conhecida como *Malinche*. Essa menina, mexicana, filha de um cacique riquíssimo, foi enredada por um destino cruel. Depois da morte de seu pai, sua mãe casou-se novamente e, ao engravidar de um menino, para que esse fosse o único herdeiro de tudo, simula a morte da menina juntamente com seu novo esposo. Nessa simulação, eles usaram o corpo de outra pessoa para comprovar a morte, mas a verdade é que a menina foi vendida como escrava. Os livros de história deixam algumas dúvidas nas entrelinhas, mas é bem provável que ela tenha sofrido abusos sexuais nesse processo de escravidão pelo qual passou por um tempo.

Com a chegada de Hernán Cortés e seu grupo de conquistadores espanhóis, a menina, que agora já não era tão menina e mostrou-se muito inteligente e refinada, foi entregue, junto com outras jovens, a este grupo de estrangeiros. Malinche primeiro se relacionou com um soldado do grupo de Cortés. Porém, com o passar do tempo, o próprio Hernán se interessou tanto pela beleza, como pela inteligência e perspicácia de Malinche. Com isso, se “livrou” de forma rápida do soldado que nutria um relacionamento com Malinche, o enviando de volta para Espanha, e declarando, falsamente, que nesse momento ele seria mais importante em terras espanholas. Além do papel de amante, Malinche teve um papel fundamental na tomada

dos espanhóis contra o império de Montezuma, pois, além de tradutora, tinha uma visão política e psicológica do povo, mostrando estratégias para o avanço da tomada espanhola sobre o México. Por ser uma das grandes responsáveis pela queda do seu próprio povo mexicano sob os europeus espanhóis, sem Malinche dificilmente Cortés conseguiria vencer esta batalha. Mesmo sendo grato e demonstrando muito carinho e respeito por ela, ele jamais a assumiria como esposa, pois, sendo indígena e mexicana, não teria o respeito dos espanhóis, e se frustraria aos planos de uma vida na nobreza espanhola.

No século XVIII, o famoso filósofo Voltaire e a culta, inteligente e envolvente *Émilie du Châlet* se renderam a paixão dos amantes. Ela, amante dos livros e das ciências exatas, era casada, tinha um casal de filhos e conheceu Voltaire, que já contava com quase quarenta anos de idade. A paixão dos dois durou até a morte prematura de Émilie e passou por algumas pausas, decorrentes de problemas com jogo e com outros amantes dela. Ela, em alguns momentos da vida, se entregava à jogatina como forma de saciar a voracidade que lhe sucumbia. O relacionamento, mesmo com os tantos entraves, foi de extrema importância para cada um, tanto no lado emocional como no intelectual. De acordo com Abbott (2016, p. 316), “Voltaire não deixou de reconhecer sua enorme contribuição para sua própria obra, e na correspondência particular com eminentes pensadores europeus reiterava o quanto devia a ela”. Émilie foi mais que apenas uma amante para os prazeres carnavais, ela foi uma companheira, amiga, musa e correspondente intelectual, demonstrando que a extensão deste “posto” de amante podia variar de acordo com a expectativa e o potencial de cada um dos envolvidos na relação.

Infinitas são as histórias envolvendo esses relacionamentos, contudo, cada amante traz uma história singular. Se o que levou cada indivíduo a se envolver nesse “jogo” amoroso foi a paixão, o interesse ou outros tantos motivos, sabemos apenas o que a história nos deixou nas páginas dos livros. Se essas amantes encontraram felicidade ou sofrimento estando ao lado desses homens, muitas das histórias conseguem mesclar um pouco de cada sentimento. Mas, a maioria desemboca em um final mortífero, de completa reclusão, ou de extrema pobreza. Se foram amadas ou usadas, ou se amaram ou apenas usufruíram, a história costuma trazer a amante, a mulher, como a culpada pelo destino dos ocorridos. Mesmo em se tratando das mais belas histórias de amor, uma amante será sempre tratada como a outra, a que está no lugar errado, ou a que está na posição de somente “acalentar” os rompantes próprios dos homens. Vemos que as mulheres tão calmas e passivas estavam apenas para satisfazê-los, ignorando uma vida repleta de sentimentos ou uma subjetividade que as constituísse, cada uma a seu modo diante desses relacionamentos.

Esses sentimentos que recaem sobre as concubinas e amantes incidem também nas prostitutas. Pensando nesse percurso que transpassa as vidas dessas mulheres, não podemos ignorar as tantas histórias de prostitutas, ou mulheres assim nomeadas, que encontramos no livro mais lido no mundo, a Bíblia Sagrada. Iremos nos concentrar em algumas dessas descrições. Para isso, fez-se necessário considerar que o livro bíblico traz uma instrução moralizante e é dotado de inúmeras recomendações e proibições. Como nos explicou o pesquisador Kirsch (1998, p. 16), “pouco há que uma pessoa não possa encontrar, que é, na verdade, um fantástico repositório de leis, lendas, história, política, propaganda, poesia, oração, ética, genealogia, práticas de higiene, táticas militares, conselhos dietéticos [...]”.

Muito foi dito e escrito na Bíblia sobre e em relação à mulher. Não podemos esquecer que, nas grandes histórias contadas e recontadas nas missas e cultos, muitas vezes, a mulher é relegada a um segundo plano, ou pior, é posta como a culpada de grandes desastres e desgraças. Por exemplo, como quando Deus fez primeiro o homem “à sua imagem e semelhança” e, somente após este homem “moldado”, procedeu a “construção” da mulher, a partir de um pedaço da costela deste homem, Adão. Tempos depois, a mulher, Eva, é a culpada de levar o homem a pecar, se tornando assim, a raiz de todo mal que recaiu sobre o mundo. Sabemos que essas histórias bíblicas foram escritas e reescritas anos e séculos após as narrativas terem sido primariamente descritas, e muito pode se ter perdido ou alterado nestes documentos. Kirsch (1998) relata-nos que muitas palavras ou expressões foram adulteradas, como forma de suavizar determinados trechos que poderiam ser chocantes ou pouco compreendidos. Ele também descreveu que os tradutores bíblicos podiam trabalhar como censores da moral e dos bons costumes. Sabemos que nós, os seres humanos, somos dotados e perpassados pela linguagem, temos a necessidade de comunicação e a de saber nossas histórias que remontam a tempos antiquíssimos. Observando que aqui não iremos contestar ou problematizar o surgimento da raça humana, estamos apenas relatando as histórias bíblicas, pois, através dessas histórias, iremos desdobrar muitas outras para falar do tema que nos interessa: as prostitutas nas Escrituras Sagradas.

A forma como Kirsch expressa o que é a Bíblia nos parece muito interessante e abrangente:

A Bíblia é um mapa da alma humana, e nenhuma sala secreta ou passagem escondida é omitida. E é um mapa cujo criador, fosse ele humano ou divino, via com olhos bondosos e compassivos até mesmo nossas mais exóticas paixões. Por isso é que as histórias proibidas da Bíblia, não são apenas leitura boa e divertida; acima de tudo, afirmam as qualidades essenciais que, para começar, nos tornam humanos. (KIRSCH, 1998, p. 28)

Essa definição é muito importante para demonstrar a subjetividade que abarca cada indivíduo, para indicar que todos somos compostos por lados, muitas vezes, obscuros, e que cada um traz a sua história – aqui não nos cabe julgar, mas, apresentar como essas personagens foram condenadas antes mesmo de serem julgadas, somente pelo fato de terem em sua constituição o feminino apregoado como a raiz de todo mal.

O primeiro livro da Bíblia é chamado de *Gênesis*, no qual encontramos a descrição da criação do mundo e do homem por Deus. Encontramos também a história de Ló e sua família. Ló era um homem temente a Deus e, devido a sua obediência e servidão, Deus o poupou na hora da destruição da cidade de Sodoma, onde, conforme nos descreve a Bíblia, todos viviam em grande devassidão. A ordem era que ele e sua família deixassem a cidade sem olhar para trás; porém, sua esposa, no momento da destruição da cidade, olhou e imediatamente foi transformada em uma coluna de sal. Com isso, só restaram Ló e suas duas filhas, que não têm seus nomes citados. Eram chamadas somente de filha mais velha e filha mais nova.

Nesse momento, é oportuno tratarmos do impasse descrito na Bíblia. Ló já se encontrava em idade avançada e as meninas, com medo de não encontrarem outro homem para dar continuidade a sua linhagem, embriagam Ló, seu pai, e, uma noite, a mais velha dorme com ele, e no outro dia, também depois de embebedá-lo, a mais nova faz a mesma coisa. Muito se diz sobre esta atitude das filhas de Ló, alguns que isso seria o grande pecado do incesto, outros que as filhas de Ló se jogaram na cama de seu pai, como prostitutas. No entanto, independente do julgamento, elas conseguiram o que almejavam. Tanto a filha mais velha como a mais nova conseguiram engravidar e assim asseguraram a continuação de uma grande linhagem. Se elas cometeram algum pecado, ou se usufruíram dos seus corpos, não sabemos precisar, pois, como dito anteriormente, não nos cabe julgar, mas compreender as necessidades que as filhas de Ló possuíam naquele momento. Elas foram mulheres fortes e decididas, conquistando, assim, o que se propuseram a fazer.

O maior problema encontrado é a severidade com que as mulheres eram e são julgadas e isso decorre, primeiramente, dos representantes religiosos na terra, perpassando a sociedade; no caso das filhas de Ló, elas foram de certa forma, “absolvidas” dos crimes de incesto e devassidão, pois, através de seus ventres e descendentes, foi construído “um elo crucial na cadeia vital ininterrupta que leva diretamente à Criação ao Messias” (KIRSCH, 1998, p. 73). Todavia, veremos que outras mulheres não encontraram tanta benevolência assim.

Continuando ainda no livro de *Gênesis*, encontraremos a história de Diná, uma mulher que foi tomada à força como objeto de desejo, “Viu-a Siquém, filho de heveu Hamor, que era príncipe daquela terra, e, tomando-a, a possui e assim a humilhou” (GÊNESIS, 34:1). Em

outras traduções, podemos encontrar a palavra violentou-a no lugar de humilhou. Após esse estupro, o príncipe queria ter Diná como sua esposa e, assim, juntamente com seu pai e seus homens, foi falar com o pai e os irmãos de Diná. A partir desta conversa e da combinação entre as famílias é que Siquém pôde se casar com Diná e, assim, conseguir tirar a vergonha que foi colocada sobre ela e sobre toda a família. Os irmãos de Diná julgaram que ele a tratou como se ela fosse uma prostituta. Nesse ínterim, foi feito um acordo de que todos os homens da terra de Hemor deveriam ser circuncidados⁹, pois, na família de Jacó, pai de Diná, todos os homens o eram. A partir deste desdobramento, temos um dos maiores massacres bíblicos. A história se desenrola quando todos os homens são circuncidados. Devido a isso, todos estão de repouso em suas casas, quando, sem o consentimento e a ajuda do pai, Jacó, e dos outros irmãos, os irmãos de Diná, Simeão e Levi, resolvem matar todos os homens da tribo de Hemor, aproveitando que todos estavam convalescentes. Esse episódio podemos nomear como de uma verdadeira barbárie. Além do banho de sangue, outra coisa que nos chama a atenção é que, em nenhum momento Diná é inquirida sobre nada. Não sabemos se Diná gostava ou não de Siquém, ou se ela aprovou toda a matança; o que sabemos é que, naquele período, a mulher não tinha vez nem voz e acreditamos que, com essas histórias, a misoginia foi se consolidando e passando de geração em geração, encontrando principalmente, nos escritos sagrados, o aval necessário para calar e escamotear esta ou qualquer outra mulher.

As histórias de barbáries contemplam grande parte das Escrituras e são geralmente brigas religiosas e pela posse da terra, como no exemplo entre a tribo de Jacó, pai de Diná, e a tribo de Hemor, que não eram tementes a Deus.

Encontramos uma história parecida na época de Moisés. Durante a peregrinação no deserto, o povo “escolhido” começou a se relacionar com as “filhas de *Moabe*”, as madianitas, que eram seguidoras de outros deuses e frequentavam outros templos. Moisés já havia advertido que não era para os israelitas manterem nenhum tipo de contato com o povo midianita, ou outros povos estrangeiros. Como forma de frear estes relacionamentos, Deus disse a Moisés:

Vinga os filhos de Israel dos midianitas; depois, serás recolhido ao teu povo. Falou, pois, Moisés ao povo dizendo: Armai alguns de vós para a guerra, e que saiam contra os midianitas, para fazerem a vingança do Senhor contra eles. Mil homens de cada tribo entre todas as tribos de Israel enviareis à guerra. [...] Pelejaram contra os midianitas, como o Senhor ordenara a Moisés, e mataram todo homem feito. Mataram, além dos que já haviam sido

⁹ Circuncisão é um corte no prepúcio, usado como rito religioso entre judeus e muçulmanos e como medida sanitária na cirurgia moderna; peritomia, postectomia, postetomia.

mortos, os reis dos midianitas, Evi, Requéim, Zur, Hur e Reba, cinco reis dos midianitas, [...] Porém os filhos de Israel levaram presas as mulheres dos midianitas e suas crianças, também levaram todos os seus animais, e todo o seu gado, e todos os seus bens. (NÚMEROS, 31: 1-12)

Se a consumação do povo midianita está demonstrada no excerto acima, infelizmente, essa história ainda não tinha chegado ao fim, pois, quando os guerreiros Israelitas chegaram com as mulheres madianitas e seus filhos, Moisés indignou-se e ordenou que matassem todas as mulheres que não eram virgens, juntamente com seus filhos. Para ele, “por conselho de Balaão, fizeram prevaricar os filhos de Israel contra o Senhor, no caso de Peor, pelo que houve a praga entre a congregação do Senhor” (NÚMEROS 31:16). E, assim, todos foram mortos, sendo poupadas apenas as meninas virgens que foram entregues aos soldados. Encontramos, aqui, o destino da vida destas mulheres, não traçado por elas, mas, por homens que as colocaram em um estado de escravidão e prostituição, usando de seus corpos e desconsiderando toda a sua individualidade. Além de colocar o outro, as mulheres, nessa condição, o “povo” de Moisés, o fez alegando a “afirmativa” de Deus, acreditando que sua forma de agir para com o outro, e principalmente com o sexo feminino, estava correta e em consonância com as leis morais e religiosas, cerceadoras da liberdade, da vida e da subjetividade de milhões de mulheres durante longos períodos.

Outra história que a Bíblia nos descreve é a vida de *Tamar*, inserida no primeiro livro da Bíblia, o *Gênesis*. Tamar foi escolhida como esposa do primogênito de Judá, de nome *Er*, porém, por algum motivo não descrito, ele some. A única coisa descrita sobre seu sumiço é, “Er, porém, o primogênito de Judá, era perverso perante o Senhor, pelo que o Senhor o fez morrer” (GÊNESIS, 38:7), deixando, assim, Tamar sozinha. Pelas leis do “casamento levirático¹⁰”, o outro filho de Judá e cunhado de Tamar prestaria apenas um serviço sexual, dando filhos a Tamar, para assim continuar o legado do seu irmão. Porém o cunhado de nome *Onã* sabia “que o filho não seria tido por seu; e todas as vezes que possuía a mulher de seu irmão deixava o sêmen cair na terra, para não dar descendência a seu irmão. Isso, porém, que fazia, era mau perante o Senhor, pelo que também a este fez morrer.” (GÊNESIS, 38:9-10). Morrendo seus dois filhos, Judá ainda tinha um terceiro menino, de nome *Selá*. Assim exigiu que Tamar voltasse para a terra dos seus pais e quando o filho menor estivesse com idade suficiente Judá a chamaria de volta, para assim cumprir com sua palavra e dar descendência a seu primogênito; ao que ela obedeceu. O tempo passou e Tamar começou a perceber fios de

¹⁰ Casamento levirático – costume encontrado no antigo testamento, que obrigava um irmão ou parente próximo a casar-se ou dormir com a mulher que ficasse viúva e que ainda não tivesse gerado descendentes.

cabelos brancos em sua cabeça. Como forma de conseguir um filho da descendência de *Er*, ela se colocou como uma prostituta em um caminho específico por onde sabia que seu sogro iria passar; e assim seduziu Judá, sem que ele soubesse que era a sua nora. A corajosa mulher engravidou de gêmeos, e deu à luz a *Perés* e *Zerá* com uma descendência de grandes Reis até Jesus de Nazaré, o filho de Deus.

A história de Tamar é descrita por Kirsch da seguinte maneira:

Assim, a emboscada sexual, armada por Tamar contra Judá na estrada de Timná, foi o ato de uma mulher corajosa e engenhosa que recusava a aceitar passivamente o destino decretado pelo patriarcado do antigo Israel para uma viúva sem filhos. Tamar não foi apenas uma sedutora que astuciosamente induziu o sogro a lhe dar filhos fazendo-se de prostituta. Em vez disso, foi uma mulher que lutou por seus direitos legais da única maneira que dispunha uma mulher na época e no lugar em que ela vivia. (KIRSCH, 1998, p. 151)

Essa mulher, Tamar, pode causar em alguns leitores uma completa aversão ou censura, pois ela usou da sua sexualidade e sensualidade para conseguir o que lhe era de direito. Porém, esse estranhamento ocorre principalmente por esse plano, de certa forma ardiloso, vir de uma mulher, pois em outras histórias bíblicas grandes nomes, entre eles os considerados “Santos”, usaram de mentiras e trapaças para conseguirem seus propósitos. Podemos citar quando Abraão falou ao rei que Sara era sua irmã e não sua esposa, pois tinha medo da morte e estava conseguindo muitos benefícios. Mas isso não inspira desconfiança ou descrédito como foram colocados sobre as costas de Tamar; do contrário, mais uma vez corrobora para a constatação de que, quando o olhar transpassa para o feminino, os preconceitos alcançam proporções que o gênero masculino pouco ou nada conhecem.

O livro de *Josué* e o livro de *Tiago* nos conta a história de *Raabe*, a prostituta que foi salva, junto à sua família e seus bens, da destruição da cidade, pois tinha escondido e ajudado os mensageiros enviados de Israel, além de ser temente ao Senhor, Jeová.

Outra personagem que suscita uma série de histórias e rumores é Maria Madalena. Há especulações de que ela se relacionou com Jesus, o filho de Deus, enquanto muitos dizem que ela era uma prostituta que se arrependeu dos pecados e seguiu a Jesus. Porém, encontramos passagens sobre ela nos quatro primeiros livros do Novo Testamento – *Mateus*, *Marcos*, *Lucas* e *João* – e, em nenhum deles, é citado o trabalho exercido por Maria de Madalena e muito menos que ela era prostituta. Porém, no imaginário de uma grande parcela da humanidade, a história já está incrustada e sendo reproduzida e interpretada erroneamente. Existem várias teorias sobre este “mito” que foi criado sobre Maria Madalena, mas, como não

encontramos bases sólidas para a comprovação dessas teorias, ficaremos somente com o mito e sem as explicações que ainda estão sendo estudadas e teorizadas sobre o assunto.

Nessas histórias que percorremos nas Escrituras Sagradas, encontramos, novamente, a mulher sendo relegada, subjugada e sacrificada, mas também encontramos mulheres fortes, que lutavam como conseguiam para se impor perante o outro e perante a sociedade. O nome de Maria Madalena que se encontra também no subcapítulo foi colocado propositalmente, pois como explanamos acima, nos registros nada nos diz que ela era prostituta, mas, mesmo assim, o estigma de prostituta alcança um valor acima do seu valor de mulher, de indivíduo, da sua subjetividade, sendo apenas caracterizada e rotulada pela sua imaginária “profissão” e desconsiderando tudo que a compõe.

1.5 UMA DOR SENTIDA NA ALMA: O ESTUPRO

Um dos maiores medos de uma mulher é o de ser estuprada. A vítima do estupro traz consigo, além das marcas corporais, marcas morais e marcas indeléveis no seu psiquismo. A história do estupro está transpassada pela história da violência e da subjugação da mulher. A posição inferiorizada que a sociedade, repetidas vezes, construiu sobre a mulher tenta “legitimar”, muitas vezes, a ação do estuprador, culpabilizando a vítima, colocando-a como a provocadora, sedutora e, mais uma vez, a mulher raiz de todo mal. Abarcaremos um pouco da história do estupro a partir do século XVI, chegando até o século XVIII, para compreendermos melhor esse universo, de profundo medo, ao qual a mulher está sujeitada e para, posteriormente, conseguir uma análise mais profunda sobre a personagem base deste trabalho: *Fanny Hill*.

Nos séculos passados, o estupro sempre foi um crime muito condenado juridicamente, mas pouco penalizado. De acordo com Vigarello, os poderosos da lei mantinham tal postura:

Eles as condenam e perdoam ao mesmo tempo, oscilando entre indulgência e repressão, jogando com o que seriam hoje uma inaceitável tolerância e uma inaceitável crueldade. A resposta jurídica ao estupro repercute, até certo ponto, a resposta jurídica à violência comum: ato de homem fora de si, frenético, algumas vezes castigado com sangue, em gera esquecido na banalidade da vida. É esse paralelo com a violência familiar e cotidiana que é preciso encarar. (VIGARELLO, 1998, p. 14)

As palavras do autor trazem uma dura realidade na vida das mulheres devastadas por este ato vil. O judiciário e a sociedade, de forma geral, são mais condescendentes com pessoas abastadas e de nível social superior ou que tenham alguma possibilidade de proteção por parte dessa “alta classe”. Aqueles que são firmemente culpabilizados e punidos são das classes baixas e consideradas “inferiores”, e mesmo assim, com algumas ressalvas. Ainda de acordo com Vigarello (1998, p. 23), “A qualidade da pessoa a quem a violência é feita aumenta ou diminui o crime. Assim, uma violência feita a uma escrava ou a uma doméstica é menos grave do que a feita a uma moça de condição honesta”. Os castigos eram variados, sendo: “o garrote¹¹, a chibata, o ferrete, o punho cortado, o enforcamento, a fogueira, a roda” (VIGARELLO, 1998, p. 17) os mais comuns. Notamos, assim, a clemência para com uns e a severidade para com outros. Tudo dependia tanto da posição social do agressor quanto a da vítima, muitas vezes, desconsiderando a crueza dos crimes, e apenas valorizando cada posição social, fazendo do sistema jurídico um campo de favores, conveniências e impotência.

Alguns crimes de estupro eram vistos com maior horror pela sociedade e, muitas vezes, também punidos com mais rigor. Os casos que mais chocavam eram os que tinham crianças como vítimas ou pré-púberes, ou ainda os de incesto. Esses crimes assombravam, de forma agressiva, a sociedade e seus julgamentos e penas costumavam ser bem rigorosos, chegando, muitas vezes, à morte do agressor. Outro momento que trazia certa comoção à sociedade era quando o estuprador deflorava uma mulher virgem. Aqui, a moralidade traz um novo panorama ao crime, pois a condição para a mulher conseguir um bom casamento ou para ser tratada com dignidade estava completamente atrelada à sua virgindade, assunto que abarcaremos posteriormente. Perdendo essa “pérola”, a mulher, mesmo sofrendo a agressão e sendo forçada a tal ato, era considerada desviada e indigna.

Em muitos dos casos de estupro, os algozes não conhecem suas vítimas e as atacam ao acaso. Porém, em outros, são meticulosamente planejados na cabeça desses malfeitores sendo muito recorrentemente caracterizados, como atos cometidos por indivíduos que estão muito próximos de suas vítimas, como parentes, patrões, vizinhos etc. Observamos, também, que alguns desses estupradores colocavam toda a culpa de seu ato sobre a vítima, posicionando essa mulher ou criança como uma sedutora, às quais ele apenas “assistiu” aos desejos expressos por essas filhas de Eva.

¹¹ Era uma cadeira usada como instrumento de tortura, onde o indivíduo ficava com as costas presas a uma superfície plana e o pescoço amarrado, ou com um colar de ferro e uma rosca na altura da nuca. Conforme o parafuso era apertado, ele penetrava a rosca que transpassava o pescoço da vítima, quebrando-o.

O estupro, em um determinado momento da história, era, em partes, aceito e executado. Falamos dos estupros no movimento das guerras, no qual os vencedores invadem, matam e estupram, sem o pesar de um pecado, mas, como algo que pode ser encarado como a humilhação ou subjugação dos derrotados.

O estupro, além de ser um ato marcado pela opressão e violência, abala com as estruturas física e psíquica da vítima:

O estupro provoca uma lesão ao mesmo tempo semelhante e diferente das outras. Semelhante porque é o efeito da brutalidade. Diferente porque é muitas vezes pouco consciente no agressor, apagada pela efemeridade do desejo, ao passo que intensifica a vergonha na vítima, a idéia de uma contaminação pelo contato: a indignidade atravessando a pessoa atingida para transformá-la aos olhos dos outros. (VIGARELLO, 1998, p. 30)

O indivíduo que sofre o estupro, além de sentir a agressão e violação direta ao seu corpo, sente também a vergonha e o desrespeito. A sociedade, em vez de acolher a vítima, muitas vezes se coloca no papel do juiz, apontando e culpando a vítima, e fazendo uso de um argumento bastante recorrente que é o da vítima ser a culpada, sob alegação da provocação feminina, da sedução “simplesmente por ser mulher”, que motiva o agressor a praticar tal ato. Assim, muitas vezes, a vítima se sente a culpada, enquanto o verdadeiro culpado sente a complacência e apoio da sociedade. Observamos essa tolerância nas tantas ausências de investigação dos crimes, nas “perdas” de processos, no silenciamento de uma sociedade tão conivente que se torna tão algoz desses crimes quanto o próprio criminoso.

Não podemos desconsiderar que o estupro ao sexo masculino também ocorria, mas em porcentagens muito menores. A sodomia era vista pela sociedade do antigo regime como o pior dos pecados, pois “a sodomia é antes de tudo um crime moral: blasfêmia, transgressão das leis divinas” (VIGARELLO, 1998, p. 37). A vítima, aqui, também padecia de toda assistência, sendo que, muitas vezes, essas eram obrigadas a fugirem, dado que, mesmo sofrendo a agressão e sem meios de comprovar, esses homens estuprados poderiam ser colocados como incitadores do ato.

A comprovação do ato era de tal modo complicada, pois os juízes não aceitavam as marcas corporais, das brigas, que tantas vezes as vítimas travavam, na tentativa de se proteger do agressor. E caso a mulher não fosse mais virgem também não se podia atestar, aumentando assim a impunidade e a constatação do ato. Outro argumento utilizado pelos juízes era a de que uma mulher conseguiria se defender de um estuprador, visto que não seria possível dominar uma mulher por completo apenas com a força bruta. Além disso, os juristas,

agressores, apregoavam que essa recusa inicial da mulher era uma forma de “charme”, ou de certo pudor, e que era necessário insistir mesmo com a violência, desconsiderando todo o entorno e vontade da mulher, pois, assim, conseguia-se o que queriam, independente do desejo ou vontade do outro.

Outras mulheres que muito sofriam com os estupros eram as prostitutas. Os agressores não consideravam violência ou estupro, já que eles alegavam que mulheres que trabalhavam com a venda de seu corpo estavam “acostumadas” com tal ato. Muitos juízes também desconsideravam esta queixa de violação no caso das prostitutas, considerando que eram profissionais do sexo. Deste modo, eles desconsideravam a violência cometida e a falta de respeito do outro a elas, a suas vontades e ao próprio domínio sobre seus corpos, colocando o seu trabalho e a agressão sofrida como advindos de uma mesma má conduta por parte desta mulher.

Em meados do século XVIII, e nos séculos seguintes, alguns paradigmas sobre o estupro começaram a tomar outros rumos, que foram cada vez mais se deslocando do pecado religioso para irem se enquadrando em leis criminais e jurisprudências próprias que intentavam conter essas atitudes provenientes do ímpeto do indivíduo do sexo masculino. Mesmo com leis mais rígidas, e comoção maior por parte da sociedade, ainda foram encontradas muitas dificuldades, pois, muitas vezes, essa violência sexual era escamoteada, devido seus interesses diretos ao sexo feminino, que encontrava pouca ou nenhuma representatividade no campo jurídico e político. Além disso, a falta de estudos sobre as patologias e sobre a biologia corporal, que começam a ganhar corpo com a entrada da era moderna, contribuía para tal cenário.

Com isso, muitas vezes, os casos de estupro não conseguiam ser comprovados, pois os vestígios deixados pelos agressores passavam despercebidos, como os espermatozoides, as fissuras e dilaceramentos vaginais e anais, as marcas fisiológicas de violências que, na maioria dos casos, não eram tratadas como provas do ato efetuado. Assim, o embate ficava entre a palavra do agressor contra a do(a) violentado(a), em um sistema que pouquíssimo ou nada representava a essas vítimas agredidas, tanto no trato do seu corpóreo como no da sua alma. Quanto a esta última, que traziam as marcas psíquicas do trauma, somente no século XIX e XX se tornou possível fazer cair este véu do desconhecimento da psique humana.

Devemos dizer que a história do estupro se encontra aqui com a história das representações da consciência, e também com a das representações da feminilidade. Outro conjunto de razões leva, assim, a mascarar a violência

sexual: as diversas maneiras de recusar à mulher um status de sujeito. (VIGARELLO, 1998, p. 43)

Assim como a história do estupro perpassa as diversas fases e representações da mulher, outro aspecto intrinsecamente ligado a essas representações e à sua história é a presença e “importância” da virgindade. Esse assunto é transversal em praticamente todos os períodos históricos. Em alguns casos, essa condição da mulher é de extrema importância para que ela conquiste um casamento e mantenha sua moral ilibada; em outros, é fonte de uma boa quantidade em dinheiro por parte dos que a comercializam. Entretanto, antes de falar sobre isso, abordaremos alguns conceitos que tanto rondam *essa palavra* e que recaem no corpóreo e no psíquico, na vida de muitas mulheres e da sociedade.

Podemos pensar que virgindade é o estado da pessoa do sexo feminino que não manteve relações sexuais completas com outro. Alguns dizem que é a transição de menina para mulher. Porém, a virgindade abarca muito mais do que somente o rompimento de um hímen. Ela engloba, muitas vezes, sonhos, fantasias, pressões e ideologias.

De acordo com as pesquisas realizadas sobre a história da virgindade, encontramos nos mitos da antiguidade greco-romana como algo divino. As deusas nomeadas a mostrar as diversas faces da virgindade foram *Atena*, *Artêmis* e *Héstia*, cada uma dessas divindades trazendo características específicas sobre a virgindade. Na mitologia, Atena é filha de Zeus e este representa a “imagem suprema do masculino, (...) o fato é que ao sair toda armada do crânio de Zeus, Atena também evitou a estada no útero” (KNIBIEHLER, 2016, p. 21). Ela é vista como uma divindade feminina que preserva a virgindade, tornando-se símbolo da inteligência e da ciência.

Artêmis é mais vista como a protetora dos períodos de transição ainda não definidos, de crianças para adultos, do mundo selvagem e civilizado, trazendo também a virgindade como forma de transformação. De acordo com Knibiehler (2016, p. 24), Héstia “representa a estabilidade feminina junto do lar; nesse lugar, sua virgindade, sua castidade absoluta, é totalmente necessária, e é por isso que ela oferece uma imagem abstrata do feminino”.

Essas divindades femininas, todas virgens, estavam revestidas para frear a sexualidade de forma geral, mas, principalmente, a sexualidade feminina. Usando-se das características descritas em cada uma das deusas, tal freio eleva a castidade e tolhe a sexualidade tão natural ao ser humano, além de colocar a castidade ou virgindade como precedente para o trabalho das sacerdotisas, ligando a virgindade ao campo espiritual e relacionando-a à divinização.

Caminhando para as sociedades gregas e romanas, a virgindade se faz primordial para a mulher. Encontramos também pelo nome de *parthenia*, que mistura a virgindade, religião além de *status* social e político. Essa *parthenia* tem um valor diferenciado e está diretamente relacionada às famílias abastadas. Elas se caracterizam por uma elite que se encontrava em minoria, mas que, de todo modo influenciava toda a população. Essa forma de agir, preservando a virgindade e a identidade religiosa, que as famílias impunham às suas filhas, era utilizada como moeda de troca, para conseguir vantagens monetárias e sociais. Isso acontecia através do casamento. A mulher era doutrinada desde sua tenra infância para dominar o poder de Eros. Além de reprimir a sexualidade e, como forma de não correrem “riscos”, as meninas eram prometidas a partir dos sete anos e se casavam entre 11 e 14 anos; lembrando que os homens não se casavam com menos de trinta anos e usufruíam antes do casamento de todos os prazeres carnavais.

Para os gregos, segundo Knibiehler (2016, p. 37), a transição de menina para mulher passava por três etapas: “a defloração, a descoberta do Eros e o parto”.

Outro grande propagador e mantenedor da virgindade feminina são as religiões. Knibiehler (2016) cita que, na religião judaica, o maior interesse de manter a mulher virgem até o casamento é pela certeza de que os homens terão a consanguinidade do filho que nascerá. Mais uma vez, a mulher era posta na condição de procriadora e estava sempre à mercê do homem. No cristianismo, a virgindade estava ligada aos valores morais e espirituais, além de ser vista como uma mantenedora dos bons costumes e era também trazida para o âmbito espiritual, como forma de proximidade e respeito a Deus e aos dogmas religiosos. No islamismo, é uma forma clara de submissão ao homem e assim, a mulher não poderia traçar nenhum perfil de comparação do seu marido com qualquer outro do sexo oposto.

No entanto, muitas mulheres, no decorrer da história, conseguiram traçar um novo percurso de vida, evitando o casamento e a procriação e fazendo da virgindade um símbolo de luta e força carnal e espiritual. Nomes como Joana d’Arc, a donzela e guerreira, Catarina de Siena, Teresa de Ávila entre outras, foram grandes ao ponto de conseguirem entrar para os anais da história se assemelhando aos atos das antigas “deusas”, ou melhor dizendo, para os tempos atuais, serem profetisas imaculadas que ouviram o chamado de Deus.

Essa nova forma da mulher se impor na sociedade, colocando sua virgindade e a castidade como fonte primária, demonstra tamanha valia e importância que esta sociedade religiosa e patriarcal apregoava e esta condição imposta quase que unicamente às mulheres. A imposição era ensinada desde a tenra infância a todas as meninas, fazendo com que sentissem culpa e, muitas vezes, repulsa pelo próprio corpo, tornando-o um lugar propício ao pecado.

A partir do Iluminismo, muito se tem progredido no campo sexual feminino. Com os estudos médicos, antropológicos, filosóficos e o próprio movimento feminista, ainda muito tímido e restrito, no qual a mulher começa a ter uma nova concepção de seu corpo, de suas vontades e do seu verdadeiro lugar na sociedade, alguns avanços vão se firmando. Começa-se uma jornada para o ensino da educação sexual e a própria psicanálise, com Freud, no final do século XIX, vem desvendar e esclarecer muito sobre esta sexualidade tão inerente a todos os seres humanos, mas tão assolada no campo do feminino.

Notamos que, no decorrer dos séculos, as mulheres passaram por períodos de extrema repressão aos seus corpos e à forma como elas lidavam com eles, muitas vezes, tão desconhecidamente. Este controle pode ser visto como um doutrinamento embasado na forma patriarcal de melhor conter ou subjugar a mulher, deixando-a totalmente tolhida e sempre à mercê do sexo masculino.

Mesmo com toda repressão, sabemos que nem todas as mulheres estavam confinadas a essas regras relacionadas à virgindade e à reprimenda da sexualidade. Como exemplo, podemos citar as prostitutas, que sempre estiveram presentes neste entrelugar. É evidente que muitas delas não se colocaram nessa profissão por vontade própria, mas para saciar o instinto “natural” dos homens, ou para terem uma forma de sobrevivência. Porém, outras, buscaram a profissão como forma de se subjetivar, de ressaltar sua feminilidade, seus anseios, seus desejos. Sendo assim, a prostituição foi recoberta pelos estigmas, ora taxada pela subserviência que recobria as prostitutas, ora questionada pelo excesso de permissão que dava as prostitutas que se afirmavam como mulheres livres. Era e, por que não dizer, ainda é vista como um trabalho não digno diante desta sociedade que a amaldiçoa, mas não deixa de usufruir de sua prática. Sendo assim, encontramos uma sociedade calcada em um construto moralista, que força a reprimenda à sexualidade feminina, mas, ao lado disso, não se desliga da presença da prostituta que, mais uma vez, rompe com esse ideário de virgindade direcionado ao feminino.

A partir disso, podemos rememorar a concepção de mulher boa e a mulher má de Roberts (1998). Mulheres boas são para constituir família, as outras ou as más, eram colocadas para o usufruto de alguns homens enquanto lhes era conveniente. Ou ainda, as que não se sujeitavam às imposições desta sociedade patriarcal cheia de preceitos, preconceitos e divisões de classes, e escapavam desta linha divisória tênue. Sendo assim, como é possível, se é que é possível, fazer esta divisão entre boas ou más, já que, de certa forma, todas as mulheres, “boas ou más”, estão usando seu corpo como moeda de troca para conseguir aquilo que lhes convém ou aquilo que a sociedade espera delas?

A virgindade ainda é vista de forma “preciosa” em nossa sociedade, por mais que muito já se tenha progredido. Muito ainda é necessário para conseguir equiparar homens e mulheres naquilo que se refere ao “preciosismo” de suas virgindades.

Pensando nesse “preciosismo” da virgindade e na brutalidade do estupro, embora pareçam distantes, é possível dizer que eles se aproximam, pois se relacionam intimamente com a sexualidade, com o controle ou o descontrole que recai no indivíduo e no seu entorno.

Observamos que tanto a virgindade quanto o estupro, eram e são grandes controladores e segregadores da sexualidade feminina. Os dois se encontram no cerceamento da liberdade, do corpo, do ir e vir, das ideologias e pensamentos que são apregoados a mulher.

Em contrapartida, encontramos a prostituta e a prostituição se apresentando, se (re)constituindo e lutando contra essas repressões. A prostituta vem rompendo com esses ideários de castidade, pureza e contenção da sexualidade. No caso do estupro, elas eram e ainda são consideradas grandes “protetoras” da moral social. Embora essa afirmação pareça ser um tanto equivocada, podemos afirmar esta potencial “contradição” no estudo de Roussiaud (1991) citado no subcapítulo anterior, em que as prostitutas são marcadas como “zeladoras” do meio social, ao serem a válvula de escape que os homens precisavam para satisfazer seus desejos sexuais e não molestarem as mulheres de “bem”.

O desconhecimento e o “medo” instaurados por grupos sociais sobre a sexualidade, foram demonstrados desde os nossos primeiros escritos, pois, quando abordamos a vida dessas mulheres, a partir dos estudos históricos, notamos que a prostituta sai do sagrado, de uma sexualidade livre, para o profano, de um controle da mulher através da sua sexualidade. Perpassamos os séculos, os espaços e independente da mulher ou da prostituta encontrarem melhores condições de vida, o jugo de preconceito e inferioridade das filhas de Eva sempre as acompanhavam.

Assim, notamos que a condição da mulher e, especificamente, das prostitutas, estava e está sempre atrelada às questões impostas e construídas social e moralmente, por um pequeno grupo, do sexo oposto, que direciona tanto a sexualidade quanto a vida das mulheres.

A sexualidade direcionada, os conluíus armados pelo sexo oposto “dominador” perpassam e, de certa forma, constituem a mulher, sendo parte integrante na composição do feminino. Esse feminino transpassado pelas fendas e vazios é elemento fundante para compreendermos as diversas faces do que é ser mulher. Para visualizarmos e aprofundarmos esse assunto, o feminino e seus desdobramentos, nos pautaremos nos primeiros estudos freudianos e de outros teóricos que também se dedicam às teorias psicanalíticas.

CAPUT 2: À LUZ DA PSICANÁLISE

O segundo capítulo foi pensado e construído à luz das teorias psicanalíticas, com vistas ao que será proposto, no terceiro capítulo, acerca da intersecção entre literatura e psicanálise, para elaboração da análise da obra *Fanny Hill* (1749). Pensamos que, para adentrarmos ao movimento psicanalítico, faz-se necessário seguir o caminho do seu fundador e grande expoente, Sigmund Freud.

Freud iniciou seu trabalho como analista, estudando casos de mulheres que se encontravam acometidas pela histeria. Como parte introdutória e explicativa desse primeiro processo, dentro da psicanálise, nos fixamos em Freud ([1905] 2016), Neri (2005), André (2015), Soler (2005), Molina (2016).

Seguido do panorama sobre a histeria, e suas reverberações nos processos psicanalíticos, buscaremos o indivíduo. A subjetividade da mulher ou do feminino, que Freud (1932) nomeia de feminilidade. Assim, nos aprofundaremos no processo constitutivo da feminilidade, perpassando os principais momentos dessa construção do ser mulher, e do ser feminino, através dos dizeres do mestre e da filósofa e psicanalista Escolástica (1995).

Após a retirada de alguns véus da feminilidade, encontraremos outras vozes. Vozes essas que, de alguma forma, por vezes mais brandas, outras mais incisivas, irão se chocar com as ideias do seu fundador. Buscamos vários pontos de vistas por meio das vozes de Chasseguet-Smirgel (1988) e Brennan (1997).

Posteriormente, descreveremos, no decurso da tese da psicanalista Calligaris (2006), uma das poucas que consegue, de modo satisfatório, fazer a intersecção da psicanálise com a prostituição, alguns motivadores para que a mulher coloque, por vontade própria ou por necessidade, seu corpo como mercadoria, vivendo as inúmeras tramas que enredam esse caminho da prostituição.

Outra teórica que muito nos ajudou nesse processo de escrita foi Dolto (2015), por meio dos seus esquemas e imagens. A partir dessas construções psíquicas, buscaremos trazer para o plano da linguagem, da realidade e do social, as diversas “faces” da prostituta, através de Goffman (1988), Russo (2007), Birman (1999), Abbott (2016), Kirsch (1988), Lacan (1998), Tomaz (2001), e outros. Assim, esses autores foram discutidos, como dito anteriormente, para fundamentar nossa análise futura. Buscando encontrar por entre as brechas e os vazios que recobrem o feminino, “desvendar” esse “continente sombrio”, a condição de ser e se fazer mulher e prostituta.

2 AS DIVERSAS FACES DA MULHER

2.1 DA HISTERIA À FEMINILIDADE

Neste segundo momento da pesquisa, faz-se necessário buscar recursos no percurso que compõe o processo de construção do sujeito, no nosso caso – o sujeito feminino – a mulher e a sua feminilidade. Para isso, percorremos os caminhos trilhados pela teoria psicanalítica.

A teoria psicanalítica surge amparando e dando voz a um segmento societário que estava imerso em uma exclusão de séculos, o feminino. Segundo Neri (2005, p. 91) “a psicanálise se apresenta como primeiro discurso no Ocidente que se funda a partir de uma interrogação sobre o feminino, e que coloca, no cerne de sua interrogação, a questão da diferença de sexos”.

A psicanálise vai percorrer o caminho de busca em compreender o feminino. Este marco inicial se inaugura com o estudo das histéricas. Esses estudos trazem à tona um corpo que clama, buscando conhecimento, esquadrinhando seu lugar, a sua sexualidade, o seu estar no mundo. Sabemos que, posteriormente muitos do sexo masculino também foram vitimados pelo mesmo mal, mas inicialmente a histeria estava ligada diretamente ao campo do feminino.

Antes da histeria ser reconhecida pela psicanálise, muitas foram as hipóteses levantadas para este corpo “que saia do eixo”, nos dizeres populares. Na descrição de Neri (2005, p. 99) inspirada por Trillat, a histeria, a princípio, estava relacionada à teoria seminal, “segundo a qual desordem do sêmen provoca a desordem do humor”. Na Idade Média, a histeria foi ligada às questões da bruxaria, ligada a forças malévolas ocultas. No século XVII, uma teoria propõe a mudança do útero para a cabeça, acometendo a mulher por um desregramento de vida. Posteriormente, a estrutura vai ser qualificada como a doença da mulher nervosa.

Essa “mulher” histérica se posiciona, dentro de suas possibilidades, como uma rebelde. Isso de modo inconsciente, tentando ser ouvida, tentando se colocar em uma sociedade ainda movida por vozes masculinas, ainda que essa revolta ressoasse, de forma infrutífera, colocando-as em quadros patológicos, como nos descreve, de forma mais clara, Neri:

Mesmo no que concerne à dimensão patológica da histeria- seja na vertente de sintoma da repressão cultural da sexualidade feminina, seja na vertente de sintoma do recalque da sexualidade infantil-, o sintoma histérico se apresenta como uma tentativa de preservação desse erotismo que se tentou reprimir ou recalcar. Esse fato nos parece importante, pois se, como vimos, a inibição sexual produz inibição sublimatória, essa seria uma tentativa da histeria de manter seu capital erótico, mantendo vivo no sintoma o erotismo. Ao contrário do obsessivo, que desloca o gozo inconsciente para o pensamento, a histérica converte esse gozo no corpo. (NERI, 2005 p.109).

Através do fragmento acima, notamos que estes corpos, das mulheres históricas, que em alguns aspectos da vida foram silenciados pelas diversas vertentes, sociais, culturais, sexuais, escapam ao silêncio imposto e reivindicam voz pelo viés de um corpo pungente, lancinante. Elas procuravam um olhar, um pedido de ajuda, através dos movimentos sem direção, da emissão de sons não inteligíveis, expressando através do corpo o que foi escamoteado, e que se instalara em suas memórias e no seu inconsciente. Este, subsequentemente, será “desvendado” através do trabalho que tem Freud como seu “construtor”.

Essas considerações somente foram possíveis através dos estudos psicanalíticos. Os médicos Breuer e Charcot começaram essas primeiras observações que Freud daria continuidade e as inscreveria na história moderna. O pai da psicanálise queria buscar uma maior compreensão desta mulher “sufocada” que, naquele momento, ora era tratada como detidora de um problema que advinha do orgânico, ora como grandes “atrizes” capazes de eloquentes simulações.

Freud, assim, ingressa nesse universo, composto por vozes “suplicantes” femininas que buscavam seu lugar de sujeito, em uma sociedade calcada por conluios masculinos e patriarcais, acompanhando assim, diversos casos, diferentes mulheres, que clamavam, através de seu corpo, por uma solução. Em um primeiro momento, utilizou a técnica da hipnose para posteriormente utilizar o método catártico, que ele atribuiu a Breuer, e que, após alguns desdobramentos e modificações se transformaria na transferência e na associação livre.

Uma paciente que o ajudou muito na construção desse processo analítico, fora Anna O., nome fictício para Bertha Pappenheim. Dotada de inteligência destacada – falava diversos idiomas entre francês, inglês, italiano e a sua língua materna o alemão –, a jovem tivera uma vida saudável, até acontecer seu desmoronamento psíquico, que se deu após a morte de seu pai. Nesse período, Anna O. desenvolveu uma clivagem¹² muito forte, “havia Anna, a

¹² De acordo com o vocabulário básico da psicanálise de André (2015, p.30) Clivagem (do eu), é [...] instante de despersonalização, de inquietante estranheza, que faz parte desses fatos “psicóticos” da vida cotidiana, quando o inconsciente surge de fora e não de dentro. Saindo do cabelereiro, em uma vitrine qualquer, cruzamos com o

enferma, triste, angustiada, mas normal, e havia também a Outra, a sonâmbula, em estado de ausência auto-hipnótica, louca, má e alucinada [...]. Uma não conhecia a outra, e cada qual tinha seu horário”. (SOLER, 2005, p. 9). Uma das “Annas” esqueceu sua língua materna e se comunicava somente em língua inglesa. De acordo com Molina, psicanalista brasileiro e estudioso do lugar da mulher nas teorias freudianas, o esquecimento da língua alemã, “era muito sintomático: esquecer sua língua materna significava recusar o ambiente onde ela se construiu como ser, indicava que algo não estaria em bom termo no seu tempo”. (MOLINA, 2016, p. 69). Anna demonstrava essas recusas através de sua fala, do seu corpo, corpo esse que ela colocava como um lugar de sacrifício, de martirização, evidenciando sua solidão, seus anseios e angústias.

Durante todo o processo analítico com Breuer e, em seguida, com Freud, Anna foi dando pistas, demonstrando caminhos, para a grande obra que se seguiria através das mãos de Freud, mesmo frente a todo o desamparo. Ela conseguiu sublimar sua feminilidade e se consolidar como uma mulher dona e buscante de seus desejos, tornando-se a primeira assistente social da Alemanha estudiosa do lugar das minorias: a mulher, judeus, e, principalmente, as prostitutas e os órfãos.

Outro caso bastante conhecido é o da paciente Dora, com sintomas de neurose histérica. Antes de chegar a Freud, já havia passado por inúmeros médicos, sem alcançar avanços práticos para sua vida. Com Freud, mesmo caminhando alguns passos que lhe foram de suma importância, o tratamento não encontrou seu desfecho ideal por diversos motivos, e serviria, a posteriori, de material contra Freud e, muitas vezes, contra o método psicanalítico, como veremos ulteriormente.

As mulheres supracitadas, Anna O. e Dora, foram apenas os primeiros passos na longa caminhada trilhada por Freud, caso pensemos tanto no processo de conhecimento da histeria como na composição do processo analítico. No entanto, não podemos esquecer que, através das histéricas, a psicanálise chega ao inconsciente e à sexualidade de um corpo – de um corpo erógeno. Uma vez mais trazemos os dizeres de Neri (2005, p. 150) como forma de melhor explicar que “a histeria revela uma estreita conexão entre o corpo e o pensamento pelo viés do registro da força pulsional; os sintomas histéricos têm por teatro o corpo e, nos dizeres de Freud, os sintomas se apresentam como ideias excessivamente intensas”.

olhar de um desconhecido que levamos um bom segundo para reconhecer. Entre eu e o recalcado, há uma porta contra a qual o primeiro se encosta a fim de conservá-la bem fechada, quando o outro de trás empurra a menos que ele tente entrar pela janela. Entre as partes clivadas do eu, há um vidro tão espesso quanto invisível que só percebemos no dia em que nele batemos a cabeça pela primeira vez. Na guerra de trincheiras que o eu empreende contra o inconsciente, a clivagem é uma linha de defesa. Não podendo se opor como um só bloco ao adversário, ele se cinde a fim de salvar o que pode ser salvo.

Este corpo pulsional, sintomático, revelador de desejos, constituído por intermédio e por subjetividades, busca um lugar de fala, além de procurar o olhar do outro, a alteridade, o respeito, querendo se colocar em um local que, naquele momento, não proporcionava a elas nem voz nem vez. Enquanto relegadas a sobreviverem somente entre as quatro paredes que as cercavam, e não suportando mais tamanha re(pressão), elas se rompem, desaguam por entre os movimentos do seu corpo, demonstrando que o lugar imposto a elas não consegue contemplar o turbilhão que engloba o ser mulher, o ser feminino. E, para compreendermos melhor esta constituição corpórea e subjetiva, buscaremos, neste primeiro momento, as explicações de Freud, partindo adiante, para expansão e como forma de sedimentar melhor as teorias, para junto de outros teóricos mais contemporâneos.

Freud começa as proposições sobre a feminilidade nos “Três ensaios sobre a sexualidade” ([1905] 2016), descrevendo o monismo sexual em relação aos dois sexos, em que para a criança somente existe o órgão masculino; o pênis para os meninos e, seu correspondente direto, o clitóris para as meninas. Próximo à idade de 4 anos, etapa essa que Freud, depois, chamará de Complexo de Édipo, meninos e meninas serão alarmados com a constatação de que apenas os meninos têm pênis. Diante dessa descoberta, os meninos se colocam inquietos, pois, na imaginação infantil, as meninas foram, de alguma forma, castradas, perdendo parte de seus pênis, e os meninos configuram que esta perda também pode acontecer a eles. Com esta percepção, os meninos começam a nutrir um desprezo pelo outro sexo, pelo sexo feminino, que não é possuidor de um pênis, enquanto que as meninas também acreditam que foram castradas, mas nutrem um desejo de serem meninos, melhor dizendo, de possuírem o equivalente ao mesmo órgão sexual masculino. Dentro desse quadro, os dois sexos somente reconhecerão o órgão sexual feminino, a vagina, já na puberdade, com o despertar do desejo sexual. Neste ponto, Freud ainda deixa diversas lacunas em sua teoria, que posteriormente, irão se completando, ou sendo reformuladas, como veremos em outros artigos publicados pelo mestre vienense.

Em 1932, em suas *Novas conferências*, Freud abordou o texto nomeado de “A feminilidade” e já o começou descrevendo a dificuldade de nomear um indivíduo, fosse ele masculino ou feminino. Pensando somente pelo lado biológico, essa distinção, embora sendo mais evidente, ainda assim, traria algumas controvérsias, já que a “masculinidade ou a feminilidade é uma característica desconhecida, que foge do alcance da anatomia” (FREUD, [1932] 1996, p. 77). De acordo com esse pensamento, Freud já nos alerta que, para compreendermos a masculinidade e a feminilidade, é necessário abarcar uma profusão maior de conhecimento, não podendo somente se limitar aos órgãos sexuais.

Nessa medida, Freud começa a esclarecer as relações pertinentes que englobam essas duas esferas, sendo a de que o masculino se encontra ligado ao ativo e a do feminino ligado ao passivo. Entretanto o autor não coloca a atividade ou a passividade como uma ligação à condição do indivíduo, mas às células sexuais ligadas a essas nomenclaturas. O espermatozoide, ou a célula masculina, que corre em busca do óvulo, célula feminina; porém este movimento se limita até aqui. Nas atividades diárias e rotineiras, a masculinidade muitas vezes estará ligada ao papel da passividade, como o feminino estará relacionado ao papel ativo.

Outro motivo de alerta por parte de Freud, em relação à passividade e à atividade, está ligado diretamente ao social; a história nos esclarece que, por séculos, o feminino foi colocado sob o jugo do masculino, o que muitas vezes podia confundir o lugar desse feminino na sociedade; além disso, colocar a mulher na passividade sob este jugo ainda a atribua o papel de masoquista. Sabemos que esse papel também não pode ser colocado somente para a mulher, já que existem homens com tendências masoquistas¹³. Podendo essas tendências estarem relacionadas ao sexual, à influência de personalidade, dentre outros, só por isso estes homens seriam femininos? Sabemos que a resposta é negativa.

Na tentativa de explicar a feminilidade, Freud se valeu de toda a complexa transformação que passa a menina criança até sua fase adulta. Entretanto, ele concentrou maiores esforços na chamada primeira infância. As fases pertinentes as quais todas as meninas devem percorrer são bem mais complicadas e podem também ser mais traumáticas que as dos meninos. Até o momento do complexo edípico¹⁴ e o da castração, as crianças, independente do sexo, costumam transcorrer o desenvolvimento libidinal da mesma forma. Na fase edípica, o menino tem como seu objeto de amor a mãe e assim permanecerá; no caso do Édipo positivo. A menina também tem sua mãe ou tutor parental como seu primeiro objeto

¹³ De acordo com o Theodore (2015, p.1), “A expressão “masoquismo sexual” geralmente nos evoca crueldade associada a sexo: chicotes, algemas, flagelação – a necessidade de sofrer dor na mão do parceiro. Mas este é apenas o aspecto que chama a atenção e mais provoca curiosidade e não o mais comum, que é o resultado da influência de uma personalidade passiva, medrosa e sofredora na área sexual. [...] Na verdade o masoquismo é um mecanismo de defesa que através do dano auto-infligido procura evitar ou extinguir a agressão, real ou suposta, vinda de outras pessoas. A essência do masoquismo é a autopunição e a submissão à outra pessoa, e o sofrimento estabelecido como estilo de vida. Não se trata de maneira alguma de sentir prazer com o sofrimento, mas sim de não conseguir identificar alternativas não dolorosas para seu comportamento. Como o masoquista repete os processos destrutivos e dolorosos a exaustão, comete-se o erro de julgar que isso possa lhe dar algum prazer.

¹⁴ Nos dizeres de André (2015, p.32) “O complexo de Édipo contribui decerto para estruturar, diferenciar, integrar a proibição, mas *com a condição que saia dele*. Ele só se torna uma “crise normativa” porque é inicialmente um momento de loucura. Desejar a mãe ou matar o pai nunca estruturou ninguém. Os fantasmas edípicos levam o amor e o ódio a seus últimos limites, e nada garante que a paixão do “homem de trinta anos” ultrapasse em desmedida a do “pequeno selvagem”. A palavra “complexo” mostra-se exaurida pelo uso, mas pronta, contudo, para mostrar a *complexidade* que ressalta. Não apenas a criança ama e deseja o genitor do sexo oposto, odeia e rejeita aquele que lhe faz sombra, mas vive também exatamente o contrário, às vezes ao mesmo tempo.

de amor, mas na fase edípica, esse objeto de afeto vai ser direcionado para o pai, ocorrendo o afastamento da mãe que, geralmente, vem acompanhado de grande hostilidade e acarretará na rivalidade da menina com a mãe, em relação ao pai.

As meninas, além de rivalizarem, transferem para a mãe a frustração de não terem um pênis, culpabilizando-as por este “acidente”. Como nos descreve Freud, “as meninas responsabilizam sua mãe pela falta de pênis nelas e não perdoam por terem sido, desse modo, colocadas em desvantagem” (FREUD, [1932] 1996, p. 84). Assim, diante desse desejo, dessa vontade de ter algo que jamais lhes será dado, surge o que Freud chamou de “inveja do pênis”¹⁵. Essa “inveja”, que se instaura na menina, faz a pequena dispendir grande energia psíquica que, muitas vezes, parte desse desejo de impossível realização e será recalçado ou reprimido, podendo ser futuramente sublimado das mais diversas formas.

Essa falta, ou podemos chamar de “castração”, pode reverberar em três possíveis linhas de desenvolvimento, sendo estas: “à inibição sexual ou à neurose, outra, à modificação do caráter no sentido de um complexo de masculinidade, a terceira, finalmente, à feminilidade normal” (FREUD, [1932] 1996, p. 85).

Entre as três possibilidades de desenvolvimento, Freud descreve a primeira relacionada à inibição sexual ou à neurose, como se a menina, que até então tinha seu clitóris como forma de prazer, tivesse seus desejos direcionados à mãe. Com a descoberta do pênis ela perde este interesse, e o prazer se organiza na sua sexualidade fálica. Ela entra em um complexo de comparação do seu clitóris com o pênis, perdendo o interesse no seu, que até então era provido de prazer, e também começando um distanciamento da mãe, ao descobrir que a mãe também não possui o objeto que ela tanto almeja. Nas palavras de Freud ([1932] 1996, p. 86) “isso significa, portanto, que, como resultado da descoberta da falta de pênis nas mulheres, estas são rebaixadas de valor pela menina, assim como depois o são pelos meninos, e posteriormente, talvez, pelos homens”. O que talvez seja uma possibilidade para pensarmos, em trabalhos futuros, ou como forma de entendermos algumas relações nas quais a subalternização da mulher se faz de modo recorrente e indiscriminado por uma parcela social.

¹⁵ Na descrição do vocabulário básico da psicanálise, a inveja do pênis, é descrita como: “A inveja do pênis tem sua imagem prototípica, a de uma menininha que, *ela também*, quer urinar de pé... primeiro gesto político de uma igualdade reivindicada entre os sexos, o poder pertence àqueles que se erguem, não àqueles que se abaixam. A feminilidade primitiva da menina já está há muito tempo constituída quando lhe vem a vontade de dispor das vantagens de um sexo visível e controlável, um fora que se pode mostrar e que em certas ocasiões (quando o irmãozinho fica bancando o machão) faz o orgulho “imbecil” dos pais. A inveja do pênis na menina não é separável da angústia diante de seu próprio sexo, interior invisível e enigmático. O pênis é uma evidência; a vagina, uma desconhecida. O primeiro abunda em apelidos, a segunda é inominável. O infantil só nomeia aquilo que vê. (ANDRÉ, 2015, p.87,88)

Na segunda possibilidade, chamado de complexo de masculinidade, a menina, devendo deixar a atividade clitoriana, como verificamos na primeira possibilidade, se apega a esta atividade, se recusando a reconhecer o processo de castração. Nos dizeres freudianos essa possibilidade ocorre da seguinte forma:

[...] só podemos supor que é um fator constitucional, uma quantidade maior de atividade, tal como geralmente é característico do homem, [...], neste ponto do desenvolvimento, evita-se a afluência da passividade que abre caminho à mudança rumo à feminilidade” (FREUD, [1932] 1996, p. 88).

Já a terceira possibilidade concentra-se quando encontramos a feminilidade transcorrendo da forma esperada, concretizada quando a menina passa pelos complexos processos de maneira satisfatória, que são o edípico e o de castração; e essas transições podem transcorrer de diversas formas, pois, no interior do seu processo psíquico, tudo se sucedeu da melhor forma possível.

Ainda, de acordo com Freud, e dando continuidade a essa “construção” da feminilidade, nos é descrito que, durante o processo de desenvolvimento da feminilidade, existe uma predominância do masculino que ainda não está totalmente demarcado, e que se encontra ligado às fases pré-edípicas. Ele pode retornar na vida futura, trazendo períodos mais voltados ao feminino ou, em outros, a tendências mais masculinas, levando Freud a concluir que “determinada parte disso que nós, homens, chamamos de ‘o enigma da mulher’, pode, talvez, derivar-se dessa expressão da bissexualidade na vida da mulher” (FREUD, [1932] 1996, p. 89), que são elementos relativos a estas modificações e podem constituir a feminilidade da mulher.

Um último ponto que Freud abarca, neste artigo, está relacionado à libido. A libido não se encontra dividida entre masculino ou feminino, mas é única, e trabalha para os dois sexos. O fato de apregoarem que exista uma libido masculina e uma feminina está diretamente ligado às questões sociais e culturais em que, historicamente, existia uma predominância até então quase que exclusivamente masculina nas diversas e mais destacadas esferas sociais.

Sendo assim, como forma de se colocar frente à devastação histórica/social sofrida pela mulher, Freud coloca a feminilidade ligada a uma maior necessidade de amor e atenção, o que também estaria ligado à questão da vaidade, dela sobrepor os encantos ditos “femininos” como forma compensatória da “inveja do pênis”, ou de uma inferioridade socialmente construída. Podemos evidenciar tal reflexão no excerto abaixo:

Assim, atribuímos à feminilidade maior quantidade de narcisismo, que também afeta a escolha objetal da mulher, de modo que, para ela, ser amada é uma necessidade mais forte que amar. A inveja do pênis tem em parte, como efeito, também a vaidade física das mulheres, de vez que elas não podem fugir à necessidade de valorizar seus encantos, do modo mais evidente, como uma tardia compensação por sua inferioridade sexual original. (FREUD, [1932] 1996, p. 89-90)

Parece-nos notável que todos esses processos que fazem parte da constituição das meninas e futuras mulheres reverberarão no porvir, em seus comportamentos, nas escolhas dos seus objetos, em todo processo que será seu *modus operandi*. Aqui, Freud introduziu a feminilidade pelo viés de sua função sexual. Essa introdução nos traz um primeiro arcabouço para compreendermos o que é, ou quem são, estas mulheres. Porém não podemos esquecer a complexidade desse assunto, pois o próprio Freud se encontrava perpassado de dúvidas e reticências sobre a feminilidade. Como podemos comprovar nos dizeres finais dessa conferência, Freud delega, para seus leitores e estudiosos, outras formas de também compreender a feminilidade. “Se vocês quiserem saber mais sobre a feminilidade, interroguem sua própria experiência, dirijam-se aos poetas, ou então esperem que a Ciência esteja em condições de nos fornecer informações mais aprofundadas e mais coordenadas” (FREUD, [1932] 1996, p. 92).

Antes de buscarmos em outras fontes, dentre as ciências e as artes, nos deteremos um pouco mais na obra de Freud, sobre a construção da mulher na psicanálise. Descrevemos, de forma resumida, sobre o início da clínica psicanalítica, com as mulheres histéricas, adentramos na sua conferência sobre a feminilidade, mas sentimos a necessidade de aprofundarmos o que se diz especificamente sobre a mulher.

Os indivíduos, na intuição de Freud, são uma construção do “que ocorreu na história filogenética¹⁶ da espécie é revivido ontogeneticamente¹⁷ na história de cada um” (ESCOLÁSTICA, 1995, p. 135). Se pensarmos na filogenética, encontraremos lacunas e vazios, pois muito de nossos antepassados, seus costumes e seus fatos, se perderam no decorrer da história. O que não se diferencia muito da ontogenética, pois os primeiros momentos ou anos de vida do indivíduo também são de certa forma “perdidos”, por não haver a linguagem e a simbolização, da forma como compreendemos, e se colocando no campo de pertencimento somente das sensações, o que também revela uma falta, um vazio. Então, Freud, para dar um começo, um início, tentando de certa forma suprir o vazio, formula a

¹⁶ A filogenética é um termo que se refere a tudo aquilo próprio ou vinculado à Filogenia. No entanto, a filogenia, cuja palavra tem origem grega que implica o nascimento, a origem ou a procedência, é a história da evolução das espécies

¹⁷ É todo período de desenvolvimento de um organismo, desde a fertilização até a idade adulta.

teoria da Horda Primitiva, que é um mito de origem, que tem a função de pelo menos preencher alguns vazios antes expostos.

Freud como forma de entendimento do sujeito, do seu mito de origem, traz o Complexo de Édipo. O pai da psicanálise pensa nesse complexo primeiramente como uma metáfora. Não entraremos nos pormenores que envolvem todo esse processo, mas nos deteremos no macro como forma de entender a mulher e o feminino. O Complexo de Édipo é observado por Freud como uma memória arcaica filogenética, que pertence ao nosso inconsciente.

Podemos pensar no processo civilizatório, pelo menos no que conhecemos dele, e observamos que, nesse processo, a mulher sai de um lugar preponderante para um lugar abaixo, sendo inferiorizada pelo sexo oposto; processo este discutido no primeiro capítulo deste trabalho. Escolástica nos descreve, em pormenores, essa mudança de lugar da mulher e o que isso reverbera em sua memória arcaica, vejamos:

O rearranjo estrutural do psiquismo, introduzido pela entrada em cena de outro significante civilizatório (o patriarcalismo), pelo fato de excluir o feminino, criou uma lacuna simbólica, que vem sendo testemunhada pelas mulheres, mas não menos por aqueles que, sendo homens deixaram emergir sem censuras o feminino em seu psiquismo. Quero supor que esta lacuna, vivida pelas mulheres como sintoma- seja pela insatisfação peremptória do desejo, seja por sua insaciabilidade – evidencia traços do que poderia ser uma típica memória arcaica feminina, lembrança de um Outro gozo tornado impossível porque irrepresentável sob os signos fálicos de nossa civilização. Lembremos que o impossível é o impensável. (ESCOLÁSTICA, 1995, p. 137)

Essa exclusão feminina, e dos pares, homens que são possuidores deste feminino em seu psiquismo, foi um duro golpe, ainda compactuado e perpassado por gerações, agregando sintomas e vazios difíceis de serem explicados, como o próprio Freud alertou. Essas imprecisões contribuem, ainda, para uma difícil posição e proposição do que é ser mulher e ser constituída pela feminilidade. A busca por meio de e pelo inconsciente dessas fendas historicamente inscritas pode nos ajudar nesse processo de construção, mas ainda assim nos deparamos com muitos obstáculos, pois:

O inconsciente aponta para um buraco no simbólico, uma falha, uma fenda radicalmente inassimilável em sua totalidade; sua origem só pode ser concebida como uma falta que se presentifica no dizer sobre ela. Portanto, qualquer tentativa para definir o inconsciente esbarra na mesma muralha que recobre o feminino: as palavras resvalam, escorregam, falham, mas não o nomeiam jamais. (ESCOLÁSTICA, 1995, p. 138).

Com isso, encontramos a necessidade de falar, de descrever, de dar voz ou vozes a esse feminino ainda sub(imerso), que busca incansavelmente seu lugar de origem. Este não é necessariamente o mesmo lugar, mas sim o de respeitabilidade pelo que é, como sujeito e indivíduo de fala e de ações, sem o risco de ser escamoteada por entre as moralidades impostas socialmente por uma parcela que teme ser “despejada” do seu alto posto. Essas condições, ligadas ao descrédito, inferioridade, falta de respeito, e a todo corolário de humilhações direcionadas às mulheres, são impostas, frequentemente, através da dor e da violência, tentando calar essas vozes que “gritam” e buscam seu lugar e/ou seu espaço nesse processo, por vezes tão doloroso, de se fazer sujeito.

Sendo assim, buscando através dessas vozes e desse corpo em evidência que pedia passagem e desses primeiros caminhos trilhados por Freud, se incidiram os caminhos dessas mulheres acometidas pela histeria. Fez-se necessário trazer e pensar nas históricas como fortes “personagens” de mulheres que não se reduziram ou se curvaram ao destino que lhes fora proposto. Ainda de acordo com Assoun (1993, p. 151), as mulheres acometidas pela histeria demonstravam a “representação de uma imagem de mulher que não se reduz ao seu destino natural nem ao social; a histórica como uma forma de implosão desse modelo de feminilidade”. Essa implosão diz respeito a um modelo de feminilidade vigente na época, extremamente repressivo, que veio com um sinal para um novo processo no lugar da mulher e da subjetivação do feminino.

Assim como as históricas foram rompendo paradigmas, as prostitutas também sempre foram grandes representantes dessas implosões e explosões das múltiplas faces que constituem a feminilidade. Ora circulando no campo do sagrado, ora sendo considerado um ser abjeto. A prostituta consegue trazer à tona essas muitas e diversificadas nuances e modificações que o ser mulher, ser feminino, vai incorporando, modificando e construindo; não um único, feminino, mas, sim, inúmeras possibilidades que a feminilidade pode apresentar.

Nesse momento, nos concentraremos, “a pedido” do mestre, nos teóricos que prosseguiram e estão sedimentando essa estrada, acrescentando ou divergindo de seus primeiros ideais, e que nos servirão de suporte para melhor elaborarmos esse conceito tão amplo e complexo sobre a feminilidade. Estas considerações são necessárias para compreendermos, de forma mais ampla, os caminhos da feminilidade em nossa personagem Fanny Hill, objeto de estudo deste trabalho, e que será analisada no terceiro capítulo da presente dissertação.

2.2 OUTRAS VOZES: DIÁLOGOS SOBRE O FEMININO

Muitos foram os teóricos que, em seu campo de estudos, compartilharam grande parte dos pensamentos freudianos. Alguns traziam apenas algumas ressalvas, como no caso de Hélène Deustch, uma das mais importantes mulheres que participaram do círculo de amizade e estudos de Freud, além de ser uma grande propagadora de sua obra. O grande mestre a definiu como “a primeira mulher moderna”. Deustch discordava da teoria freudiana no quesito da passividade feminina. Freud, por sua vez, havia instituído a passividade em relação à função sexual – espermatozoide e óvulo – e que na vida cotidiana essa passividade e atividade eram móveis, ora estando com o feminino ora com o masculino. Já Deustch, afirmava que a mulher era um ser passivo em todas as áreas, diferente da definição de Freud. Como nos descreve Chasseguet- Smirgel, psicanalista francesa, bastante conhecida por seus trabalhos sobre sexualidade feminina, e que faz um diálogo com outras teóricas e psicanalistas sobre as aproximações e distanciamentos da teoria freudiana, “a feminilidade é integralmente identificada à passividade, a masculinidade à atividade” (1988, p. 25). Deustch defende essa ideia, pois para ela os indivíduos se posicionam de maneira ativa ou passiva tanto na vida de forma geral como também na sexualidade. O homem carrega a atividade de colocar o “ingrediente” necessário para fecundar a mulher, enquanto a mulher somente o recebe. Para ela o amor feminino está relacionado com a passividade, devido ao seu processo narcísico, já que a mulher busca ser amada e não a amar. Por fim, ela ainda declara que mulheres que amam ou que exercem funções associadas à atividade são constituídas pelo masculino e não pelo feminino.

Deustch ainda discordava em outros pontos de Freud, no que dizia respeito ao “conhecimento” da vagina acontecer somente na puberdade, dado que isso estava relacionado ao despertar do desejo sexual nos adolescentes. Ela, porém, relata que “O protótipo da genitalidade feminina seria a oralidade, e da vagina, a boca. A vagina permanece, todavia, ignorada até o coito (pênis=guia)” (CHASSEGUET-SMIRGEL, 1988, p. 27). Contradizendo os dizeres de Freud, a vagina, para a autora, não é reconhecida através dos primeiros desejos, mas somente no momento do ato sexual, que pode ocorrer na adolescência, na idade adulta, ou nunca. Deustch ainda traz um questionamento sobre os orgasmos provenientes do órgão sexual feminino, afirmando que a vagina é tida como um órgão que inicia a reprodução primeiramente, e que ali não deveríamos esperar um orgasmo, mas somente os movimentos

típicos esfínterianos, que traria uma espécie de relaxamento para mulher. Os orgasmos seriam somente provenientes do clitóris, como observamos nos dizeres expostos, “o orgasmo é masculino. A mulher feminina não tem clímax orgástico. A vagina é o órgão da reprodução, o clitóris, o órgão do prazer” (CHASSEGUET-SMIRGEL, 1988, p. 30). Posteriormente esta hipótese entra nas discussões da sexologia, que não iremos aprofundar neste trabalho.

Do mesmo modo que Deustch trazia outras problemáticas relacionadas ao feminino, Josine Müller também discordava, mais ferrenhamente, de alguns conceitos freudianos. Ela se opunha aos primeiros investimentos libidinais, quando Freud descreveu que existia um primeiro investimento libidinal da menina no clitóris. Ela o contradiz dizendo que “a vagina é o primeiro órgão sexual investido libidinalmente. O investimento do clitóris é secundário e defensivo. A inveja do pênis está ligada à ferida narcísica que resulta da insatisfação das pulsões genitais reprimidas”. (CHASSEGUET-SMIRGEL, 1988, p. 37). Para Müller, a vagina é considerada a zona erógena mais importante e, quando ocorre a mudança dessa zona da vagina para o clitóris, problemas futuros podem ser acarretados na vida sexual feminina, como a frigidez.

Outra psicanalista que alçou longos e altos voos, servindo de inspiração até os dias atuais para os estudiosos da área, foi Melanie Klein que, em muitos pontos compactuou com as teorias de Freud, e em outros se deslocou e introduziu sua própria teoria. Klein vai descrever sobre os temores primários da menina, nos quais esta se afasta do seio materno querendo, de alguma forma internalizar o pênis do pai, via oral. Porém esse pênis está introjetado na mãe, e a menina começa a agir de forma agressiva contra o corpo da mãe, sem deixar de temer uma resposta materna. Assim “O Édipo da menina é precoce. Instala-se desde a fase oral, por deslocamento do seio ao pênis do pai (desejo do pênis)”. (CHASSEGUET-SMIRGEL, 1988, p. 42).

Klein (1991) descreve que Freud também acreditava que a atitude da menina relacionada à mãe seria muito importante para os relacionamentos futuros. Ela explica que essa rivalidade e inveja são vivenciadas na situação edípica e na vida futura:

O pai (ou seu pênis) torna-se um apêndice da mãe e é nesses termos que a menina quer despojá-la dele. Mais tarde na vida, cada sucesso em sua relação com os homens torna-se, por conseguinte, uma vitória sobre uma outra mulher. Isso é pertinente mesmo quando não há uma rival óbvia, pois a rivalidade é então dirigida contra a mãe do homem, como pode ser visto frequentes perturbações da relação entre a nora e a sogra. (KLEIN, 1991, p. 232)

Sendo assim, essas situações passadas na infância serão grandes influenciadores nos relacionamentos futuros. De acordo com Chasseguet-Smirgel, inspirada nas teorias kleinianas e buscando entender a importância da introjeção na vida da menininha que reverberará no futuro, trazemos que:

A ambivalência em relação ao pênis introjetado pode levar a menina, e mais tarde a mulher, a multiplicar as experiências sexuais reais ou fantasmáticas, a fim de introjetar o pênis “bom” para combater o pênis “mau” interiorizado. O ato sexual é utilizado contra a angústia. Também pode ter a função de um “por à prova”. Com efeito, devido às suas pulsões sádicas, a menina teme ser destruída, teme a “afanise” (ver Jones). O coito pode tranquilizá-la (assim como o nascimento de uma bela criança, com a capacidade de amamentar com um bom leite). A escolha objetual feminina depende da elaboração de seus temores infantis. Ela pode escolher um “pênis bom” para acalmar seus temores em relação ao seu corpo. O prazer que retira do ato sexual ultrapassa então a simples satisfação libidinal, pois apazigua sua angústia ao mesmo tempo, “abrindo caminhos para relações amorosas duráveis e plenamente satisfatórias”. (CHASSEGUET-SMIRGEL, 1988, p. 40-41).

Podemos observar que este primeiro momento na vida da criança poderá ser responsável pela forma como ela vai trilhar e buscar seus objetos futuros, a forma muitas vezes como a futura mulher vai lidar com a sua libido em relação às suas funções sexuais. Essa teoria de Klein será futuramente retomada neste trabalho, na busca entre a subjetividade e as ânsias que, por vezes, invadem a vida de Fanny Hill.

Notamos que muitas dessas ideias nos trazem maiores e/ou outras possibilidades de reconhecimento do feminino, porém, no trajeto de nossa pesquisa, nos deparamos também com autoras que lançam um olhar bastante negativo sobre a posição da mulher ou do feminino em detrimento dos conceitos psicanalíticos. De acordo com Brennan (1997), muitas feministas desconsideram as teorias psicanalíticas, por considerarem seu criador, Freud, um homem no qual se encontravam traços de sua época, da era vitoriana. Época em que a moral, a disciplina, os preconceitos eram os norteadores. Além de Viena ser um espaço dominado principalmente por homens, as mulheres se encontravam reservadas para o plano do privado e familiar, sendo Freud, então, acusado de introjetar esses traços patriarcais em sua ciência. Como forma de corroborar com esse discurso, elas, um grupo de feministas, trazem, como exemplo, a paciente Dora. Esse grupo específico considera Dora uma mulher feminista que, por isso, não aceitando algumas imposições prescritas no tratamento por Freud, abandonou seu processo de análise. Nos dizeres de Brennan (1997), Freud não estava reconhecendo os desejos de Dora e somente ratificava os ideais sexuais vigentes da época.

Outro ponto muito discutido e questionado sobre os conceitos psicanalíticos freudianos tange a questão da própria feminilidade. Em seu artigo “Análise terminável e interminável” (1937), Freud descreve sobre o lugar da feminilidade, trazendo, em alguns momentos, o repúdio a este lugar. Nos dizeres de Brennan, sendo inspirada pelas escritas de Freud, podemos verificar essas contradições:

[...] a feminilidade é, portanto, o lugar onde nenhum homem- masculino ou feminino- quer estar, e o repúdio a ela é a atitude que caracteriza tanto o homem “normal” quanto a mulher que permaneceu masculina, recusando ou não conseguindo trocar sua primeira natureza masculina pela feminilidade. Muito embora Freud caracterize o repúdio à feminilidade como um dado imutável e semibiológico neste ensaio, ele não parece estar tratando o dado como sendo necessariamente um atributo universal das mulheres. Em vez disso, ele pareceria aplicar-se apenas à linha “masculina” de desenvolvimento e não à mulher feminina “normal” cuja masculinidade tenha sido adequadamente reprimida. (BRENNAN, 1997, p. 73).

Esse lugar de rejeição à feminilidade é um dos pontos mais conhecidos e divulgados pelas feministas contrárias às teorias freudianas. Essa recusa também é encontrada em outros textos, como no que descrevemos anteriormente denominado “Feminilidade” (1932), em que a menina rejeita a sua mãe, por esta não possuir o falo, e demarca o repúdio do seu próprio lugar de excitação erótica, onde ocorre o desprezo da mulher pela própria mulher e dos homens pelas mulheres.

Entretanto, sabemos que as ideias não se resumem tão simples assim. Do mesmo modo que existem vozes que gritam contra, apegando-se somente aos “deslizes” cometidos, há uma quantidade imensurável que fala a seu favor. Não podemos desconsiderar que Freud, a partir dos estudos sobre a histeria, veio demarcar e ajudar a romper estigmas, dentro de uma moral patriarcal e burguesa, dando voz à sexualidade até então amordaçada pelos padrões sociais vigentes.

No que tange ao discurso de determinados movimentos feministas contra Freud, não podemos esquecer que ele, sendo filho do século XIX, impregnado de traços culturais e sociais pertinentes à época, em algum momento do seu lugar de fala, seria inevitavelmente solapado por alguns desses ideais; o que a nosso ver não o desabona de todo o seu repertório teórico deixado.

Estas questões não cessam e “o emaranhado ainda fica mais confuso”, como diz Brennan (1997, p. 76). Entretanto, não mais puxaremos os fios deste novelo. Trouxemos esse quadro apenas como forma de compreender que o discurso freudiano, e as teorias psicanalíticas, muitas vezes, encontram posicionamentos desfavoráveis. Não podemos

desconsiderar o movimento feminista que muito fez e faz, e a cada dia vem angariando mais forças para uma melhor visibilidade para o lugar do feminino na sociedade, nem, em contrapartida, podemos descartar que a psicanálise deu voz a uma parcela que se encontrava reprimida pela sociedade, e que ainda caminha alargando os espaços para o conhecimento e melhor entendimento da subjetividade do indivíduo. Retomando uma fala anterior, não podemos desconsiderar o momento de escrita dessas teorias por Freud, pois sabemos que psicanálise e cultura caminham juntas; o que podemos é trazer um novo olhar para uma mesma questão, usando as palavras de André:

A teorização freudiana da sexualidade feminina é um conjunto complexo: ao lado da tese *princeps* (tal como formulada na *Nova conferência de 1932*), tese muitas vezes repetida, quase repisada, há outras formulações, menos acabadas e nunca “totalizadas”, que têm a ganhar com um exame. [...] Como observou Lacan, Freud dispunha de todas as chaves, mas só utilizou algumas. (ANDRÉ, 1996, p. 22-23)

Com isso, observamos que muitas são as proposições para o feminino, para o corpo da mulher e que, mesmo com todas estas constatações, ele ainda segue sendo recoberto por um véu do desconhecimento. Buscaremos, neste momento, puxar as bordas desse feminino por meio de uma das faces que o recobra: o corpo como mercadoria, o corpo prostituído, violentado, que reverbera na subjetividade de cada indivíduo.

2.3 O CORPO COMO MERCADORIA

Entraremos em um campo onde o corpo e, principalmente, o corpo feminino, é utilizado, por vezes, como moeda de troca: a prostituição. Demonstraremos alguns dos mais variados motivos que fazem uma mulher entrar e, muitas vezes, permanecer nesse caminho.

Para esse momento da pesquisa, nos pautaremos na tese de Calligaris, psicanalista brasileira, que estuda as diversas faces deste corpo feminino que se coloca à disposição. Antes de abordarmos a prostituição como troca ou comércio, trataremos a prostituição como uma das fantasias fundantes do feminino. Esta relação já se inicia na infância, de acordo com o fragmento abaixo:

Quando a menina se depara com o pai, ela encontra sua própria diferença anatômica no olhar que recebe e que pode ser interpretado como desejante. Já aqui está a contradição: se esse olhar não for interpretado (ou

interpretável) como desejante, a menina não terá como vir a ser mulher. Mas justamente esse olhar não pode ser propriamente desejante, sob pena de não ser mais o do pai, mas equivalente ao de um homem qualquer. (CALLIGARIS, 2006, p. 18)

Aqui, a menina precisa reprimir este desejo pelo pai, e reavivá-lo ulteriormente em suas futuras relações com outros homens. Esse desejo primevo com a figura paterna irá acarretar, de certa forma, sua conduta amorosa e sexual futura, na qual a menina e futura mulher vai buscar no “parceiro é um olhar desejante que não seja incestuoso, que não seja anunciador de alguma culpa de habitar esse corpo de mulher que está sendo desejado” (CALLIGARIS, 2006, p. 19).

Este medo, inerente à menina, advém da ameaça da castração, mas esta não está relacionada ao órgão sexual, mas à complexidade maior das relações; está direcionado à perda do amor, primeiramente a do amor paterno e depois das relações amorosas. Esse amor é um elemento basilar para a mulher se subjetivar. Entretanto, muitas vezes, esse sentimento se confunde e se configura como aquele primeiro amor que advinha do pai, ou do tutor parental. Assim, a mulher precisa conjugar dois amores ou dois olhares, o olhar desejante e o amoroso, ainda que nesse processo ela possa encontrar alguns obstáculos.

O olhar amoroso é aquele primeiro olhar, o protetor, e, em contrapartida o olhar desejante está ligado ao desejo, ao sexual, ao carnal. O que ocorre é que, muitas mulheres, não conseguem agregar esses dois olhares, impossibilitando sua entrega “total”. Muitas mulheres só conseguem se relacionar sexualmente se o amor (olhar amoroso) for a base desse relacionamento. Algumas não conseguem agregar o olhar desejante e, assim, se entregam parcialmente, apresentando inibições, através do pensamento: o que o outro pode pensar dela se ela se entregar sem amarras no jogo sexual, congregando, assim, a posição da mulher pudica, da mulher de “família”. Para ela qualquer “deslize” pode ser sinalizado pelo outro como a perda do amor, ou assim a perda do amor do pai.

Existem também as mulheres que somente conseguem conjugar o olhar desejante. Estas, por vezes, não encontram as inibições presentes na mulher citada anteriormente, mas encontram outras barreiras, como a dificuldade de manter uma relação sólida. Calligaris descreve o comportamento sexual dessa mulher da seguinte forma: “seu corpo está jogado na disponibilidade, no puro uso e puro gasto” (CALLIGARIS, 2006, p. 22).

De acordo com essa citação, não podemos pensar na mulher que usufrui do corpo como sinônimo de liberdade e prazer, mas na mulher que o utiliza como forma de “vingança”, de traição ao pai. Ou na mulher que ousa, através do seu imaginário, buscar os diversos

olhares desejantes que foram perdidos, através dos seus fragmentos, e constituir-se como um corpo feminino. Algumas são as possibilidades; no entanto nos é comprovado que essas entregas nem sempre trazem resultados satisfatórios, mas uma alternativa de subjetivação.

A última possibilidade é a que agrega os dois olhares, é quando a menina consegue passar de forma satisfatória às questões edípicas, da castração e do amor pelo pai. Ela não encontra maiores dificuldades para balancear seu papel sexual satisfatório, perpassando os papéis de “santa” e “prostituta”, usufruindo destes “personagens” quando melhor lhe aprouver.

Essa construção da fantasia de se entregar sem as amarras, como uma prostituta, “talvez conduza uma mulher a se libertar da prisão em que a paixão inicial por um homem – o pai – a colocou” (CALLIGARIS, 2006, p. 25). A mulher passa por esta dicotomia, puta e santa, e entre amor e sexo, pensando que se ela se entrega como “puta”, pode perder o amor, e se se mantém no papel de “santa”, ou púdica, pode não perder o amor, mas se castrar da própria busca por seu gozo feminino. Pensando sobre esse “colocar-se” na fantasia como prostituta, Calligaris descreve que:

A trama conflituosa na qual uma mulher se encontra em relação ao embelezar-se talvez seja esta: dever, a cada instante, sua significação à possibilidade de produzir desejo- sem garantia de um amor assegurado pelo preço da castidade. Nesse sentido, a fantasia de prostituição seria uma das janelas para que uma mulher se autorize a expulsar-se do circuito entre amor permitido e sexo interdito com o pai. [...] Evoquei uma fantasia de prostituição como passagem obrigatória para que um corpo de mulher possa se erotizar e eventualmente- escapando às malhas edípicas- conhecer algo do gozo que lhe seria possível. (CALLIGARIS, 2006, p. 28-30)

Sabemos que a passagem edípica feminina é muitas vezes permeada de sofrimentos e dificuldades. Essa busca pela mulher, feminina, passa pelo tripé familiar, mãe, pai e filha. É necessário transpor todas essas barreiras, sendo crucial à menina mulher transgredir, se ver fora deste mundo regido pelo amor e pela lei paterna.

Além desses modi operandi e/ou escolhas que vão enredar a vida amorosa e sexual da mulher, Freud também escreve sobre uma escolha objetual feita pelos homens. Ele relata que alguns homens, que mantiveram durante a sua vida uma fixação relacionada com a mãe na infância que se prolonga por um período maior que somente dessa primeira fase, apresentam algumas escolhas objetuais específicas. Dentre as diversas possibilidades, alguns homens somente escolhem se relacionar com mulheres comprometidas, buscando uma alusão à competição travada por ele pela “posse” da mãe em relação ao pai. Outra forma encontrada

por esses homens é quando o amor está direcionado a mulheres que se aproximam moralmente de uma prostituta, ou de mulheres muito libertárias que usufruem de sua liberdade sexual de forma indiscriminada. Esses homens se veem e se colocam na vida das mulheres como grandes “salvadores”. E para serem os redentores dessas mulheres, elas deveriam estar “perdidas”, pelo menos para eles. Assim, eles (os salvadores), “acolhiam” e tiravam essas mulheres de um julgo social já predeterminado pelas línguas afiadas e perpassada pela moralidade vigente. Aqui vemos também a identificação de salvar a mãe, assim como o pai fez com esta mulher.

Notamos que as relações objetais tendem a ser caracterizadas pelas vivências infantis, tanto nos meninos como nas meninas, embora cada ação reverbere de forma subjetiva e individual futuramente.

E, pensando nesses modos de subjetivação, buscaremos as diversas formas que “constroem” ou “constituem” a prostituição. Na mulher, que se encontra envolvida nesse comércio e nas singularidades que a subjazem, escapam as diversas possibilidades de inserção nesse campo tão dicotômico, perpassado, por vezes, pelo asco e pelo desejo.

Primeiro, abordaremos a prostituição como violência. Nesses casos, geralmente encontramos uma mulher advinda de várias modalidades de violência, como estupros, espancamentos, etc. Trilhando o pensamento de Calligaris (2006, p. 45), essas mulheres buscam a prostituição “como uma possibilidade de que o seu corpo se endureça a partir de suas próprias mãos,[...] elege a prostituição como uma retomada de poder; nesse momento de sua vida é ela e não os “outros” quem decide como seu corpo vai se endurecer, se oferecer, se maltratar, se punir.”

Buscando exemplificar os dizeres da autora, essa entrega para a prostituição não advém de uma fantasia, mas de uma forma de punição de atos anteriores de sua vida, como um “masoquismo que se resolveria em bater eternamente o joelho nas pernas da mesa” (CALLIGARIS, 2006, p. 48). Notamos que o amor próprio não costuma perpassar esse corpo e o que o direciona é somente a entrega, uma entrega de um corpo fragmentado, em pedaços, fantasmático, que busca, nesses meandros da sexualidade, uma resposta ou um motivo para problemas anteriores.

Como forma de corroborar e demonstrar a prostituição como violência, traremos um exemplo retirado do livro de Calligaris (2006). A personagem nomeada de Andrea relatou as inúmeras brutalidades, psicológicas e sexuais, que sofreu durante a vida. Iremos, primeiramente, descrever as violências vividas e em seguida pensar nas consequências que reverberaram em nossa personagem.

A pequena menina foi atacada sexualmente quando tinha a idade de nove anos. Ela relatou a experiência aos pais, que não repassaram o fato ocorrido para a polícia. Na juventude, Andrea se encontrou mais uma vez diante de uma situação de medo e pavor, pela segunda vez sofreu um estupro; dois elementos a violentaram sexualmente, além de a espancarem brutalmente. Desta vez, diferentemente da primeira, ela não relatou o ocorrido, pois estava trabalhando para um grupo de pacifistas e acreditou que o melhor seria se calar nesse momento. As brutalidades não pararam. Andrea sofreu pela terceira vez outro estupro, agora com dezoito anos. Os criminosos eram dois médicos. O fato ocorreu quando ela estava presa, devido a uma manifestação que estava participando pela ONU contra a Guerra do Vietnã. Ela publicizou o fato, mas, embora tenham sido levantados vários debates a respeito, os médicos jamais foram punidos. Passados os acontecimentos, Andrea se encontrava desolada financeira e psiquicamente. Assim, buscou na prostituição um meio de sobrevivência. No texto, ela relata a existência miserável que encontrou no período de trabalho nas ruas. Durante esse período, Andrea conhece um homem por quem se apaixona e os dois decidem construir uma vida juntos. Porém seu marido não era bem a pessoa que ela esperava e, no decorrer do convívio, demonstrou ser uma pessoa agressiva e possessiva, levando Andrea, mais uma vez, a se ver sendo vítima de maus tratos físicos e psíquicos.

Após essa rápida abordagem na vida de Andrea, Calligaris relata a consternação pelo sofrimento dessa mulher. Acreditamos que essa consternação se amplie para todos que leem esses fatos, pelo menos pela maioria. Pelas histórias contadas, notamos que ocorre uma constante repetição dos fatos em sua vida. Diante disso, buscaremos, através dos conceitos psicanalíticos, apreender como esses fatos foram internalizados e compreendidos no movimento vivido pela personagem, Andrea.

No primeiro estupro, como nada foi feito por parte dos tutores parentais, ao contrário do que era esperado, Andrea coloca essa consequência como uma vitória do patriarcado, “sim, venceu o pai, agora podemos seguir a luta” (CALLIGARIS, 2006, p. 46). O segundo abuso para ela devia ser esquecido, porém vem o terceiro momento, com a agressão dos médicos, e aqui o depositário ‘imaginário’ recai para o social, “o social é responsabilizado pela dor de ser mulher” (CALLIGARIS, 2006, p. 46). Percebemos que os “culpados” saem do âmbito privado, a família, e vão para o público, o social. Todavia, pensando no momento posterior que está relacionado com o marido que a maltrata, notamos o retorno ao privado – fazendo uma analogia, pensamos no retorno ao pai. Aquele pai que não a protegeu, que de certa forma é aquele que a desamparou, imaginariamente é também o homem castrado, que não é digno de

receber o seu amor. Com a falta da entrega e da reciprocidade deste amor, o feminino não se constitui, se transforma em um corpo sem significação.

Notamos que a vida pregressa e seus desdobramentos são fundantes para a vida futura de cada indivíduo. Nesses meandros da subjetividade cada um reagirá e se (res)significará muitas vezes. Alguns voltando e refazendo os mesmos caminhos, outros ainda buscando novos. Isso está intrinsecamente ligado a como cada um conseguirá lidar com seus afetos e desafetos no decorrer deste caminho.

Outra proposição de Calligaris (2006) é a do que ela chama de prostituição realizada. As personagens são as meninas que vivem nas ruas, que saíram ou foram expulsas de casa, pelos problemas mais diversos. Porém, entre estes problemas, encontramos: maus tratos, assédios sexuais, e vários outros tipos de vulnerabilidade. A rua agrega grande parte dos problemas vividos em casa, mas, com a diferença de que, se nessa existia uma simbolização de família de um suposto afeto, cuidado, mesmo que mínimo, nas ruas o que rege é a ordem da realidade, nua e crua. Se antes o simbólico, de alguma forma, queria se tornar real, elas então fogem para ruas buscando a realidade. Contudo, essas meninas não perdem totalmente o simbólico dentro do seu processo de subjetivação; existe sempre uma mãe, uma irmã, um pai, uma madrinha que, muitas vezes, figura no consciente da menina, do sujeito.

Pensando nessas subjetivações e simbolizações, Calligaris (2006), inspirada por Deutsch, faz uma alusão ao pai do dia e ao pai da noite, mas o que seria isso? Submetida às fantasias e ao imaginário da menina, o pai do dia é a figura que a protege, ou deveria proteger – é o pai que impera no consciente, onde os afetos ocorrem –, em contrapartida o pai da noite se faz no imaginário, onde perpassam as diversas fantasias de sedução, da castração, e também é aquele no qual a menina se reconhece como feminino, usando seu poder de sedução, para assim, chamar sua atenção. A conjunção destes dois “pais” faz com que a menina sinta tanto o amor, mas também se sinta desejada, configurando no ser feminino. Podemos dizer que este corpo de mulher é utilizado tanto consciente como inconscientemente para a sua constituição enquanto sujeito.

Para melhor contextualizar as questões do pai do dia e do pai da noite, que perpassam a vida e o imaginário das meninas, faz-se dizer que:

As meninas procuram um encontro com o pai imaginário, que é cruel e que priva, o pai da noite. É aquele pai que só as reconheceria pelo real do seu corpo e que não se colocaria como exceção, que as desejaria como qualquer outro. Essa exceção, como falava antes, é necessária para que a mulher possa justamente entregar seu corpo, uma vez que o amor do pai a protegeria. O que difere aqui é que a menina de rua, como qualquer outra mulher, precisa

concreta e realmente alijar-se do pai que a deseja (seja ele encarnado pelo tio, padrasto ou outro homem de casa). Ela deve distanciar-se desse pai, concretamente. Mas não encontra um pai diurno diferente que possa lhe restituir o corpo. Sob o olhar de um pai eternamente noturno, o corpo pode mesmo a desaparecer, não ser mais corpo de gente e vir a ser um corpo de bicho. (CALLIGARIS, 2006, p. 61)

De acordo com o fragmento de Calligaris e com os dizeres anteriores, o pai da noite era aquele que deveria se configurar no imaginário, o pai da sedução. Porém, para muitas meninas que fazem da rua sua casa, esse “pai” saiu da imaginação e adentrou a realidade. Esse “pai”, que pode ser um tio, um padrasto, pode ser um sedutor (abusador), tanto do corpo como do psicológico das meninas, não se contém à subjetividade e se faz real. Com isso, elas preferem viver a realidade, nua e crua, fugindo do simbólico, que seria a família ou o pai do dia, aquele que as protegeria.

Mesmo sabendo de toda essa vulnerabilidade, muitas mulheres, ainda assim, preferem essa vida ou permanecem nela por serem as melhores experiências que até agora encontraram? Difícil responder essa questão. O que sabemos é que, nessa busca pelo pai simbólico, mesmo não o encontrando, elas se posicionam como objeto de desejo. Tal busca é fomentada por uma sociedade que se encontra recoberta pelos véus da hipocrisia e que, dentro da economia psíquica destas meninas, surge como essa entrega corpórea que é também uma solução encontrada por elas mesmas.

Observamos, nessas descrições, os diferentes motivos e as várias maneiras como a prostituição acontece, porém estas não são as únicas. Cada mulher, prostituta, tem seus motivos para escolher, ou serem escolhidas para esta profissão. O que fizemos aqui foi um rápido levantamento de alguns desses motivadores sem, no entanto, buscarmos ainda, dentro desse universo tão obscuro, outras faces de constituição da mulher e do feminino.

Sabemos que o feminino, mesmo após tantos estudos, ainda se encontra como um iceberg em que a ponta observável é apenas uma ínfima parte do todo que está ocluso aos nossos olhos. Freud, em seus últimos escritos, ainda se deparava com o “continente negro” do feminino. Lacan buscou, entre os matemas e a lógica, o que chamou de Outro gozo.

No que chamamos de feminino, encontramos a feminilidade e a feminidade. Podemos pensar que a feminidade não se encontra relacionada, diretamente ao gênero, feminino ou masculino, mas, ao que descreve Escolástica (1995, p. 17) no tocante a que “o termo feminidade, aqui invocado, é como um lugar topológico do ser. Lugar de passagem, diríamos. Quando se fixa, torna-se sexual: é a feminilidade”.

Notamos que a feminidade antecede e perpassa a feminilidade, projetando toda a complexidade desse ser feminino e sendo, por vezes, encontrado em um dilema de saber onde um começa e onde outro termina. Na impossibilidade de caracterizar esse corte, a feminidade e a feminilidade por vezes irão se (re)encontrar.

Para começar, podemos pensar nessa feminidade como algo que perpassa os sexos, mas sem os definir; algo que adentra mais no intuitivo. A autora ainda coloca que vai muito além das dicotomias já descritas por Freud, de ativo e passivo e chega a ser algo do nosso inconsciente que, conforme a passagem dos tempos, décadas, séculos, e toda reprimenda da sexualidade, pensando no patriarcado e no jogo do poder religioso, rege os papéis da ordem cultural que muito vão expressar sobre estes corpos e seus novos significados.

Para buscar a feminidade, vamos retornar um pouco ao caso das histéricas, que, de acordo com Escolástica (1995, p. 26) “A histeria, como o seu próprio nome indica, é a doença da matriz, ou, se preferirmos, a feminidade doente, sem que isto implique em restringi-la apenas às mulheres, como era costume se pensar até o século passado”. Em tempos passados, a histeria também remetia muito às doenças que tinham como um dos fatores a enfermidade do “útero”, relativas às mulheres, e que, na realidade, podiam ser expressas com asma, melancolia, epilepsia; tudo se centrando na ideia de que esse mal viria do útero feminino, embora existisse também outra concepção que recaía sobre as histéricas, como sendo uma doença de depravação moral.

Seus ataques iam contra todas as leis impostas, os gritos, a percepção de um corpo até então coberto, ressentido, fechado, era exposto, emergido por desejos e culpas. Porém, esse desejo se mostrava e se escondia ao mesmo tempo. Os gritos traziam algo silenciado, aos que comparavam esses ataques a grandes encenações. Podemos, sim, pensar que essas “cenas” traziam à tona um mundo obscuro, dominado por opostos, que pouco ou nada entendiam e por isso mesmo os imobilizavam, tentando criar seres dominados por leis, que os mesmos nunca nem pensaram em cumpri-las.

A partir de Freud, esse grito preso pelo silêncio forçado ganha ouvidos e, com o advento dos novos tempos e maiores liberdades, a histeria tende a desaparecer, da maneira como era vista, recriando-se com novos contornos e novos modelos. Ainda assim, contudo, afetam a feminidade do indivíduo, pois “a feminidade revela, além da história de uma mulher, a história do ser humano e sua cultura” (ESCOLÁSTICA, 1995, p. 28).

A feminidade sempre foi deslocada do seu lugar, sendo relegada ou negada. Como dito, anteriormente, esta circunstância foi imposta pelo social. Aqui voltamos o olhar para a mulher, ponto central do nosso trabalho, e sua (sub)condição, que sai de um status de

domínio, leia-se matriarcado, para cair nas garras de um processo de subalternização, no qual sua figura é reconfigurada somente para a reprodução. Seus desejos e vontades são oprimidos para além do corpo em algum entrelugar desse continente sombrio que, a partir dos movimentos feministas, e porque não citar os estudos psicanalíticos, tenta trazer à tona, derrubando imposições, a busca nesses vazios, a feitura da identidade da mulher que, como diria Brennan (1997), está para além do falo.

Essa tentativa de conceituação da feminidade começa a partir de Freud descrevendo que esse conceito escapava a seu domínio. Tempos depois, Lacan, através de seus matemas e da lógica, traz diversas equações que, tamanhas a sua dimensão e a sua complexidade, muitas vezes se encontram no lugar do incompreensível. Aqui, tentaremos trazer umas das tantas fórmulas, de forma recortada e bem simplista.

Lacan altera a simples equação, do valor (–) como feminino e o (+) como sendo da ordem do masculino – equações antiquíssimas para falar sobre a sexualidade –, e descreve que, dentro de cada um destes sinais, existe uma contradição: nem todo (+) é fálico, e nem todo (–) se encontra no domínio da submissão a essa função fálica. Nessa nova conceituação, Lacan consegue deixar as portas abertas para as mais diversas possibilidades de gênero e de sexualidade, como também deixa as lacunas dessas múltiplas possibilidades para a constituição da feminidade no sujeito. De acordo com Escolástica:

A pergunta da mulher pelo ser que lhe é próprio revela, portanto, a experiência dramática de uma feminidade não circunscrita ao universo da razão logocêntrica e descentrada, ao mesmo tempo, da suposta unidade do sujeito fálico. Nem ego cartesiano, nem o Um hegeliano. Sua negatividade intrínseca condena todo aquele que ocupa esta posição a habitar o múltiplo, sem jamais se concluir Um. (ESCOLÁSTICA, 1995, p. 33).

Dentro dessas múltiplas arquiteturas, nessa incompletude de se fazer inteira, a posição da feminidade fica aberta. Escolástica descreve que essas posições e lugares, próprios a cada um, foram construídos pela história e pela cultura e, assim, reverberaram de forma negativa, principalmente em relação ao lugar e à posição da mulher. A mulher se encontrava presa dentro dela mesma, como um sujeito que não conseguia se desvendar. Além disso, não podendo se exprimir verbal e racionalmente, ela se mostrava através dos sintomas como: “esterilidade, frigidez e o famoso masoquismo, feminino-símbolo de uma feminidade recalçada histórica e culturalmente, geração após geração” (ESCOLÁSTICA, 1995, p. 35). Com isso, a autora conclui que tais sintomas estão mais relacionados ao *modus operandi* de uma sociedade, que também se encontra doente.

Uma das formas de compreendermos e “diagnosticar” essa sociedade que se encontra “doente” é através da linguagem. Sabemos que a linguagem é um importantíssimo meio de ligação entre os indivíduos. Através e pela linguagem torna-se possível apresentar as diversas formas e representações, nas quais também observamos as expressões e subjetividade do indivíduo. Podemos pensar a linguagem atuando em dois níveis. De acordo com Mélega (2007), um advém do inconsciente, através de identificações projetivas, e outro se encontra no consciente, onde ocorrem as comunicações. Para Escolástica (1995, p. 36) “O aprendizado da língua é o aprendizado de canalizações das pulsões e dos afetos em direção à representação”. Para Lacan, a linguagem está inserida na ordem do simbólico¹⁸, estrutura universal que engloba todo o campo de ação e da existência humana.

Notamos que a linguagem diz muito de nós e do meio social em que estamos inseridos. Buscando entre as culturas e por meio da linguagem somos obrigados a reconhecer que diversas línguas, de uma forma ou outra, a padronizam configurando “o todo”. De forma masculina, ou em alguns casos, como no alemão, a palavra “feminino” está situada no gênero neutro, o que também corrobora com uma posição “inferiorizada” da mulher. De forma a aclarar melhor esta ideia, trazemos que:

Tais aberrações, no entanto, por mais que se prestem ao cômico, são trágicas, porque revelam que à força de conviver com os símbolos fálicos, acabamos pensando falicamente. Toda tentativa de colocar a feminidade dentro de conjuntos fechados esbarra sempre num ideal fálico, numa busca de identidade, numa imitação do modelo masculino incompatível com o princípio (i)lógico do “não-todo”, ou do não-Um. A linguagem, estruturalmente fálica, não concebe, pois, que a feminidade se diga senão pela ausência ou negativamente. (ESCOLÁSTICAS, 1995, p. 39)

Esta avalanche contra a feminidade, e que se liga diretamente à posição da mulher, enreda esse sexo considerado “frágil” a recalcar seus desejos, palavras e representações mais significativas e prementes. Assim a feminidade se encontra entre os vazios, as lacunas, buscando e não encontrando, as mais diversas formas de se (re)constituir cultural e subjetivamente, se deparando com um vazio inominável. Nos dizeres de Escolástica, sendo ela inspirada nos escritos de Lacan sobre a falta e o vazio: “porque é na falta que se mantém

¹⁸ Termo extraído da antropologia e empregado como substantivo masculino por Jacques Lacan, a partir de 1936, para designar um sistema de representação baseado na linguagem, isto é, em signos e significações que determinam o sujeito à sua revelia, permitindo-lhe referir-se a ele, consciente e inconscientemente, ao exercer sua faculdade de simbolização. Utilizado em 1953 no quadro de uma tópica, o conceito de simbólico é inseparável dos de imaginário e real, formando os três uma estrutura. Assim, designa tanto a ordem (ou função simbólica) a que o sujeito está ligado quanto a própria psicanálise, na medida em que ela se fundamenta na eficácia de um tratamento que se apoia na fala. (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 714)

aquilo que está para além do Falo, aquilo ao qual chamaríamos de inconsciente arcaico, e que não se significa, apenas se transveste de fantasia” (ESCOLÁSTICA, 1995, p. 43).

Essa falta é o que gera, na feminidade, uma busca, um desejo que advém de outro desejo, mas que muitas vezes não corresponde à sua vontade ou às expectativas da mulher, ou dos indivíduos que se encontram perpassados por essa feminidade. No entanto, essa incompletude está ligada a uma trama de significados, construídos socialmente, que as perpassam, as colocando no que conhecemos como condição humana, e mais especificamente no processo identificatório do sujeito.

Para conhecermos essas identificações, buscaremos na teoria de Françoise Dolto, a composição e construção dos esquemas e imagens que reverberam no sujeito. Fixaremos nosso olhar para exemplificar esses conceitos no feminino, mais especificamente nas prostitutas, que além de perpassarem por toda a história, são uma fonte que consegue descrever toda a dinâmica social de uma comunidade.

2.4 OS “ESQUEMAS” SOBRE A PROSTITUIÇÃO

Quando pensamos em prostituição muitas imagens podem vir à tona. Fazendo uma busca rápida na internet, no site google.com, pela palavra “prostituição”, as imagens que aparecem são as de sapatos de salto alto, de lingerie, de mulheres seminuas, ou de maioria parada nas ruas fazendo poses que vão do erótico ao vulgar. Essas imagens social e psiquicamente construídas permeiam a imaginação de muitos, mas será que essas imagens tão amplamente divulgadas são as mesmas que essas prostitutas concebem delas mesmas?

Para adentrarmos nessas imagens que perpassam o corpo, mas também são construídas psiquicamente, usaremos o aporte teórico da psicanalista e pediatra francesa, Françoise Dolto que, através dos seus estudos e da sua extrema sensibilidade com a clínica, demarcou as diferenças, que ela descreve e nomeia de imagem e esquema corporal. Como forma de introduzir essas diferenciações nos valeremos de que:

O esquema corporal especifica o indivíduo enquanto representante da espécie, quaisquer que sejam o lugar, a época ou as condições nas quais ele vive. É ele, o esquema corporal, que será o intérprete ativo ou passivo da imagem do corpo, no sentido de que permite a objetivação de uma intersubjetividade, de uma relação lúdica “linguagreira” com os outros que, sem ele, sem o suporte que ele representa, permaneceria para sempre um fantasma não-comunicável. (DOLTO, 2015, p. 14)

A partir dos dizeres de Dolto, entendemos que o esquema abrange os indivíduos de forma generalizada, e esse esquema vai se modificando de acordo com o tempo e o espaço em que os sujeitos estão inseridos. Podemos exemplificar esse esquema, buscando a figura da prostituta, nos longínquos anos 3.000 a.C, quando ele estava relacionado a uma ligação viva com as deusas ou a deusa. Elas tinham o status de sagradas, ou seja, o esquema que era transmitido abrangia essas mulheres como sagradas. Posteriormente, no decorrer dos séculos, ocorreram diversas mudanças, que foram criadas através do social e religioso. Com efeito, esse esquema sofre alterações e é destituído do lugar do sagrado e inserido no lugar do pecaminoso ou do profano. Não mais encontramos a prostituta como o elo dos homens, no sentido amplo da palavra, com as deusas, mas presas ao lugar imposto a elas que era o de “saciar” e/ou satisfazer carnalmente o ímpeto sexual dos homens. Esse esquema da prostituta ainda perdura nos dias atuais, ponderando as modificações e transformações no decorrer do tempo.

Em linhas gerais, notamos que o esquema é algo superficial, observável e que serve de modo geral a cada parcela social, dividida em: gênero, posição social, idade e outras tantas possibilidades. Entretanto, quando buscamos o indivíduo, a sua subjetividade, nos depararemos com ela através da imagem corporal. Novamente, utilizando-se do trabalho de Dolto, a imagem corporal é:

[...] a síntese viva de nossas experiências emocionais: inter-humanas, repetitivamente vividas através das sensações erógenas eletivas, arcaicas ou atuais. Ela pode ser considerada como a encarnação simbólica inconsciente do sujeito desejante e, isto, antes mesmo que o indivíduo em questão seja capaz de designar-se a si mesmo pelo pronome pessoal Eu e saiba dizer Eu. Quero dar a entender que o sujeito inconsciente desejante em relação ao corpo existe desde a concepção. A imagem do corpo é, a cada momento, memória inconsciente de todo o vivido relacional e, ao mesmo tempo, ela é atual, viva, em situação dinâmica, simultaneamente narcísica e inter-relacional: camuflável ou atualizável na relação aqui e agora, por qualquer expressão “linguageira”, desenho, modelagem, invenção musical, plástica, assim como mímica e gestos. (DOLTO, 2015, p. 14)

Observamos que a imagem inconsciente do corpo é algo totalmente ligado ao pessoal, às vivências e subjetividades de cada indivíduo. A imagem abarca nossos anseios, desejos, frustrações, reverberando no nosso dia a dia. Com isso, percebemos que o esquema e a imagem corpórea andam juntos, e que através delas encontramos a possibilidade de comunicação com o outro.

Tanto o esquema como a imagem vão-se constituindo desde o nascimento do indivíduo e ocorre de acordo com suas relações, com seus pares ou, melhor dizendo, com seus tutores parentais e/ou pessoas próximas. Essas relações estão ligadas diretamente à linguagem¹⁹ verbal e não verbal, por meio da qual ocorrem as trocas, as partilhas nos vários âmbitos, como por exemplo: o caso das emoções. Outro fato é que a comunicação ou a linguagem possam ser simbolizadas, ou que possuam um significado para a criança, pois se essas comunicações não possuírem um significado, pode resultar em uma falta de simbolização, e derivar em danos traumáticos para o indivíduo; inclusive a falta da sua totalização da imagem corpórea.

A imagem do corpo encontra-se dividida por três aspectos ou modalidades, sendo elas: imagem de base, imagem funcional e imagem erógena, “aos quais, em conjunto, constituem e asseguram a imagem do corpo vivente e o narcisismo do sujeito a cada estágio de sua evolução” (DOLTO, 2015, p. 37). Esses aspectos combinados constituem a imagem do corpo ou, como Dolto denominou, o substrato ou a imagem dinâmica.

O componente da imagem de base configura-se na primeira imagem do corpo da criança da qual advém seu futuro ego, desde sua espera pelos tutores até o nascimento, evoluindo de acordo com cada fase. Assim a criança terá uma imagem de base para cada estágio, como nos descreve Dolto:

[...]é o que permite à criança sentir-se em uma ‘mesmice do ser’, ou seja, em uma continuidade narcísica ou em uma continuidade espaço-temporal que permanece e vai se preenchendo desde o nascimento, apesar das mutações de sua vida e dos deslocamentos impostos a seu corpo e, a despeito das provas a que ele é levado a submeter-se. É assim que eu defino o narcisismo, como a mesmice do ser, conhecida e reconhecida, indo-devindo para cada um no espírito do seu sexo. (DOLTO, 2015, p. 38)

Essa imagem é base fundante para a criança enquanto ligação de imagem e esquema, enquanto ser que se constitui, dentro do social e do simbólico. O narcisismo também é tratado como parte integrante do indivíduo, de onde advém a vontade de viver, desejar, de se desenvolver. Com isso podemos trazer a imagem funcional que, diferente da imagem de base de apenas almejar o desejo, existe na busca pela realização deste. Essa imagem está

¹⁹ Nas descrições de André sobre a linguagem, ele descreve que “ a língua não é simplesmente *natural* (herdada do grupo social a que se pertence) e *materna* (ensinada ao *infans* pelos seus próximos), ela é também singular, através do modo como cada um se inscreve, habita, compõe seu dialeto na língua transmitida. Tiques de linguagem, erros recorrentes de sintaxe, confusões fonéticas ou semânticas, linguagem *culta* ou *grosseira*, palavras evitadas ou preferidas, prazer de (se escutar) falar ou fechamento daquele que é calado... todos sem exceção desenham na língua comum, sem o saber, seu mapa pessoal[...] A linguagem não é apenas o instrumento da cura pela palavra (*talking cure*), é também seu primeiro material. (ANDRÉ, 2015, p.94-95)

relacionada ao movimento, às pulsões em busca do prazer com o social e com o outro. Os “prazeres”, ditos acima, estão ligados às experiências sensoriais e motoras da criança.

A imagem erógena está associada “à imagem funcional do corpo, lugar onde se focaliza o prazer ou o desprazer na relação com o outro” (DOLTO, 1995, p. 44). Essas três imagens ou componentes se unem e são os formadores da imagem do corpo, e vão se transformando dependendo das situações e vivências as que a criança é exposta.

Partindo desses componentes que se encontram ligados, suas reverberações e atualizações desembocarão no que Dolto chama de imagem dinâmica.

Podemos pensar a imagem dinâmica como um desejo, um desejo de ser, uma intenção de superar a “falta” e que sempre se constituirá em uma busca. “A imagem dinâmica é sempre a de um desejo em busca de um novo objeto” (DOLTO, 2015, p. 46). Nessa busca, muitas vezes exaustiva, para saciar o desejo, mas que por algum motivo esse desejo não é saciado da forma esperada, a imagem dinâmica faz com o que o indivíduo busque outra forma para supri-la. O importante nesse caso é alcançar ou chegar ao mais próximo do objetivo.

Observando e conectando essas imagens e esquemas descritos, voltamos o pensamento para o início dessa sessão, tentando configurar os esquemas prontamente montados do papel da prostituta e as imagens concernentes a cada uma delas. Com isso buscaremos, na história, “modelos” para tentarmos, através da teoria de Dolto, evidenciar as imagens e esquemas que dizem respeito a essas filhas de Eva.

Grande parte das prostitutas tem um esquema que foi construído durante os séculos, pelas sociedades, mas cada uma delas, dentro da sua subjetividade traz sua própria imagem. Buscaremos exemplificar estes conceitos de esquema e imagem através de algumas histórias de “amantes”, “cortesãs” e “prostitutas”.

Muitos são os livros que abordam histórias de mulheres que marcaram, por algum motivo, o momento em que viveram. Outros trazem um panorama de como determinado grupo (sobre)viveu em alguns períodos. Podemos citar *As prostitutas na história* (1998), de Nickie Roberts, ou outros mais específicos que descrevem a vida de algumas mulheres, como *Rainhas na sombra* (2015) de María Pilar Queralt del Hierro; *Amantes* (2016) de Elizabeth Abbot, ou ainda as *Prostitutas na Bíblia* (1998), de Jonathan Kirsch, livros esses que ajudaram na composição do primeiro capítulo deste trabalho.

Interessante pensar que todas as mulheres citadas nesses livros trazem um esquema definido; se pensamos no livro de Del Hierro, cada capítulo diz respeito a uma mulher, e o nome de cada uma delas traz como se fosse um pseudônimo, um “nome” como cada uma ficou conhecida, um nome de “guerra”. Vejamos alguns exemplos: Leonor Teles de Meneses,

ficou conhecida como “A dama maldita de Portugal”, ou Verônica Franco, a cortesã honesta, entre outras tantas nomenclaturas que, geralmente, vêm apregoadas por algum estigma. Todas essas mulheres tiveram histórias, mas o que as marca é algo referente ao seu esquema social e moralmente construído. Não estamos com isso fazendo apologia a alguns atos que sabemos extremos, mas não podemos também contextualizar a vida toda dessas mulheres por uma escolha delas. Existe todo um contexto para cada uma dessas mulheres, e o que queremos descrever é que elas são muito mais que apenas os esquemas que a sociedade as via e vê. Elas são constituídas para além deste esquema social; elas são esquemas observáveis, porém com uma imagem dotada de subjetividade e histórias constituidoras de um sujeito.

Quando Dolto descreveu o esquema e a imagem, esses recaem sobre o indivíduo. Nesse momento do trabalho, tentaremos ultrapassar esta dicotomia que se concentra somente sobre o individual, buscando corroborar que o esquema é também um estereótipo ou estigma que a sociedade apregoa ao indivíduo ou a uma classe, pertencendo a determinadas modalidades e padrões sociais.

Para Goffman (1988), os estigmas são valores ou pré-concepções que são traduzidas como realidade, em que todos os seres sociais estão inseridos. Sendo assim, a estigmatização recai sobre a sociedade considerada fora dos padrões, desconsiderando as coisas boas de um grupo ou de um indivíduo e se focando apenas nas coisas ruins, reduzindo o teor desse grupo ou desse indivíduo. Pensando na concepção de estigma de Goffman e buscando no estudo de Russo (2007), professora da Universidade do Rio Grande do Norte, que estuda um grupo de prostitutas que trabalha nas ruas de Natal-RN, no qual é discutida a dicotomia dos elementos simbólicos que não se esgotam somente no monetário quando falamos das prostitutas, encontramos muitos outros elementos que costuram essa relação corpo, mercadoria, sexo, valor, prazer, etc. Notamos que a prostituta sempre perpassa este papel estigmatizado, embora algumas passem por mais vilipêndios que outras, dependendo do status, do “valor de comércio”, do lugar em que estão inseridas. Mas, não podemos desconsiderar que o olhar, segue sempre enviesado, ou dotado de preconceito, sendo o grupo das prostitutas, constantemente, citado de forma pejorativa e inferiorizada.

Esses olhares pouco amistosos já estão documentados através dos dizeres bíblicos. Rememorando alguns casos citados no primeiro capítulo deste trabalho, podemos citar o das filhas de Ló, que se relacionaram sexualmente com o seu pai, com o intuito de dar continuidade à família e à tribo, conseqüentemente. Porém, o contexto geral da história fora tantas vezes subtraído e menosprezado que o que é colocado em questão é o uso do corpo das meninas para uma certa prostituição, e para cometerem o incesto. Essa história, podemos

encontrá-la no livro *As Prostitutas da Bíblia* (1998), onde é notável o esquema prontamente construído sobre as prostitutas. Embora muitas vezes o autor se solidarize com as histórias, a inscrição, o esquema já se encontra impregnado pelo estigma que a própria palavra prostituta carrega.

A personagem Tamar é outra que se encontra nesse rol bíblico. Na história, Tamar finge ser uma prostituta para deitar-se com seu sogro e cumprir o que estava escrito nos documentos da época, que definiam que após a morte do marido ela poderia se unir sexualmente com outro membro da família para dar à luz a um herdeiro. Porém com todos os entraves colocados pela família do falecido esposo, a única possibilidade que Tamar encontrou para conseguir assegurar seus direitos foi fingindo ser uma prostituta, para assim conseguir um herdeiro. Pensando que Tamar sempre foi uma mulher de “bem”, ou como diria Roberts (1998) a boa mulher, seguidora das leis que regiam sua cultura, se torna justo que seja nomeada de Tamar, “a prostituta”, e que sua figura esteja inserida na imagem e no rol das prostitutas, somente por fingir ser uma única vez para conseguir o que lhe era de direito? Aqui, não queremos fazer julgamento de valores, mas questionar os julgamentos morais sociais que a colocam como prostituta, desconsiderando que não era esse o lugar que ela queria estar, e sim, que esse foi o único meio encontrado para assegurar o seu direito.

Encontramos ainda a história que julgamos ser de uma passagem bíblica, sobre a prostituta que é considerada a mais famosa das Sagradas Escrituras, Maria Madalena. Muito se fala e já se falou dessa mulher, porém esse mito, da prostituta que se arrependeu e seguiu a Jesus, não existe em nenhum livro ou passagem bíblica. O que nos parece curioso é que mesmo com a ausência dessa passagem, o mito construído, e a imagem dessa Madalena arrependida, continua se propagando, fortificando a imagem de que a prostituta precisa se arrepender e trilhar novos caminhos, ou caminhos “moralmente” aceitos, de preferência buscando a santidade e a cristandade.

Esses esquemas estereotipados perpassam os séculos, como podemos comprovar no livro de Del Hierro (2015), em que a autora nos descreve a história de Isabel de Osório, o pecado do rei prudente (1522-1589). Esse rei, Felipe II, considerado “o prudente”, tinha um esquema prontamente montado de um semideus, como outros tantos reis que encontramos nos livros de história. Muitas dessas histórias desconsideram que, tantas vezes, esses reis eram grandes déspotas, além de comungarem a maioria dos pecados nomeados pela igreja. Os julgamentos a eles são sempre minimizados ou inexistentes e a culpa é sempre do outro, ou melhor, da outra, da mulher, da amante que, nos dizeres populares, o enredou e o seduziu à prática do crime ou pecado, sendo ele sempre considerado a vítima da situação. Se detalharmos

ou aprofundarmos em cada história, saberemos que as relações não eram bem assim; é possível visualizarmos as falhas concernentes a esses reis, mas também notamos que esses traços de grandes amantes reais são apenas considerados por vezes uma fraqueza de espírito, enquanto que para as mulheres esta é uma mancha que jamais será apagada, uma vez inscrita a imagem da prostituta, da cortesã ou da amante.

Na história de Isabel, o rei espanhol Felipe II, desde sua adolescência, já se mostrava com vivas ganas para os prazeres terrenos, mesmo sendo advertido pelo seu pai. Após o seu casamento, arranjado pelas famílias e bem comum para época, com Maria Manuela descrita como:

[...] recatada e simples, havia herdado da mãe uma forte tendência à obesidade, que levou os complacentes cronistas da época a classificá-la como ‘mais gorda do que magra’ [...], como registraram outros cronistas, o lábio caído, os olhos saltados ou o olhar apagado. (DEL HIERRO, 2015. p. 73)

O rei arranjou a desculpa perfeita para se afastar de sua esposa, já que Maria Manuela não possuía os adjetivos que lhe agradava. Devido a isso, assim, Isabel, que trabalhava como dama de companhia de sua irmã, “cinco anos mais velha do que ele e talvez, mais experiente, lhe abriu caminhos ainda inexplorados” (DEL HIERRO, 2015, p. 74). Posterior a esta descrição é atribuída a ela uma beleza que agradava os padrões estéticos da época, além de ser chamada de ambiciosa, pois soube lutar e guardar os “presentes” que ganhou do rei.

O rei ainda “coleccionou” inúmeras amantes e outro casamento. Isabel se precaveu, comprou terras, construiu um palácio, que ficou conhecido como “casa da puta do rei”, residência que o rei nunca conheceu. Ali ela viveu até o final dos seus dias, sozinha, ou talvez com filhos bastardos do rei, já que os documentos não conseguem comprovar essa parte da história. O que está descrito é que ela nunca mais se relacionou com alguém, diferente de Sua Majestade que continuava sua vida colecionando amores. O que nos parece aterrador, entretanto, é a frase final do texto, que cita o nome de Isabel e outras tantas amantes, “fora condenada pela história oficial, que transformou Filipe em um soberano sem mácula quando na verdade, apesar de ter sido o monarca mais poderoso da época, era simplesmente um homem” (DEL HIERRO, 2015, p. 78).

A imagem do rei sem mácula, mas que cometia erros, pois era um homem, muito nos diz sobre a construção desses esquemas, dessas dicotomias. Entre elas, os esquemas a partir dos indivíduos e os esquemas e determinados grupos sociais. Esses esquemas socialmente construídos e que perpassam tempos e sociedades, apregoam valores e moralidades e colocam

o homem em uma condição de superioridade e poder perante a mulher. Podemos pensar nesses esquemas também utilizando a imagem de uma balança, porém esta contém dois pesos e duas medidas, e estes pesos e medidas eram e são utilizados dependendo do grupo social e de gênero que o indivíduo ou grupo está imbuído.

O rei era somente um homem, nos dizeres da autora. Já Isabel, a culpada pelo pecado do rei prudente, foi a cortesã, a ambiciosa. Não estamos afirmando que ela não tenha aproveitado de algumas comodidades “reais”, mas o que questionamos é: a imagem negativa, ou da amante ou prostituta é única que fica marcada? A pesquisadora Abbott (2016, p. 110) nos descreve que “fosse ou não da nobreza, nem mesmo a mais poderosa amante real podia livrar-se da ignomínia de sua condição: a prostituta do rei”. A partir dessa frase podemos observar o esquema descrito por Dolto (2015) onde um determinado grupo pode e provavelmente será classificado por determinada característica. No nosso estudo, o grupo sobre o qual estamos nos debruçando é o das prostitutas, em que o esquema tantas vezes se mostra de forma inferiorizada, recriminada e dotada de preconceitos. Contudo, sabemos que esse esquema não retrata a individualidade de cada uma dessas mulheres, como esclarece os dizeres de Russo (2007, p.502) quando “embora o estereótipo crie não apenas uma imagem, mas um modelo em que as pessoas passam a ser encaixadas e identificadas, o ser prostituta não corresponde a uma apresentação externa identificável, e as classificações desconsideram o que compõe a vida das mulheres”.

Essa desconsideração abrange uma camada grande de mulheres. Desde o começo deste trabalho, já descrevemos as várias dicotomias que perpassam as filhas de Eva, ora são de “família” ora não. Estão divididas entre boas ou más, estão como as mulheres que são consideradas para o casamento e as que não são; essas segmentações nos causam inquietações. Pensando que a maioria das divisões ocorre a partir dos estereótipos ou dos esquemas próprios a cada grupo, e, ainda como sério agravante, que essas fragmentações são construídas socialmente, geralmente concentradas nas mãos de uns poucos manipuladores, principalmente do sexo oposto, reforçamos a origem daqueles que são grandes responsáveis pelo cerceamento do feminino.

No livro *Amantes* (2016), encontramos mais de 600 páginas descrevendo inúmeras histórias de mulheres que entraram e marcaram a história mundial, quando se colocaram ou foram colocadas no papel de amantes de grandes nomes, ou nem tão notáveis assim, de homens públicos da história.

Nesse livro, a autora traz primeiramente um retrato das concubinas, perpassando tempos e territórios, fazendo o caminho do oriente ao ocidente. No terceiro capítulo, nomeado

“Put a de quem? As amantes reais da Europa”, ela traz um conjunto de histórias sobre essas amantes. Algumas das histórias desse livro também encontramos no livro citado anteriormente de Del Hierro, o *Rainhas na sombra* (2015), como é o caso da amante, ou como foi nomeada pela autora e dando nome ao capítulo do livro de “a Puta Real”, que cravou na história seu nome: Nell Gwynne. Ela “foi a mais insolente e atrevida das amantes reais, mocinha travessa de nariz arrebitado, reluzentes cabelos castanhos, olhos de amêndoa que encaravam com toda a retidão e franqueza que a fizeram famosa e seios firmes e fartos” (ABBOTT, 2016, p. 111). Essa mulher, que também é nomeada com o “adjetivo” de deliciosa, foi amante de Carlos, rei da Inglaterra. Eles se conheceram em 1667. Ele, vinte anos mais velho enquanto ela somava apenas dezessete anos. Nell teve uma infância bastante sofrida, por isso trabalhou desde muito cedo; aos catorze anos, já havia deixado seu posto de vendedora de laranjas, função que exercia na porta dos teatros, e brilhava nos palcos como uma das principais atrizes. Nesse momento Nell era amante do sobrinho-neto de William Shakespeare.

A história assinala que a maioria das atrizes, desse momento histórico, tinha como amantes homens que figuravam nas altas escalas sociais. Nessa época, a imagem da atriz automaticamente remetia ao lugar de mulher de pouca confiabilidade, ou àquelas mulheres que não eram aptas ao casamento, ou apenas para relacionamentos extraconjugais, ou não se enquadrava no que era considerado a mulher de “família”. Sendo assim, esse esquema, prontamente montado da atriz, já remetia a pergunta, título desse capítulo do livro, esta mulher é a puta de quem?

No entanto, mesmo sendo colocada nessa posição tão depreciada com relação ao esquema que constitui esse grupo, a imagem de cada amante, prostituta, cortesã ou as chamadas mulheres de “bem” possuem a mesma constituição, no que se refere à construção ou composição do feminino, porém algumas possuem características que se sobressaem. Podemos pensar na fascinação que algumas mulheres, aqui remetendo ao grupo das prostitutas, exercem sobre os homens. Isso nos remete a um conceito que Lacan denominou de mulher mascarada. De acordo com Tomaz (2001, p. 83) e partindo dos postulados lacanianos, “a mascarada é o modo pelo qual uma mulher se presta ao desejo do homem. Uma vez que não tem o falo, ela passa a ostentá-lo através dos atributos da fantasia, aderindo ao parecer/parecer feminino”; isto é, essa mulher usa de inúmeros artifícios para alcançar seus objetos, ser desejada e amada. Lacan nos descreve essa máscara feminina com os seguintes dizeres:

Por mais paradoxal que possa parecer essa formulação, dizemos que é para ser o falo, isto é, o significante do desejo do Outro, que a mulher vai rejeitar uma parte essencial da feminilidade, nomeadamente todos os seus atributos na mascarada. É pelo que ela não é que ela pretende ser desejada, ao mesmo tempo que amada. (LACAN, 1998, p. 701)

Essa mulher, camaleoa, coloca-se da forma como o outro quer vê-la, escamoteando partes inerentes de sua subjetividade feminina como suas fendas e vazios, através da linguagem, reinventando-se, fingindo, encenando, seduzindo, construindo uma “personagem” que se encaixe no desejo masculino.

Um grande artifício usado no “teatro” da construção do desejo do outro é a sedução. Podemos pensar na sedução como uma “força” constante presente na vida dos indivíduos. Normalmente a sedução encontra-se relacionada à mulher, ao feminino, ou melhor, à feminilidade. No entanto sabemos que os homens também usufruem desses estratagemas, “mas certamente nas mulheres de forma mais radical. Isso porque as mulheres reconhecem com mais facilidade e assumem de bom grado a sua condição de insuficiência e desamparo, o que nem sempre é o caso dos homens” (BIRMAN, 1999, p. 60). Os excessos de: joias, adornos, enfeites, tecidos, fazem da mulher e do feminino uma própria vitrine, usando esses artifícios como chamarizes dessa busca de mover os olhos do outro para o indivíduo, um colar que venha de alguma forma a chamar a atenção para o colo, para o decote, ou uma parte do corpo, explorando assim o erotismo e a sedução.

Notamos que a sedução ocorre primeira e normalmente através do olhar que, atraído por esse corpo erógeno, atrai outros corpos erógenos sobre si, articulando-se, assim, em um gozo por parte deste corpo desejante que busca, nestes olhares escópicos, a satisfação de sentir-se desejada.

A sedução, os considerados “excessos”, a nomeação da mascarada, se encontram ligados diretamente ao esquema e à imagem da mulher e, nesse caso, conseqüentemente, à da prostituta. Porém, no percurso de “montagem” desses esquemas e imagens das personagens trazidas anteriormente, nos deparamos com a impossibilidade de “construção” das imagens pertinentes à subjetividade de cada personagem, uma vez que a história somente nos fornece os dados culturais e sociológicos. Notamos assim, que essas histórias das prostitutas corroboram na construção dos estigmas e estereótipos, considerando o grupo e desconsiderando o indivíduo. No entanto, essa teoria se faz muito importante, pois no processo de análise do terceiro capítulo, da nossa personagem Fanny Hill, observamos subsídios suficientes para compreender e aprofundar melhor nessa imagem referente às

Memórias de uma mulher de prazer.

CAPUT 3: A PROSTITUTA: NOVOS OLHARES

Neste terceiro momento do trabalho, buscamos a intersecção da literatura com a psicanálise a partir da obra *Fanny Hill ou Memórias de uma Mulher de Prazer*, considerado o primeiro romance erótico da modernidade.

Sendo a obra este marco literário, buscamos apenas introduzir a teoria do romance através do teórico francês Yves Reuter (2004), ressaltando ser apenas uma breve introdução, pois encontramos uma série de teóricos que nos possibilitariam um estudo pormenorizado e profundo sobre o tema, dentre eles Bakhtin (1993) e Lukács (2003), utilizados como aporte teórico de leitura, no entanto este não era o foco deste trabalho.

Seguido desta introdução buscamos perpassar historicamente o processo de criação e produção do livro e suas reverberações, tanto na vida do escritor, como na chegada ao público, sendo posteriormente encontrado apenas na lista dos livros proibidos e retomado apenas nos anos de 1960.

Após este momento de cunho teórico literário adentramos na história de Fanny, fazendo-se necessária esta imersão para entendermos todo o processo que a personagem passou até ser colocada e se colocar na prostituição, além de apresentar os processos vivenciados por ela, trazendo assim elementos para análise.

Neste ponto, as aproximações psicanalíticas começam o diálogo com a obra, buscando apresentar, a partir da narrativa, os caminhos e descaminhos de nossa personagem e sua subjetividade advinda do ser feminino. Para isso buscamos o aporte teórico de Calligaris (2006), Valdívia (1997), Dolto (2015), McDougall (1997) além de Freud (1932) e Lacan.

A partir dessas intersecções fomos adentrando o mundo de Fanny, na tentativa de encontrar entre as fendas e vazios, os desejos, trocas e as pulsões que perpassam nossa personagem, e assim a constituem como mulher, prostituta e a mulher de prazeres.

3 FANNY HILL: ANÁLISE

3.1 LITERATURA ERÓTICA: O PRIMEIRO ROMANCE

Neste terceiro momento do trabalho, buscamos entre os estudos teóricos advindos da arte literária e das ciências psicanalíticas algumas possíveis análises, já que o tema e a profusão do livro são capazes de dialogar com vários campos dos saber.

O livro *Fanny Hill ou Memórias de uma Mulher de Prazer* (CLELAND, [1748], 1997), é considerado o primeiro romance erótico da modernidade, trazendo à tona esse novo gênero narrativo. Antes de nos adentrar teoricamente na literatura erótica ou no romance erótico, faz-se necessário entender a narrativa romanesca.

O teórico francês Yves Reuter (2004) descreve que não podemos pensar a “história” do romance de maneira linear, clara e uniforme no decorrer do tempo. É fato que ocorreram diversas modificações e transformações, mas, no entanto, elas não podem ser condicionadas somente a datas, e sim, ao necessário pensar das complexas estruturas sociais, políticas, que envolveram as inúmeras modificações que conhecemos atualmente por romance. De acordo com Reuter:

O desenvolvimento do romance está portanto estreitamente ligado ao desenvolvimento da escrita (aliás, o papel só se torna comum no século XIII), da diversificação de suas funções e da multiplicação dos leitores (fora do círculo dos clérigos e das cortes) da Idade Média a nossos dias. [...] A história do romance está ligada ao desenvolvimento da codificação e da consciência da língua que se traduzirá no desenvolvimento dos dicionários, das gramáticas e das enciclopédias. (REUTER, 2004, p. 5, 6).

Com isso, observamos que tanto o romance como o segmento maior a que ele pertence, diga-se a literatura, não são passíveis de termos e pensamentos fechados, pouco pensados ou discutidos. Sobre a literatura, nomenclatura já discutida na introdução deste trabalho, sabemos da importância para a constituição social e pessoal. A composição literária, no sentido da formação dos agentes que compõem, que comercializam e que se deleitam com a literatura, nem sempre pôde usufruir com liberdade dos textos, “livros” vinculados a sua época.

Durante o passar dos séculos, o poder maior, leia-se o eclesiástico, a monarquia, os latifundiários, ou os detentores de algum tipo de poder das massas, controlava ou tentava

censurar as histórias e/ou livros que julgava contra a moral e os bons costumes da época. Não entraremos na moralidade atribuída a cada época, porém podemos pensar de modo macro como estes princípios morais estão intimamente ligados aos princípios judaico-cristãos. No entanto, mesmo com os diversos impedimentos, o romance, no decorrer do tempo, se “consagrou” como forma literária dominante. Esse fato ocorreu a partir do século XVIII, no momento em que já encontramos a imprensa pela qual a difusão e mercantilização se tornam mais fáceis e acessíveis. Outro fator importante referente ao romance está relacionado ao gênero ser sinônimo de liberdade. De acordo com Reuter (2004), o gênero romanesco escapa,

[...] à submissão às antigas regras e permitindo a *inovação* formal ou temática. *A priori* sem limites, pode falar tanto de indivíduo (toda literatura do Eu) quanto do *social*. Pode ainda abarcar a ideia de progresso por seu engajamento ou a crítica social, pela produção de uma visão de mundo que ele quer precisa e exaustiva (o realismo), depois científica (o naturalismo). Deste ponto de vista, o século XIX é a época onde o romance se constitui como referência. Ele se desfaz de sua imagem de inverossimilhança para se colocar como avalista do realismo, colaborador da visão científica e mesmo como instrumento de conhecimento. (REUTER, 2004, p. 11).

Como observamos, o gênero romance perpassou séculos, saiu do “considerado” gênero menor para o gênero mais difundido, embora saibamos que nem todos os gêneros que se encontram dentro do romance são amplamente aceitos no rol da crítica literária, como é o caso do romance e da literatura erótica; no entanto a história nem sempre seguiu estes preceitos, como veremos.

A literatura de cunho erótico, durante o processo histórico, nem sempre foi vista como uma transgressão à moralidade, já que este tipo de literatura continuamente buscou desvendar a expressão humana e cultural de cada povo e nem sempre esteve atrelada aos discursos sobre sexo e sexualidade presentes como, por exemplo, nas “sociedades disciplinares” (FOUCAULT, 1996; 1999). Um modelo dessa literatura “sem pudores” é visto na Antiguidade, no momento em que escritores romanos e gregos podiam de certa forma se expressar, assim como seus leitores se divertiam sem tantos “falsos moralismos”. Na Idade Média, não obstante, as proibições da literatura erótica já se acentuaram de uma forma “mais repressora”, o que não quer dizer que ela tenha sido domesticada e/ou solapada. Ao contrário, a escrita erótica continuou trazendo temas cada vez mais diversificados e, mesmo sendo pontualmente criticada, não deixou de despertar curiosidade e contribuir para a expansão do imaginário coletivo sobre a questão. Em outras palavras, queremos sublinhar que a literatura foi se modificando, ora trazendo um erótico cortês aberto, ora criando discursos controlados,

passíveis de criarem estigmas e repulsas, mas sempre em recorrente produção. No século XVI, por exemplo, surgem inúmeras histórias sobre a vida das cortesãs, sendo elas em poesia ou prosa. Pietro Aretino (1492-1556), que consagrou o diálogo de duas prostitutas no livro *Ragionamenti* (1534-1536), foi um dos grandes expoentes deste século e inaugurou um novo modelo de representação sobre a sexualidade. Marcado pela intenção realista, sua obra licenciosa pretendia expor “a coisa em si” e expandir a combinação de diálogos ao longo do século XVII (MORAES, 2013, p. 93).

No século XVIII, por conseguinte, a literatura erótica manteve alguns resquícios dos antigos diálogos sobre a vida das prostitutas (herdadas do século anterior), mas também nos trouxe inovações nos personagens, por meio de novas temáticas e de uma nova forma de gênero literário: o romance erótico. Esta mudança foi decorrente de uma popularização da literatura pornográfica, mesmo que sua ocorrência tenha sido nos “‘submundos’ mais incógnitos”, conforme nos afirma Moraes (2013).

Outra perspectiva desta nova visão erótica se encontra dentro do Iluminismo europeu do século XVIII, período do também chamado “iluminismo sexual”. Ao contrário do que se pode pensar, ele não representou uma liberdade sexual *stricto sensu*, visto que designou mais um controle sobre os corpos masculinos e femininos e seus papéis, do que uma liberação sexual destituída de repressão. Rousseau e Porter (1999, p. 21), por exemplo, na introdução do livro *Submundos do sexo no Iluminismo*, indicam que a iluminação sexual está composta pela liberdade sexual, porém, imprescindível ressaltar, aberta somente para homens.

O livro *Fanny Hill*, em que a narradora e personagem principal conta sua história como prostituta, foi escrito justamente nesse período, o que lhe fez ser alçado à categoria de literatura original e transgressora de paradigmas. A história de vida de Fanny tem um enredo e um desenlace bem diferentes dos outros livros do seu tempo, como podemos verificar ao comparar com *Teresa Filósofa* (1748). *Fanny Hill* possui uma linguagem bem refinada (em comparação com os livros de cunho erótico/ pornográfico²⁰ do período) e traz consigo um

²⁰ Novamente não faremos distinção sobre o que é erótico e o que é pornográfico, como já mencionado no primeiro capítulo. Neste momento utilizaremos o aporte teórico de Alexandrian, sobre as não diferenças, e explicitaremos a diferença em erótico e obsceno. De acordo com o autor supracitado “hoje, diante de produções literárias ou cinematográficas as mais desenfreadas, em vez de invocar a virtude como há pouco se fazia, pretendemos distinguir entre o erótico e o pornográfico. A nova forma da hipocrisia consiste em dizer: se este romance ou este filme fosse erótico, eu me inclinaria diante de sua qualidade, mas é pornográfico, por isso eu o rejeito com indignação. Esse raciocínio é tanto mais inepto quanto ninguém consegue explicar a diferença entre um e outro. E com razão: não há diferença. A pornografia é a descrição pura e simples dos prazeres carnaís; o erotismo é essa mesma descrição revalorizada em função de uma ideia do amor ou da vida social. Tudo o que é erótico é necessariamente pornográfico, com alguma coisa a mais. É muito mais importante estabelecer a diferença entre erótico e o obsceno. Neste caso, considera-se que o erotismo é tudo o que torna a carne desejável, tudo o que a mostra em seu brilho ou em seu desabrochar, tudo o que desperta uma impressão de saúde, de

amor romântico e uma subjetividade, caracterizando uma rede complexa na qual as experiências particulares do indivíduo implicam em uma relação com o mundo ao redor e com o outro; além do seu envolvimento ativo nessas duas relações, que até então eram pouco valorizadas no decorrer da vida das prostitutas da época.

O teórico Reuter (2004) descreve sobre essa evolução da categoria personagem. Em um primeiro momento, os personagens são limitados, e são meras reproduções de outros, “personagens sem liberdade, que cumprem um destino preestabelecido” (REUTER, 2004, p. 24). Os gêneros *fabliaux*²¹ e as canções de gesta²² são exemplos desse modelo pré-estabelecido.

Essas concepções, até então vigentes, começam a sofrer transformações entre o final da Idade Média e o começo do século XX, no qual a repetição vai dando espaço para a mobilidade social, psicológica e descritiva. Pautando-nos, novamente, em Reuter (2004).

A emergência do indivíduo e das mudanças de existência possíveis favorecem uma temática de *avaliação de sua vida*, já que as coisas não são mais preestabelecidas e isto nem individual nem socialmente. Os séculos XVIII e XIX apresentam uma importante encenação romanesca da felicidade, da infelicidade, da esperança, das lamentações, do tédio. O Eu afirma-se com sentimentos variados e misturados, emoções... (REUTER, 2004, p. 16)

Diante destas novas formas de interação surge o romance *Fanny Hill*, inserido e demonstrativo do universo de altos e baixos da prostituição. Além disso, vem apresentar uma série de questões passíveis de serem analisadas. Pautando-se num aporte psicanalítico, a ideia é explorar e analisar as representações e subjetividades presentes em nossa personagem que nomeia o livro, *Fanny Hill*.

3.1.2 O livro

O livro *Fanny Hill ou Memórias de uma Mulher de Prazer* (1997), considerado o precursor do romance erótico da modernidade, segue envolto de polêmicas desde o seu

beleza, de jogo deleitável; enquanto a obscenidade rebaixa a carne, associa a ela a sujeira, as doenças, as brincadeiras escatológicas, as palavras imundas. (ALEXANDRIAN, 1993, p. 8)

²¹ *Fabliaux*: Diminutivo de *fable* (fábula). Narrativas curtas, onde a ação predomina e o desejo de provocar riso se faz quase sempre presente. De acordo com Alexandrian (1993) os temas recorrentes do gênero são a prostituição, o adultério, e encontram-se acompanhados “de uma indecência inaudível” (1993, p. 37).

²² As canções de gesta são longos poemas épicos narrativos medievais que celebram as ações ou feitos dos heróis do passado.

lançamento. Logo após a publicação, seu autor, John Cleland, o editor e o impressor do livro receberam ordem de prisão. Esta ordem foi determinada não apenas pelas cenas eróticas inscritas no livro, mas em decorrência de uma cena de sodomia narrada na segunda parte da obra. Fanny, ao se instalar em uma hospedaria, pratica vouyerismo ao assistir uma cena de sexo entre dois rapazes. Rousseau e Porter (1999, p.100) nos apresentam este episódio do livro como sendo uma “mensagem libertina, anticristã e moralista”, posto que pretendia traduzir e expressar as intenções de Cleland quando escreve esta cena.

Adicionalmente à ordem de prisão, Cleland também sofreu diversas represálias. Uma delas, talvez, a mais significativa do ponto de vista moral, tenha sido a carta que o bispo de Londres, Thomas Sherlock, escreveu a Newcastle para o secretário de Estado. O bispo, com a finalidade de embargo da obra, profere os seguintes dizeres: “Suplico à Vossa Graça, que dê as devidas ordens de interromper a carreira deste livro vil, que é um insulto escancarado à religião e às boas maneiras e um opróbrio à Honra do Governo e à Lei do País” (WAGNER, 1997, p. 20).

Entretanto, de certo modo, isso permitiu que o livro obtivesse mais sucesso, visto que ele entra ao índice dos livros licenciosos (lista de livros proibidos que foram publicados em Londres no ano de 1885 e, posteriormente, reeditada em Nova York, 1962).

O livro volta aos tribunais em 1963, primeiro em Nova York, e, posteriormente, na Europa, a fim de ser avaliado se poderia retornar ou não ao mercado. A crítica, de uma maneira geral, negava o valor literário do livro, o que contribuía para a manutenção do embargo. Até os anos 1960, especialistas em literatura observavam um mau gosto nos aspectos sexuais da obra e preferiam ignorar sua existência, mesmo porque o erotismo contido no livro escancarava uma moral burguesa. Discursivamente, contudo, foi alegado que o livro não se adequava às normas cultas propostas pela academia literária da época. (WAGNER, 1997, p. 22)

O livro *Fanny Hill ou Memórias de uma Mulher de Prazer*, de John Cleland, homem que, como dizem alguns estudiosos da área, não nascera sobre uma boa estrela, gravou seu nome na literatura mundial com *Fanny*. O autor, de certo modo, nos presenteou com um romance erótico lançado no século XVIII e que serve de inspiração (analítica) ainda na contemporaneidade; por isto o seu *status* de clássico da literatura erótica. Através deste romance erótico, o romancista nos mostra um mundo em particular.

John Cleland foi autor de muitos livros, no entanto somente obteve reconhecimento com *Fanny Hill*; e podemos dizer que foi um reconhecimento tardio. Após perder seu pai e encontrar-se em uma situação de poucas ou nenhuma posse, Cleland se debruça sobre a

carreira de literato de aluguel. Escrevia para jornais, romances, tratados científicos, poemas e fazia traduções, mais nada disso o tirou de uma vida de poucos recursos e prisões. Nos dizeres de Wagner:

A carreira tardia de Cleland como literato de aluguel, escritor da *Grub Street*²³ e jornalista, não foi a de um sensacionalista barato, como afirmam alguns críticos, mas exemplificando a vida e o trabalho de um homem do século XVIII, moderadamente talentoso, ainda que malsucedido, que se viu influenciado pelas correntes variadas e às vezes reconhecidamente esquisitas do Iluminismo (WAGNER, 1997, p. 12)

É através das diversas correntes iluministas que o leque do escritor foi se ampliando, mas, mesmo refazendo-se nos diversos estilos e gêneros, infelizmente, Cleland somente transfigura no rol literário por *Fanny Hill*, ainda que este fosse o livro que ele menos gostasse; em uma carta a um amigo, Stanhope, ele se defende:

[...] ele destacou sua “condição baixa e abjeta” como desculpa para ter escrito um romance que gostaria de ver “enterrado e esquecido”. Mas, ao mesmo tempo em que tentava se fazer absolver nesse caso, suas palavras tinham que ser tomadas com uma certa reserva. Temos, no entanto, todos os motivos para imaginar que Cleland não esperava que a sua história erótica da ascensão de uma prostituta à respeitabilidade viesse a se tornar um dos romances de maior sucesso de todos os tempos. (WAGNER, 1997, p. 16)

Da mesma forma que Wagner diz que temos que ter reserva com as palavras de Cleland, que discutiremos à frente, se faz necessário esclarecer outras polêmicas da concepção do livro. As primeiras notícias que encontramos é que *Fanny Hill* foi escrito em um período que Cleland passou na prisão. Entretanto, encontramos também dizeres que, no claustro, Cleland somente revisou a obra, já que desde 1730 o esboço ou manuscrito já se encontrava pronto e, mais ainda, já advinha da escrita de outras mãos, dado que neste período, não era incomum uma circulação mais restrita, nos submundos e subterrâneos, onde a censura não tinha acesso. Esses manuscritos e as próprias contações de histórias ocorriam nos clubes libertinos, onde a apreciação tanto de obras eróticas como de obscenas se fazia presente; esses clubes faziam parte da vida de alguns homens tanto na França como na Grã-Bretanha.

Mesmo levantando essas suposições, o que temos de concreto é que a obra foi lançada pelas mãos de Cleland, pois ele que sofreu todas as consequências, entre prisões e censuras. Estas censuras somente diminuíram quando Cleland retirou do segundo volume uma

²³ *Grub Street* era uma rua da cidade de Londres onde, no século XVIII, costumava morar os escritores assalariados.

passagem de sodomia. Outro motivo que fez o livro ganhar o adjetivo de “imoral” está ligado às diversas gravuras e desenhos que foram sendo acrescentadas conforme a vendagem crescia, conforme fragmento:

Na década de 1760 os editores começaram a produzir edições ilustradas do romance. Em vez de realçar o texto, o material iconográfico, frequentemente mal executado, exagerava e prejudicava muito as *Memórias*- uma rara exceção é a edição de 1766, com gravuras atribuídas a Gravelot. Se *Fanny Hill* adquiriu fama e foi relegado durante mais de dois séculos ao domínio da “pornografia”, isso se deveu principalmente às ilustrações. (WAGNER, 1997, p. 21)

Sendo assim, *Fanny*, a obra, encontrou-se, por muito tempo, ancorada nas prateleiras do conservadorismo e do preconceito. A obra que atingia somente o valor de pornográfica, muito deixava a dizer de sua fictícia heroína, uma mulher que propagava e apreciava seu prazer sexual, sendo essa apreciação ao prazer um dos grandes problemas encontrados na obra, no decorrer dos séculos. Essa mulher, livre, não se encaixava nos moldes da burguesia do século XIX, e também não adentrava às possíveis discussões acadêmicas e literárias que preferiram negar a história da ficção licenciosa, “como veículo de pensamento revolucionário na era Iluminista, parece difícil acreditar que os historiadores literários tenham sacrificado a precisão tanto histórica quanto literária em benefício do senso de adequação do século XX” (WAGNER, 1997, p. 23).

Notamos que o livro começou a ganhar notoriedade a partir de meados e final do século XX e com mais força a partir do século XXI. Seu valor literário inglês com pitadas de elementos literários franceses traz a biografia devassa da prostituta, que muito diz do seu “lugar”, de mulher, inserida em uma sociedade sempre disposta a viver de aparências, e se redescobre a partir de novos olhares tanto sociológicos, estéticos, literários e psicanalíticos.

A voz libertadora, da narradora, pronta para usufruir e deixar-se usufruir do seu corpo enquanto lugar de prazer, como vimos, não vem, especificamente, de uma mulher, mas de seu autor Cleland. Mesmo o livro configurando-se nos anais das histórias licenciosas, existe uma lógica social por trás de toda essa “modernidade”. A obra está toda perpassada pelo pensamento burguês vigente do século XVIII. Mesmo trazendo descrições detalhadas dos atos sexuais, das deflorações, do sadismo, do masoquismo e etc, *Fanny*, no final, se enquadra no padrão de vida burguês, em que se retira da vida de “excessos” e se torna uma mulher de família, lembrando as nomenclaturas usadas por Roberts (1998) no primeiro capítulo. Essa mudança era fato fulcral para uma boa recepção do livro, de acordo com Wagner,

O que Cleland tentou com *Memórias de uma Mulher de Prazer* não é a pornografia sem valor, cheia de repetições aborrecidas, mas uma combinação única de paródia, divertimento erótico e um conceito filosófico da sexualidade humana absorvido de fonte francesa e adaptada ao ponto de vista burguês da Inglaterra. [...] Com base no gosto literário predominante na Inglaterra por volta de 1750, pode-se supor que o leitor de meados do século XVIII não tivesse achado o estilo de Cleland nem cômico nem esquisito. Na verdade, o público leitor provavelmente partilhava da opinião de James Boswell, de que *Memórias* era um “livro extremamente licencioso e ardente” (WAGNER, 1997, p. 36-37)

O livro consegue englobar a estética erótica com a ideologia do amor e do casamento românticos. O casamento sem os requisitos cristãos ou legais, mas ainda uma união licenciosa, por vezes materialista, que se encaixa numa noção de sexo seguro, no sentido de conhecer o outro, de ser confortável e que seja possível estar permeado de amor.

Sendo assim, através do erótico e do profano, tentaremos analisar nossa personagem, que atravessa mundos e sensações e que se constitui dentro de suas possibilidades. Não julgaremos como boas ou más, e sim, que esta foi a única forma encontrada por ela para se “construir”.

3.2 FANNY: DE MENINA A MULHER

O livro conta a trajetória de Fanny, que nasceu com o nome de Frances Hill, numa pequena aldeia perto de Liverpool, Lancashire. A menina advinha de uma família muito pobre, mas honesta. Ela conta que seu pai, devido a um acidente, ficou com uma deficiência física, e deixou o trabalho que executava no campo; a mãe tinha por profissão ensinar, o pouco que sabia, às meninas da região, em uma espécie de escola de alfabetização. O sustento mal dava para as necessidades básicas. Os pais de Fanny tiveram muitos filhos, porém nenhum, exceto Fanny, sobreviveu até a idade de um ano. Frances cresceu com uma instrução mínima, pois a mãe se dividia entre os trabalhos na pequena escola e os afazeres domésticos.

Nossa personagem tem sua vida infantil discurrida minimamente, e adianta-se para os quinze anos, idade que a marcou profundamente, conforme fragmento:

Eu entrava agora em meu décimo quinto ano, quando o pior dos males me sucedeu, com a perda de meus pais carinhosos e adorados, que foram ambos levados pela varíola, num espaço de poucos dias; meu pai morrendo primeiro e, portanto, apressando a morte de minha mãe, de forma que eu era

agora uma órfã infeliz e sem amigos (pois o estabelecimento de meu pai naquele lugar fora accidental, sendo ele originalmente de Kent). Aquela doença cruel, que lhes foi tão fatal, na verdade me atingiu, mas com sintomas tão suaves e favoráveis que eu me encontrava fora de perigo e, coisa cujo valor eu então desconhecia, sem nenhuma marca no corpo²⁴. (CLELAND, 1997, p. 44)

Após este terrível acontecimento, a menina encontra-se sozinha, e a única pessoa que a apoia é uma “amiga” de Londres que estava de passagem. Londres é o lugar que Fanny começa a pensar como seu lugar de vida e futuro.

Neste ponto, não podemos inferir muito sobre a vida de Fanny, já que, mesmo dentro de toda simplicidade e falta de instrução social, ela se sentia amada e protegida; sentimento constatado pelo que era nutrido pelos pais no fragmento acima. Com isso, a ideia de uma infância repleta de traumas e violências é descartada no processo de sua vida vindoura.

Sendo assim, Fanny embarca para Londres com sua “amiga” que, no momento que colocaram os pés na cidade sonhada, simplesmente se despede, ou melhor, abandona a ingênua menina, deixando-a somente com sua cesta de roupa e alguns trocados de tudo que conseguiu com a venda do pouco que os pais deixaram. A partir de agora a vida de Fanny começa a tomar um novo rumo. A garota vai em busca de emprego, mas cai nas garras de uma senhora de meia-idade que finge querer a pobre menina para serviços domésticos. É assim que nossa personagem chega ao bordel.

Mrs. Brown, agora a “protetora” da menina, a enreda com um belo discurso, além de colocar-se como uma “mãe” para ela. Agora ela se encontra na casa que julga ser de “família” e é apresentada a Miss Phoebe Ayres, identificada como prima de Mrs. Brown, mas, que, na verdade, é a “gerente” do bordel e está incumbida de preparar Fanny para sua nova área de trabalho, a prostituição.

²⁴ Todos os fragmentos descritos no texto são referentes ao livro *Fanny Hill ou Memórias de uma Mulher de Prazer*, que compreende uma edição integral, com apresentação e notas explicativas do grande crítico inglês Peter Wagner e com tradução para língua portuguesa de Eduardo Francisco Alves. O tradutor explicou algumas alterações relacionadas a tradução, “Muitas vezes Cleland usava um termo hoje antiquado, pouco usual, ou mesmo que já não faz parte da língua inglesa corrente. Seria tolo e pretencioso ir buscar no português antigo um termo igualmente obscuro ou em desuso e chamar a nota para uma explicação em português equivalente àquela em inglês – um mero aborrecimento para o leitor”. As notas referentes à língua original do texto, língua inglesa, são fragmentos retirados de uma “genuína edição” que transcreveu o texto original de 1749. Com isso, como já citado pelo tradutor do livro em português, alguns termos ou expressões não trazem exatamente a mesma correspondência, mas, em linhas gerais, o conteúdo e a intenção não sofrem consequências.

“I was now entering on my fifteenth year, when the worst of ills defell me in the loss of my fond, tender parents, who were both carried off by the small-pox, within a few days of each other; my father dying first, and thereby hastening the death of my mother: so that I was now left an unhappy friendless orphan (for my father’s coming to settle there, was accidental, he being originally a Kentishman). That cruel distemper which had proved so fatal to them, had indeed seized me, but with such mild and favourable symptoms, that I was presently out of danger, and what then I did not know the value of, was entirely unmarket” (CLELAND, 1749, p. 4)

[...] Mrs. Brown não queria que eu fosse vista, nem que falasse com ninguém, nem com os seus clientes, nem com as suas cabritas (como chamava a moças que lhe eram fornecidas) enquanto não tivesse garantido um bom preço por minha virgindade, que eu pelo menos tinha toda a aparência de ter trazido comigo para o serviço de sua senhoria. (CLELAND, 1997, p. 52)²⁵

Neste ponto, já podemos rememorar o tópico do primeiro capítulo deste trabalho sobre a “importância” da virgindade. Esta “pérola” que ainda, atualmente, é almejada por muitos homens, perpassa os séculos sendo um bem, às vezes monetário, às vezes ligado à moral, e às vezes ainda relacionado ao desejo de defloração, a transformação de menina em mulher.

Essa transformação para Fanny começou através das mãos de sua tutora, Phoebe, com quem iria dividir o quarto e a cama. A princípio, a ingênua menina acreditou que aqueles beijos e abraços poderiam ser uma maneira londrina de dar as boas vindas e os retribuiu, que até então mal conhecia. Mas, “estimulada por isso, suas mãos se tornaram extremamente livres e vagaram por todo meu corpo, com toques, apertos, pressões, que antes me aqueceram e surpreenderam por sua novidade do que me chocaram ou me alarmaram”. (CLELAND, 1997, p. 53)²⁶.

Phoebe percorria cada parte do corpo de Fanny, enquanto a menina surpreendia-se com as novas sensações, que acalentava com prazer e confusão. Essa iniciação, planejada, era um acender da chama para a busca do prazer, e uma prévia do que iria acontecer em seu primeiro programa, que estava sendo muito bem negociado por Mrs. Brown, no intuito de conseguir o maior montante financeiro que pudesse.

Após os acertos monetários, Mrs. Brown conseguiu o primeiro cliente para Fanny, que, até então, ainda acreditava que estava na casa para trabalhar como arrumadeira. Após arrumá-la com novas vestes, vestido de cetim, luva, a expôs diante do homem, que assente com um sinal de positivo e sobe para o quarto com Fanny, com o pretexto de tomar um chá.

Conforme as investidas iam aumentando, ele a puxava “com força em direção a ele, obrigou-me a receber, apesar dos meus esforços para me soltar dele, seus beijos pestilentos, que me deixaram bastante perturbada.” (CLELAND, 1997, p. 62)²⁷.

²⁵ “Mrs. Brown did not care that I should be seen or talked to by any, either of her customers, or her Does (as they called the girls provied for them), till she secured a good Market for maidenhead, which I had at least all the apperances of having brought into her Ladyship’s servisse”. (CLELAND, 1749, p. 10)

²⁶ “Encouraged by this, her hands became extremely free, and wandered over muy whole boy, with touches, squeezes, pressures, that rather warmed and surprised me with their novelty, than they either shocked or alarmed me. (CLELAND, 1749, p.10)

²⁷ “[...] and drawing me pretty forcibly towards him, obliged me to receive, in spide of my struggles to disengage from this him, his pestilential kisses, wich quite overcame me.” (CLELAND, 1749, p. 16)

Os avanços continuavam, e o que se passava na cabeça daquele homem era que Fanny era um “objeto” que ele pagou o valor estipulado para fazer dela o que bem entendesse. Podemos, claramente, ver esse quadro como uma tentativa de estupro; diga-se tentativa, pois o ato não foi consumado. Foram inúmeros os apelos da menina para que ele parasse, e, mesmo assim, o homem continuava forçando-a ao ato sexual. Nesse momento, Fanny conta com a ajuda de uma criada da casa, que ela denominava de outro feminino, atualmente, também podemos chamar de sororidade²⁸, só outra como ela, poderia ajuda-la a sair desta situação. Mesmo não compreendendo muito bem tudo o que tinha acontecido, e se sentindo esgotada física e emocionalmente, Fanny se sentia culpada. Como vimos no primeiro capítulo, muitas vítimas de tentativas ou estupros se sentem acuadas, culpadas, questionando o que elas fizeram ou que elas provocaram no outro para que isso acontecesse.

Assim como abordamos no primeiro capítulo, a virgindade e o estupro embora pareçam distantes, se aproximam na busca por algo proibido ou intocado, que se relaciona ao sexo e à sexualidade feminina.

Destacando ainda o preciosismo da virgindade, nos adiantaremos em um outro momento encontrado no livro sobre esse “bem” maior. Na segunda parte do livro, Fanny já trabalhava com Mrs. Cole, já era uma prostituta, mas, por seu jeito e face angelical, passaria muito facilmente por uma donzela; e foi isso que fizeram. Armaram um verdadeiro teatro, com direito até a efeitos especiais, um vidrinho de imitação de sangue, para comprovar a virgindade após o coito. Esse processo todo, desde o início das conversas com o Mr. Norbert, até a consumação do fato, ocupa quase dez folhas do livro. Com isso podemos mensurar a importância e ao fascínio com que essa “preciosidade” feminina é tratada desde sempre, pelo menos desde a era cristã. Fanny descreve no livro que todas as “providências” foram tomadas “baseadas nisso que desculpei para mim mesma toda a falsidade de que lancei mão para garantir-lhe aquele prazer extasiante, que com toda a certeza ele não teria sentido na verdade das coisas” (CLELAND, 1997, p. 223)²⁹.

Após demonstrar a importância impregnada no livro e na sociedade, em relação à virgindade feminina, continuaremos na primeira parte da narrativa, no qual Fanny sofre a tentativa de estupro do cliente que havia “comprado” sua virgindade. Após a tentativa, ela passa um período para restabelecer a saúde e começa a compreender o que realmente se

²⁸ Sororidade é um substantivo que representa a união entre mulheres em várias dimensões da vida e reflete de maneira exata a expressão “não somos concorrentes, somos irmãs”. Algumas pessoas associam o conceito de sororidade ao de fraternidade que, no dicionário, é definido como “convivência harmoniosa e afetiva entre as pessoas”.

²⁹ “It was on this foot that I solved to myself all the falsity I employed to procure him that blissful pleasure in it, which most certainly he would not have tasted in the truth of things” (CLELAND, 1749, p. 106).

escondia por trás daqueles espelhos e salas luxuosas e de toda aquela movimentação noturna. A convivência e os acasos, e não tão acasos, de voyeurismo começaram a inflamar em Fanny sentimentos e sensações que desconhecia, conforme se vê:

Conversas, exemplos, tudo, em suma, contribuiu naquela casa para corromper a minha pureza natural, que não tinha suas raízes firmadas na educação, enquanto que agora o inflamável princípio do prazer, que se incita tão facilmente na minha idade, operou coisas estranhas dentro de mim, e toda a modéstia em que hábito (não a instrução) me havia criado começou a se dissolver, como orvalho sob o calor do sol; para não mencionar que eu fizera da necessidade um vício, pelos temores constantes que tinha de me ver reduzida a passar fome. (CLELAND, 1997, p. 67)³⁰

Nesses dizeres, Fanny já vai “deslumbrando” seu caminho, os “mistérios” que iam dissolvendo-se por entre as conversas com as “outras meninas”, criando um olhar sobre a prostituição, não como o fim de tudo, mas como talvez um novo começo. No entanto, o destino da mais nova desejança do prazer ainda iria passar por outros rumos até retornar a esse primeiro pensamento.

Em um desprezioso dia, Fanny acorda e se depara com o que ela chamou de Adônis³¹, ou o que se tornaria o grande amor da sua vida, Charles. Como em um passe de mágica, ou algo beirando a um conto de fadas, com poucas frases trocadas entre os dois, ele a chama para fugir no dia seguinte às sete horas da manhã. E assim, no dia seguinte, Fanny foge da casa de Mrs. Brown com Charles. A descrição do ato, da defloração, segue no livro com requinte de detalhes. Contudo, a menina mulher frisa que a dor é imensa devido ao pênis³², de formato avantajado, machucá-la; o que nos parece interessante é que, em nenhum momento, ela expressa pedir para Charles ter mais cuidado, mas, relata que essa “pressa” não é culpa dele e sim culpa dos instintos “irrefreáveis”; e o sofrimento compensaria o futuro prazer.

O amor entre eles perdura o tempo de onze meses, quando Charles é enviado, a revelia, para outro país, por ordem de seu pai, e deixa Fanny à mercê do abandono, grávida de

³⁰ “Conversation, example, in short all, contributed, in that house, to corrupt my native parity, which had taken no root in education; whilst now the inflammable principal of pleasure, so easily fired at my age, made strange work within me, and all the modesty I was brought up in the habit, not the instruction of, began to melt away like dew before the sun’s heat; not to mention that I made a vice of necessity, from the constant fears I had of being turned out to starve.” (CLELAND, 1749, p. 20)

³¹ De acordo com a mitologia grega, Adônis era um jovem de extrema beleza, que foi responsável por despertar a paixão de Afrodite, a deusa do amor, e Perséfone, a deusa da agricultura e esposa de Hades. Por causa da personagem de Adônis na mitologia grega, este nome ganhou o significado de “jovem beleza” ou “pessoa que é bonita e jovem”.

³² A palavra pênis não é utilizado no livro, e sim outros tantos nomes como sinônimos, entre eles: aparelho maravilhoso (p.69), mastro (p.70), trabuco (p.115), obra mais valiosa da natureza (p.116), instrumento de ataque amoroso (p.110), máquina grandiosa (p.70), paladino de cabeça vermelha (p.102), cacete duro e vistoso (p.132), marfim palpitante (p. 147) entre outros.

três meses. Nesse sofrimento que arrebatava a apaixonada menina, ela sofre um aborto e acaba sendo cuidada pela dona da pensão que morava. Mrs. Jones, a proprietária, não se compadeceu de Fanny por ter bom coração, mas já premeditando negociar a moça assim que ela se reestabelecesse. A menina, ainda mortificada pelos acontecimentos e sem nenhuma condição de pagar pelos (im)préstimos de Mrs. Jones, aceita, não conseguindo esboçar nenhuma emoção dor, amor ou ódio ao novo amante, Mr. H, que paga todas as dívidas de Fanny. Desconsiderando ainda sua fragilidade emocional e física, ele, de imediato, já toma Fanny nos braços e a relação sexual ocorre, embora nossa personagem estivesse ali apenas como um corpo, sem expressões, sentimentos ou sequer algum movimento.

Após o ato, Fanny parece que sai de um transe e tem um surto, um ataque de fúria contra ela mesma. Conforme os dias vão passando nossa personagem vai se acostumando a sua nova vida de amante e vai refletindo sobre as diferenças sexuais de quando o amor está envolvido, ou de quando é somente carnal. Neste ponto Fanny já começava a se perceber como uma prostituta, e descreve a seguinte frase, “mas nossas virtudes e nossos vícios dependem muito de nossas circunstâncias [...]” (CLELAND, 1997 p. 133)³³.

Neste momento, ainda não adentrarei em uma análise mais consistente, embora possamos começar a associar que estas circunstâncias muitas vezes são os elementos fundantes para determinadas escolhas, já nos remetendo à terceira suposição sobre a prostituição de Calligaris, descrita no segundo capítulo. Retornaremos a essas teorias um pouco a frente, após descrevermos esse primeiro momento de vida de Fanny, fato fulcral na segunda carta do livro ou no segundo momento da vida da personagem.

Fanny já havia se acostumado à vida com Mr. H, uma vida cheia de luxos, festas, teatros; contudo, um fato modifica sua conduta. Isso ocorre quando ela observa Mr. H no ato sexual com sua criada; suas palavras para o flagrante foram: “[...] sacando sua arma desembainhada, enfiou-a na racha” (CLELAND, 1997, p. 142)³⁴. A partir desse fato surge um instinto de vingança, e ela considerou que a melhor forma de se vingar seria traí-lo também; não com alguém do mesmo status dele, mas com um serviçal, tal como acontecera com ela.

E assim Fanny coloca seu plano em ação e seduz o criado de Mr. H, menino que havia acabado de chegar do campo e era encarregado de enviar os recados de seu amante para ela. As muitas páginas que seguem no livro são descrevendo os inúmeros coitos, os prazeres e o “quase” amor que Fanny nutriu pelo garoto. Porém, da mesma forma que Mr. H foi descoberto, Fanny também foi e, diferente da atitude da nossa personagem que se calou, o seu

³³ “But our virtues and our vices depend too much on our [...]” (CLELAND, 1749, p. 50)

³⁴ “[...] and coming out with his drawn weapon, stuck it in the cloven sport,[...]” (CLELAND, 1749, p.56)

amante, depois do flagra, despede-se dela, fazendo-a pensar que caminho a partir desse momento iria trilhar. De acordo com suas palavras:

Quanto a Mr. H., apesar do senso das conveniências a princípio ter-me levado a me esforçar para reconquistar-lhe a afeição, eu fui frívola e despreocupada o bastante para me conformar com o meu erro bem mais facilmente do que deveria ter sido; mas, como eu nunca o amara, e seu abandono dera-me uma espécie de liberdade pela qual muitas vezes ansiara, logo me senti consolada; e, tentando me convencer de que o estoque de juventude e beleza com que eu ia enfrentar o mercado dificilmente deixaria de me garantir o sustento, vi-me diante da necessidade de com esses dons tentar a sorte, antes com prazer e alegria, do que com a menor ideia de desalento. (CLELAND, 1997, p. 164)³⁵

Neste momento, Fanny busca refúgio entre os mais próximos, os “amigos” que tinha feito nesse período com Mr. H., mas ela descreve a maldade humana, a inveja e a satisfação do outro em ver o desabamento, a ruína em que o outro se encontra, sentimentos tão humanos e tão destruidores. Por sorte, nossa personagem então é ajudada pela melhor e pior pessoa ao mesmo tempo, Mrs. Cole. Por ser uma cafetina, e assim o destino de Fanny começa a ser escrito, mesmo nessa profissão, que geralmente visa somente lucros, Mrs. Cole era uma mulher justa e que ajudava e beneficiava muito suas “pupilas”; traço que ajudará muito a Fanny.

A primeira parte do livro acaba com Fanny indo morar ao lado da “casa” de Mrs. Cole, onde ela irá começar a colocar sua beleza e juventude como forma de vivência e sobrevivência; e fará isso com o prazer e a alegria que declarou anteriormente.

Nesta primeira carta, Fanny contou sua “primeira” história, trazendo todas as circunstâncias que a levaram a traçar sua vida, num caminho desprezado pela maioria, mas continuamente solicitado por outros tantos.

Assim como Freud foi adentrando nos “mistérios” do feminino, Fanny também, nesta primeira parte, foi se descobrindo, passando de menina à mulher, desvendando sua sexualidade, se desenvolvendo em sua feminilidade. Embora tenha sido, de certa forma, uma descoberta precoce e rápida, nossa personagem descobriu o amor e o sexo, e foi se desenvolvendo através dos vazios e lacunas que advinham não somente da sua própria

³⁵ As to Mr. H..., though views of conveniency made me, at first, exert myself to regain his affection, I was giddy and thoughtless enough to be much easier reconciled to my failure than I ought to have been, but as I never had loved him and his leaving me gave me a sort of liberty that I had often longed for, I was soon comforted; and flattering myself, that the stock of youth and beauty I was going to trade with, could hardly fail of procuring me a maintenance, I saw myself under the necessity of trying my fortune with them, rather, with pleasure and gaiety, than with the least idea of despondency”, (CLELAND, 1849, p.70,71).

constituição, mas também do seu entorno, da sua própria educação e infância que, embora tenha sido feliz, nas palavras dela, foi incompleta para sua constituição social.

Fanny buscou através do amor se satisfazer, encontrou o amor e o prazer, embora nesse primeiro momento o prazer feminino não tenha sido nomeado. Ele é citado nos momentos em que ela sofre com as relações, com essa dor que se compensaria, pois antecedia o futuro prazer; mas, de todo, não encontramos descrição para o prazer feminino. O prazer masculino é melhor descrito, como também seu órgão genital. No entanto, o da mulher se resume a ser somente uma “racha”, um órgão quase inominável, como já havia sido mencionado por André (2015), quando descrevemos sobre a inveja do pênis no capítulo anterior.

Nossa menina, agora mulher, a princípio foi inserida em um contexto totalmente diferente do que imaginava e sonhava, mas vai se adaptando e se reconhecendo nesse percurso; e a partir dessa segunda carta conheceremos como esse primeiro momento reverberou na vida da que se tornaria agora a prostituta londrina Fanny Hill.

No primeiro dia na casa de Mrs. Cole, Fanny compreendeu a extensão do seu papel, junto às outras meninas da casa. Nos dizeres de nossa protagonista:

Eu achava minha governanta, nessas questões, uma juíza boa demais para não me deixar convencer com facilidade; após o que, ela passou a pregar de forma muito comovente a doutrina da obediência passiva e da não resistência a todas as inclinações arbitrárias ao prazer, que são por alguns consideradas os refinamentos e por outros as depravações desse prazer; entre as quais não cabia a uma moça simples, que só ganharia em agradar, decidir, mas sim aceitar. (CLELAND, 1997, p. 178)³⁶

Após as apresentações, as outras meninas integrantes do “grupo” de Mrs. Cole, o qual Fanny imediatamente reconheceu como sendo uma família e no qual ela faria parte, tinham um tempo até começar o trabalho noturno, e nele começaram a contar uma a uma a experiência da defloração, da perda da virgindade.

A primeira foi Emily, que contou que fugiu de casa devido aos maus tratos dos pais, e que, nessa fuga, conheceu um moço que, usufruindo da sua inocência, a tomou nos braços e

³⁶ “I thought my governess too good a judge of these matters, not to be easily overruled by her: after which she went on preaching very pathetically the doctrine of passive obedience and non-resistance to all those arbitrary tastes of pleasure, which are by some style the refinements, and by others the depravations of it; between whom it was not the business of a simple girl, who was to profit by pleasing, to decide, but to conform to. Whilst I was edifying by these wholesome lessons, tea was brought in, and the Young ladies, returning, joined company with us”. (CLELAND, 1749, p. 77).

concretizou assim sua primeira vez. Mesmo o fato acontecendo sem ela entender muito bem, ela conta da excitação que jamais havia sentido.

Harriet, outra menina que integrava o grupo de Mrs. Cole, contou de sua defloração e, pelo ocorrido, dele podemos inferir que o ato tenha decorrido através de um estupro, pois a menina estava desacordada. Notamos que autor romantiza uma cena que de romântica sabemos não ter nada. A narrativa coloca esse desejo não controlado pelo moço como uma justificativa dos instintos masculinos. Podemos lembrar que, no primeiro capítulo deste trabalho, muito foi dito sobre a aceitação desses instintos masculinos, como algo que não pudesse ser controlado, corroborando assim com os discursos patriarcais que hoje chamaríamos de discurso machista. Este discurso sempre coloca o homem como centro de tudo e as mulheres como apaziguadoras desses instintos, desconsiderando o sujeito feminino em todas as suas instâncias e subjetividades.

Freud, em um determinado momento de seus estudos sobre a sexualidade, também chegou a propor a masculinidade como o pressuposto primordial e inicial, e que o tornar-se mulher seria o trajeto que a menina deveria cumprir. Esses olhares enviesados, nos quais a masculinidade se sobrepõe à feminilidade e que ligam a masculinidade à perfeição e a feminilidade à imperfeição, advêm do mito bíblico de Adão e Eva, pois, como nos relata a história, Eva foi criada a partir da costela de Adão. De acordo com o psicanalista Joel Birman (2016), este mito deu subsídios e alicerce aos ideários patriarcais. Cabe explicar que, posteriormente, Freud começou a questionar esta superioridade da masculinidade, pois as formulações propostas não se sustentavam, como descrito no segundo capítulo.

A próxima a descrever o ato foi Louisa, que conta que nasceu propícia ao prazer, mesmo tendo uma mãe que muito a vigiava. Ela relata que, desde muito nova, já se entregava aos deleites da masturbação. Esse é o primeiro momento em que encontramos uma menção mais descritiva sobre a masturbação feminina, uma vez que a menina denomina a masturbação como um título à feminilidade. E sua primeira vez acontece com um rapaz, filho de uma vizinha, que ela não conhecia, mas que, enquanto ela estava se masturbando, chega e a observa, consumando o ato em seguida. Mais uma vez, o descrito vem permeado de um romantismo, que beira o piegas e o absurdo. Veremos no fragmento abaixo:

Achei que nada seria caro demais de se pagar por este mais suculento entre os banquetes dos sentidos, de forma que, fendida, rasgada, sangrada, estropiada, ainda assim eu me sentia supinamente satisfeita e abraçava o autor de toda essa deliciosa ruína; mas quando, pouco depois, ele fez seu segundo ataque, tudo esfolado e em carne viva do jeito que estava, as

agulhadas de dor foram aliviadas pelo licor eficaz [...]. (CLELAND, 1997, p. 195)³⁷

Observamos que nas estórias acima o discurso masculino é sobreposto sobre o feminino, assim como o prazer do homem é o ponto primordial de toda a relação, desconsiderando o prazer ou o gozo feminino. Claro que não podemos desconsiderar que este é um livro de 1749, quando a maioria das mulheres e a percepção geral da sociedade as alocava em um lugar de submissão. No entanto aqui encontramos uma dissonância do autor, contrapondo o título do próprio livro.

A partir desse momento do livro, Fanny se intitula como prostituta. Após os relatos de defloração, o primeiro trabalho de Fanny será compartilhado pelas quatro pupilas de Mrs. Cole e quatro cavaleiros, que são frequentadores muito estimados do salão. Cada um dos homens escolheu sua acompanhante da noite, e cada casal, à sua vez, se relacionou sexualmente à vista dos outros, trazendo uma estética de prazer e excitação para os pares dos acompanhantes e um voyeurismo imaginativo, bem detalhado, para os leitores.

Cada casal desempenhou todo o processo a sua maneira e Fanny recebeu as lisonjas desde o início tanto pelo esplendor de beleza que a natureza lhe concedera, como pela demonstração de liberdade, sensualidade e sexualidade exibida entre os pares, onde Fanny encontrou até atrativos na cena.

Fanny descreve o gosto que sente pelo prazer, nada mais justo, pensando que essa seria uma das finalidades do sexo; o que não podemos esquecer também é que esta finalidade para o prazer está na infinita maioria das vezes ligado somente ao sexo masculino.

Após essa demonstração grupal, Fanny vai para um quarto com o seu cliente, onde terminam “à noite em um contínuo rompante de prazer, animado e insaciável o suficiente para termos sentido o desejo de que jamais tivesse fim.” (CLELAND, 1997, p. 211).³⁸

Nesse agora novo processo de trabalho, nossa personagem, fala sobre a troca, o corpo mercadoria, o dinheiro pelo sexo, sendo esse assunto algumas vezes repetido por Fanny, não descrevendo exatamente o corpo como mercadoria, mas a sua troca. E algumas dessas vezes para conseguir o montante desejável, a mentira e/ou a simulação eram toleradas.

³⁷ “I thought nothing too dear to pay for this the richest treat of the sense; so that, split up, torn, bleeding, mangled I was still superiorly pleased, and hugged the author of this delicious ruin. But when, soon after, hem ade his second attack, sore as every thing was, the smart was soon put away by the sovereign cordial[...] (CLELAND, 1749, p. 87).

³⁸ “[...] night in one continued strain of pleasure, sprightly and uncloyed enought for us not to have forme done whish for its ever knowing an end.” (CLELAND, 1749, p. 98).

Além disso, ela descreve que essa relação está embasada na quantia monetária, utilizando-se do corpo para este fim, e no caso específico já citado da “venda” da sua já não existente virgindade. Ela relativiza que ali o valor foi o mais importante, quando diz:

A senhora há de me perguntar, talvez, se, durante todo esse tempo, eu tive algum mínimo momento de prazer. Garanto-lhe que pouco, ou nenhum; até que, quase nesse momento final, uma sensação muito pálida disso me veio mecanicamente, devido a um esforço tão longo e a uma fricção tão frequente naquela parte sempre sensível. Mas, em primeiro lugar, não me agradava em nada a pessoa cujos os abraços eu tolerava por um motivo puramente mercenário; depois, eu não estava inteiramente satisfeita comigo mesma, pelo papel de derreada que estava representando, não importam as desculpas que eu possa apresentar para ter sido levada a isso; mas, por outro, essa insensibilidade me manteve tão senhora da minha mente e dos meus movimentos, que pude manobrar melhor uma fraude tão minuciosa, no decorrer de toda a ação enganadora. (CLELAND, 1997, p.225-226)³⁹

Através desse fragmento, podemos perceber que, mesmo no mundo “construído” da prostituição de Fanny, os clientes não se configuram somente nos homens dos “sonhos”, e nem tudo gira somente em torno do prazer, mas o valor monetário também aparece como fundante.

Essa troca é uma das premissas da prostituição. Contudo, mesmo valorizando, compreendo e usufruindo deste comércio, Fanny ultrapassa somente o jogo monetário, e através da prostituição, busca sua subjetivação, como discutiremos a partir do aporte literário e psicanalítico.

3.3 PROSTITUIÇÃO: APROXIMAÇÕES PSICANALÍTICAS

Na tentativa de pensarmos a prostituição, muitas são as hipóteses levantadas. Podemos pensá-la pelo viés social, antropológico, histórico, cultural, etc, mas, no entanto, neste ponto gostaríamos de tentar outra intersecção a partir da psicanálise. Buscaremos a prostituição como parte fundante do ser feminino. Isso não quer dizer um reducionismo de que todas as mulheres comercializam seu corpo, mas, que todas as mulheres necessitam passar por

³⁹ You would ask me, perhaps, whether all this time I enjoyed any percepção of pleasure? I assure you, little or none, till just towards the later end, a faintish sense of it came on mechanically, from so long a struggle and frequente fret in that ever sensible part; but, in the first place, I had no taste for the person I was suffering the embraces of, on a purê mercenary account; and then, I was not entirely delighted with myself for the jade's part I was playing, whatever excuses I might plead for my being brought into it, but then this insensibility kept me so much the mistress of my mind na motions, that I could the better manage so close a counterfeit, through the whole scene of deception". (CLELAND, 1749, p. 108)

fantasias ligadas ao olhar desejante do outro, como forma de se conectar com o feminino e assim “tornar-se mulher”, também desejante.

Acredito que, na busca de compreendermos este processo, faz-se necessário retomar aquelas primeiras fantasias incestuosas, que são fundantes para o ser humano. O menino com fantasias relacionadas à mãe, e a menina em relação ao pai ou ao tutor parental.

A menina, na situação edipiana, tem o pai como seu objeto amoroso, no qual ela procura a atenção, o olhar desejante, um olhar erotizado; não no sentido sexual, mas no sentido de “percebimento” daquela menina, pois o olhar, quando seguido do erótico sexual, não seria mais o olhar do pai amoroso, do cuidador, ou o pai do dia, como nos descreveu Calligaris (2006), mas um olhar de qualquer outro homem, que neste momento não é fundante para a construção da feminilidade.

Futuramente, essas meninas, que serão mulheres, se de alguma forma não conseguiram alcançar este olhar desejante, este pai do dia, poderão encontrar diversos problemas em sua vida sexual, e na escolha futura dos parceiros amorosos.

Nossa personagem Fanny, não nos demonstra de forma clara como foi sua relação com o seu pai, pois, como descrito no livro, sua infância pouco foi narrada. Calligaris (2006, p. 18) alerta que o “amor é a única coisa à qual a mulher parece dever sua possível significação. E, sem amor, entregar seu corpo equivale a perder-se”.

Fanny, de certa forma, consegue ir além, pois ela conjugou o amor, sem se limitar a este. Quando falamos da entrega do corpo, no sentido da prostituição, o ato não se encontra permeado pelo amor, mas pelo gozo ou pela troca, abrindo uma nova ordem de significação do ato sexual. Fanny congrega o amor, mas também o sexo, podendo usufruí-lo sem as amarras que o “amor” tantas vezes impõe, ou que, para muitas mulheres, é visto como algo proibido.

Este se derramar pelo gozo é um processo por vezes difícil para as mulheres, pois pode implicar na perda daquele olhar carinhoso do “pai”, descrito no segundo capítulo. Isso acontece pela falta de erotização desse corpo, como se aquele olhar desejante do pai e o olhar carinhoso não tivesse perpassado a vida pregressa da menina.

Podemos pensar que muito do que acontece no psíquico e na vida externa, para a psicanálise, reverbera diretamente no corpo. O corpo é “como o palco onde se desenrola o complexo jogo das relações entre o psíquico e o somático, e como personagem integrante da trama dessas relações” (FERNANDES, 2011, p. 42). Pensemos no corpo como uma junção do psíquico e do somático, um lugar no qual se inscrevem as pulsões e as satisfações e insatisfações pulsionais.

No texto de Freud, “Além do princípio do prazer” (1920), ele nos descreve o dualismo das pulsões, por meio da pulsão de vida e a pulsão de morte. De modo bem sintético, as pulsões de vida estão ligadas aos sentimentos amorosos, que englobam tanto pessoas, como nosso relacionamento com o mundo e a relação que temos com nós mesmos; além de perpassar o princípio do prazer e as pulsões eróticas. Já a pulsão de morte abarca um lado mais agressivo que pode voltar-se para o outro e/ou para nós, e que muitas vezes está ligado a um processo de repetição.

Como dito anteriormente, as pulsões são dialógicas. Embora possam parecer opostas, elas se inscrevem juntas no sujeito; onde existe pulsão de vida, ali também se encontra a pulsão de morte, e somente se separam quando ocorre a morte física do indivíduo.

De acordo com André (2015, p. 127) “se a pulsão conservou a força irreprimível do instinto, em todo o resto ela se define principalmente por aquilo que a distingue”.

Nossa personagem, mostra-se tomada pela pulsão de vida, por Eros, no qual a pulsão sexual se manifesta. No entanto, Fanny ultrapassa esta pulsão e adentra na pulsão de morte fazendo do seu corpo, além de um objeto de prazer, um objeto de repetição, de busca, de fragmentação, em que ele é colocado para o usufruto do outro, dos ensaios fantasístico desses outros, clientes. Porém, eles não contemplam suas inquietações e vontades, mas apenas a fazem continuar nesta busca, neste preenchimento do vazio, que ela reverbera como reafirmação do seu narcisismo, de que através do seu corpo ela consegue buscar o olhar, o desejo e a admiração do outro, mesmo que todos estes adjetivos se esvaíam momentos depois, e assim comecem tudo novamente.

Corroborando com este fragmentar-se do corpo, Lacan (2012, p. 31) descreve que o “gozar é usufruir de um corpo. Gozar é abraçá-lo, é estreitá-lo, é picá-lo em pedaços”. O gozo ocorre sempre por partes ou em algumas partes, o todo jamais será alcançado, sendo assim, a relação sexual não existe, como também afirma Lacan, o que existe é uma tentativa, como nos explica Valdívia:

Na ordem da escritura ela permanece na ordem do impossível, embora os parceiros tentem realizá-la na cópula, na tentativa de escrevê-la. Mas não é ao parceiro que se dirige o desejo, e sim ao falo: seja para o homem, uma mulher, da qual ele faz do corpo dela o recorte adequado ao seu falo; seja para a mulher, o órgão, o qual ela encontra no corpo do homem. Se a relação sexual se escrevesse, não haveria a falta; não haveria desejo. O amor é impensável sem a castração. O humano sempre aspira a este ser que lhe falta e que está irremediavelmente perdido. (VALDÍVIA, 1997, p. 3)

Aqui, podemos traduzir o trabalho que Fanny realiza. Os clientes a procuram para realização dos seus desejos, através deste corpo recortado, e nossa personagem, a “mulher de prazeres” se inscreve nestes desejos, sendo ao mesmo tempo o objeto da tentativa de preenchimento do outro, e utilizadora do outro também como seu objeto para obtenção de prazer e sustento. No entanto, esta troca de fantasias não está circunscrita somente nas prostitutas, mas, em todos os indivíduos que buscam algum tipo de prazer na relação sexual. O que podemos salientar é que Fanny é movida por esta busca objetual pelo prazer, adentrando em um círculo que a faz sempre querer mais, seja o prazer pelo prazer ou o pagamento obtido.

Sabemos que a prostituição advém de alguma falta, geralmente das vulnerabilidades encontradas na vida material ou afetiva. Fanny foi colocada na prostituição, como acontece com a maioria esmagadora das prostitutas por força maior, por necessidade, por não encontrar outro caminho. O romance aborda a prostituição muitas vezes irreal, sempre em ambientes “limpos”, longe da violência, da marginalidade; as coisas sempre ocorrem quase de modo profilático, milimetricamente calculado, o que não condiz à vida da grande maioria das prostitutas.

Mesmo sabendo dessas diferenças, o que nos move neste trabalho é buscar algo que ultrapasse os estereótipos e busque a subjetividade de nossa personagem. Fanny, após a entrada no meretrício, foi uma das prostitutas mais bem pagas de toda a Londres, encontrando-se em uma situação totalmente favorável, na qual ela poderia seguir novos rumos. No entanto não foi isso que fez. Ela começou a ter amantes fixos, mas, por vezes, quando sentia necessidade, buscava saciar seus prazeres na casa de Mrs. Cole, valendo-se aqui de pagamento também, ou quando se entregou a um marinheiro somente pelo gosto do gozo.

Essa busca pelo prazer, pela sexualidade, não deveria ser motivo de espanto, mas se até para os dias atuais muito ainda se discute sobre a liberdade sexual feminina, o papel da mulher na sociedade, imagina se trasladarmos esses pensamentos para o século XVIII?

Fanny foi “encontrada” pela prostituição, mas também se encontrou nesse mundo, que para alguns seria o corolário do lascivo e da marginalidade, e para outros, como para ela, um lugar de subjetividade e prazer, no qual sua feminilidade, ou a feminidade encontrou voz e vez, saindo do lugar da mulher passiva, que se encontrava centrada no campo do falocentrismo, e trazendo suas múltiplas potencialidades, mesmo inserida nessa incompletude do ser feminino, como já descrevia Freud e Lacan.

Lacan, a partir dos conceitos freudianos, conseguiu perpassá-los e ir além. Ele, durante seu trajeto, vai postulando outras tentativas de adentrar ao continente sombrio do feminino e

da feminilidade. Como dito no capítulo 2, seus matemas procuram descrever a sexuação dos indivíduos, não se pautando na sexualidade biológica, mas nas diversas possibilidades de gênero e sexualidade, adentrando a subjetividade, e dividindo-as entre o todo fálico e o não todo.

O todo fálico é o conjunto no qual estão todos os indivíduos sujeitos à castração, geralmente, ocupado pelo masculino. De acordo com Valdívia (1997, p. 2) “o sujeito perverso, que se apresenta como não-castrado, não se incluiria deste lado da escritura”.

O sujeito que se inscreve no não-todo, não encontra exceção em seu conjunto, já que sua relação com a função fálica e com a castração é de modo parcial; sendo aqui que podemos encontrar a feminilidade.

Quando Lacan adentra na feminilidade, ele vai relacionar a mulher ao seu gozo que não compactua com seus parceiros do todo fálico, causando, por tantas vezes, dificuldades para o masculino compreender a feminilidade. Buscando novamente os dizeres de Valdívia:

A mulher, por estar não toda na função fálica, tem acesso a um outro gozo, o gozo do Outro (suplementar). Por ser fora-da-linguagem, o gozo do Outro permanece na ordem do indizível, dando à feminilidade um ar de mistério, frequentemente incompreensível para os homens, que tentam apreendê-la do ponto de vista masculino, ou seja, da posição do todo fálico. (VALDÍVIA, 1997, p. 3)

Esta confusão não permanece somente no masculino, mas adentra a vida de muitas mulheres, ou dos muitos femininos existentes, pois a feminilidade, como dito, não é um conjunto fechado. Ela é múltipla, é plástica, na qual pode se inserir um universo de possibilidades; cada mulher é única, e é daí que surge a frase que Lacan diz que a mulher não existe. O psicanalista descreve que a mulher não existe, mas não quer dizer que a condição feminina não exista, “e é justamente esta inexistência que vai promover a sua existência enquanto ideal: tanto pelos homens, para os quais uma mulher é o seu sintoma, quanto para as mulheres, que se norteiam na tentativa de alcançar uma identificação feminina” (VALDÍVIA, 1997, p. 3).

Fanny vai constituindo-se e reconhecendo os abismos do feminino através do amor e da prostituição. A prostituição e a prostituta, mesmo sendo execradas pela maioria, são elementos que atraem o desejo e o desprezo; são significantes também onde a sexualidade masculina pode denegar a sua castração e encontrar seu objeto de desejo amoroso.

Freud (1910) descreve sobre o lugar que, inconscientemente, alguns homens alocam a prostituta. Eles a colocam no lugar da mãe que, da mesma forma que tinha outro homem, o pai, a prostituta também o(s) tem.

Nossa personagem ocupa o lugar da mãe, da puta, da intimidade comprada, do desejo reprimido, do sexo sem amarras. Ela representa a liberdade sexual que é, no entanto, considerada uma afronta social, pois Fanny, ainda mais, perpassa os limites socialmente construídos para a prostituta e adentra em outro estágio, onde mesmo sendo considerada a prostituta, a puta, consegue reunir todos os “bens”, dinheiro, beleza, prestígio, que eram tão almejados no meio social da época.

Essa dualidade apenas nos fornece uma estética aparente sobre a vida de Fanny, mas a personagem ultrapassa este primeiro olhar, pois existe toda uma subjetividade que diz muito mais que apenas este olhar superficial. Neste momento recorreremos aos esquemas e à imagem, teoria da psicanalista Françoise Dolto, os quais nos darão suporte para adentrar de forma mais ampla no universo Fanny Hill.

Relembrando o segundo capítulo, Dolto descreve que esquema corporal é algo que podemos pensar quase como uma padronização: é uma representação geral da espécie. Já com a imagem, adentramos no indivíduo, na subjetividade, em sua vivência, o que a torna única.

O esquema corporal das prostitutas já foi descrito no primeiro capítulo, trazendo as diversas denominações para as prostitutas no decorrer dos séculos. Entretanto, não podemos desconsiderar que os esquemas sofrem alterações de acordo com a época e a cultura. O contexto de esquema para a prostituta do século XVIII não era nada encantador. Claro, que sempre existiram *Fannys*, mas estas eram exceções. O esquema que podemos considerar verdadeiro e que vem baseado no estudo de Trumbach, é que a Londres do século XVIII abrigava mais de 3.000 prostitutas, e estas se encontravam em constantes afrontamentos, “insultando mulheres respeitáveis, corrompendo maridos bêbados e aprendizes incautos, puxando as mangas dos homens, enfiando a mão na calça deles e fazendo propostas ousadas”. (TRUMBACH, 1999, p. 99)

O fragmento acima descreve um dos esquemas que transpassavam as prostitutas do século XVIII, das desordeiras, das pecadoras, as representantes de Eva, etc. Fanny, como dito anteriormente, perpassa e vai além desse esquema prontamente montado da prostituta do século XVIII, dado que nossa personagem adentra em outro esquema montado, um esquema pensado pela própria literatura, pelo próprio romance em que, de acordo com Bakhtin (1993, p. 397) “são condicionadas pela singularidade do próprio objeto: o romance é o único gênero

por se constituir, e ainda inacabado”, e não totalmente inacabado, mas dando a permissividade para que o autor confabule com uma ideia ou mundo particular.

Cleland desenha outro esquema para Fanny; um mundo distinto da prostituição do século XVIII que podemos notar claramente através de quatro aspectos: 1) o mundo da prostituição de Fanny não está relacionado ao mundo dos adictos, das bebedeiras e brigas, que geralmente perpassa as casas para esses fins; 2) não está ligada aos crimes, roubos, extorsões e chantagens, sendo que os ambientes de Fanny são sempre ambiente seguros, longe de batidas policiais ou pessoas importunas, o ambiente é sempre limpo e harmonioso; 3) o negócio é dirigido por mulheres e, se pensarmos em Mrs. Cole, Fanny a considerava como uma mãe, a distancia de modo significativo das cafetinas ou matronas que interessavam-se apenas no valor monetário que cada alma feminina, ou melhor, que cada corpo feminino podia render, desconsiderando todos seus anseios e subjetividades; 4) e ainda, mas não menos importante, é pensarmos que o ambiente social de Fanny está perpassado pelas camadas de homens abastados, que não mediam “esforços” financeiros para conseguir o que queriam, trazendo luxo e requinte para o exercício da profissão. Assim conseguimos delinear um novo esquema para a prostituição de Fanny que não se assemelha em nada com o das outras prostitutas da época.

Neste momento, intentamos desvendar os véus da subjetividade a imagem de Fanny, a memória inconsciente de tudo que foi vivido, e como isso se reverbera na vida de nossa personagem.

Dolto (2015), quando descreve a imagem, a divide por três aspectos: imagem de base, imagem funcional e imagem erógena. Quase todas estão ligadas a infância, com reverberações na idade adulta. Como não temos material para percorrer a vida de Fanny da infância até a vida adulta, nos concentraremos a partir de suas descrições.

Nossa personagem foi construindo sua imagem através das adversidades. Os dois abandonos, ligados aos laços amorosos, o primeiro da família e o segundo de Charles, fragilizaram Fanny momentaneamente, mas não a sufocaram ou a desiludiram. Essas adversidades foram forças motrizes para ela continuar.

A escolha e a permanência no campo da prostituição estão muito imbricadas no desejo que ela tinha de ser, de superar a falta, que é dos regentes na imagem dinâmica do sujeito. Fanny buscou atenuar a falta na busca pelo prazer, ou na forma de aceitar algumas situações, que seriam para ela uma forma de se sobressair e de se autoafirmar. Nesse caso específico de afirmação, podemos descrever quando Fanny, já não mais precisando de dinheiro ou se colocar no mercado de trabalho, aceita um desafio, que através de suas palavras, “[...] um

impulso da fantasia para fazer uma nova experiência, misturado com a vaidade de demonstrar minha coragem pessoal a Mrs. Cole, [...]” (CLELAND, 1997, p. 233)⁴⁰.

Essa fantasia ou desafio se dirigia a um cliente específico, Mr. Barville, “uma vez que ele se encontrava sob a tirania de um gosto cruel: o de um ardente desejo não apenas de ser ele próprio impiedosamente chicoteado, mas de chicotear a outrem, de tal modo [...]” (CLELAND, 1997, p. 232)⁴¹.

Fanny trazia, em si, a imagem de guerreira, de conquistadora e tinha a necessidade de demonstrar isso, demonstrar força e superação, mesmo que depois se arrependesse e jurasse que nunca mais se renderia a determinadas modalidades:

Mas, ainda assim, suportei tudo sem gritar; quando, nesse momento, dando-me uma nova pausa, ele partiu para cima, por assim dizer, daquela parte cujos lábio e cercanias experimentando a sua crueldade, e, como um forma de reparação, colou os seus próprios lábios nele.[...] E ainda assim não emiti um só gemido, ou queixa enraivecida; mas, em meu coração, nunca decidi algo com tanta seriedade quanto jamais voltar a me expor a rigores dessa espécie. (CLELAND, 1997, p. 254)⁴²

Nesse fragmento, é abordado o gosto sexual de um cliente que somente encontra o prazer quando a dor é o mote do relacionamento sexual. Ele era um sadomasoquista. Fanny nunca foi adepta destas particularidades, mas aceitou e aceitaria outra proposta somente para afirmar-se, para demonstrar para ela e para os outros que ela rompe barreiras, que ela era forte suficiente para transpor qualquer coisa. Fanny, devido às intempéries da vida, foi constituindo-se através das pulsões, de vida e de morte, e impingindo em sua imagem funcional uma busca constante pelo prazer, já que podemos considerar que foi através desse conhecimento que Fanny se constituiu e conseguiu estruturar sua vida.

Podemos fazer, aqui, uma breve digressão, como uma tentativa de esclarecer, buscando na teoria psicanalítica de Joyce McDougall, essas diversas modalidades sexuais que perpassam as sociedades e seus sujeitos.

Muitas dessas modalidades, como o sadomasoquismo, eram e são consideradas por muitos como algo perverso. McDougall fala do conceito pejorativo que a palavra perversão recebe, além de descrever as inúmeras imprecisões que essa palavra pode trazer na nomeação

⁴⁰ “[...] a gust of fancy for trying a new experiment, mixed with the vanity of approving my personal courage to Mrs. Cole.” (CLELAND, 1749, p.113).

⁴¹ “[...] as he was under the tyranny of cruel taste: that of an arden desire, not only of being unmercifully whipped himself, but of whipping others, in such sort,[...]”. (CLELAND, 1749, p.112).

⁴² “But still I bore every thing without crying out: when presently giving me another pause, he rushed, as it were, on that part whose lips.[...] Andy et I did not utter one groan, or angry expostulacion; but in my heart I resolved nothing so seriously, as never to expose myself again to the like severities.” (CLELAND, 1749, p. 117,118).

dentro do sistema psiquiátrico ou psicanalítico. Isso, pois sabemos que cada indivíduo é singular, único, sendo muitas vezes complicada a sua nomeação, como se fossem caixinhas separadas em que se pudessem encaixar uma ou outra. A teórica propõe enquadrar o que é perversão e para isso ela admite três possibilidades, que são:

[...] seria a tentativa de impor a imaginação erótica a um outro que não consentisse nisso ou que não fosse responsável. Em geral, eu reservaria o termo “perversão” como um rótulo para atos em que um indivíduo (1) impõe desejos e condições pessoais a alguém que não deseja ser incluído naquele roteiro sexual (como no caso do estupro, do voyeurismo e do exibicionismo) ou (2) seduz um indivíduo não – responsável (como uma criança ou um adulto mentalmente perturbado). Talvez, em última análise, só os *relacionamentos* possam ser adequadamente intitulados *perversos*; este rótulo se aplicaria então a trocas sexuais nas quais o indivíduo perverso é totalmente indiferente às necessidades e desejos do outro. (MCDOUGALL, 1997, p. 192)

A autora descreve que a perversão se define quando o indivíduo coloca outro indivíduo, podendo ser do mesmo sexo ou não, em uma cena no qual esta pessoa não quer participar, ou não tem consciência do que de fato está acontecendo; isso se mostra de forma clara nos casos de estupro, pedofilia e outros abusos.

Para McDougall, todas as outras formas ou nomenclaturas sexuais que não estão descritas no fragmento acima não são casos de perversão, mas, do que ela nomeia como neo-sexualidades e/ou sexualidades adictas. Para a psicanalista, esta nova nomeação vem caracterizando atos relacionados tanto aos heterossexuais como aos homossexuais e esclarece que estas são “as melhores soluções possíveis que a criança do passado foi capaz de encontrar diante das comunicações parentais contraditórias a propósito da identidade de gênero, da masculinidade, da feminilidade e do papel sexual” (MCDOUGALL, 1997, p. 193).

Podemos pensar que o sadomasoquismo, o voyeurismo, o exibicionismo, estão inseridos nestas outras formas do sujeito vivenciar sua sexualidade, existente desde tempos remotos, mas que, em determinadas épocas e culturas, foram motivo de vergonha e, muitas vezes, de punição.

O cliente de Fanny, citado anteriormente e chamado Mr. Barville, era um desses homens, pois a única forma de conseguir prazer e vivenciar sua sexualidade era através dos açoites, tanto no ato de receber como no ato de dar. Nossa personagem adentrou nesse jogo, não por ser adepta de alguma das formas neo-sexuais, mas como uma forma egocêntrica de se sobressair, de se autoafirmar.

Fanny estava sempre procurando, buscando algo, fosse ele prazer ou uma aventura. Podemos também pensar nisso como uma busca da superação da falta, que está relacionada com a imagem dinâmica, que “é sempre a de um desejo em busca de um novo objeto” (DOLTO, 2015, p. 46). Podemos relembrar essa busca quando Fanny busca estar no papel de “vadia”, palavra descrita por ela. O que nos parece interessante é que, quando mencionamos a palavra prostituição, o corolário de adjetivos negativos geralmente é aquele que está ligado à prostituição. Porém, a imagem que nossa personagem traz dela não se encaixa nesse esquema e imagem do todo, pois vemos que ela quis se colocar nesse papel, ainda que, até esse momento e em todos os outros de trabalho, esse, definitivamente, não era o lugar no qual ela se via.

Nossa personagem somente se colocou no papel de vadia quando teve relações com aquele marinheiro, encontrado de forma abrupta no meio do caminho, nos dizeres dela:

Mas, não sei como foi, meus desejos prementes, aquela figura dele, a ocasião e, se a senhora assim deseje, a poderosa combinação de tudo isso, e toma a por uma repentina curiosidade de ver como terminava uma aventura tão nova para mim quanto a ser assim tratada feito uma vadia qualquer [...] (CLELAND, 1997, p. 229)⁴³

Entendemos que a imagem é algo singular, pessoal, individual, ligado às vivências de cada ser humano. O que, para muitos, pode ser algo perverso, fora do padrão, ou que não se encaixa na moral e nos bons costumes sociais, para outros, em nada altera a imagem que cada um tem de si. Pode-se até determinado momento seguir os padrões sociais, mas, no entanto, essa imagem transborda, extrapola. Essa complexa performance do indivíduo de se colocar e se enxergar no mundo vai além de meros padrões impostos ou autodeterminados.

A imagem construída por Fanny, em nada se assemelha àquela que representa a maioria das prostitutas que encontramos nas histórias. Nossa personagem tem autoestima, beleza e ânsia por viver. No entanto, nesse desejo existe também uma falta, que ora ela apregoa ao amor que se foi, mas não lamenta, ora coloca toda essa falta na busca pelo prazer, pelo prazer sexual, que foi seu mote durante o tempo que Fanny vivenciou da prostituição. E isso era a diferença dela para as outras mulheres, pois, em suas palavras:

[...] pois, com as mulheres, as do nosso tipo especialmente, por mais bem intencionados que possam ser os nossos corações, existe em nós uma parte

⁴³ “[...] but I do not know how it was, my pressing calls, his figure, the occasion, and if you will, the powerfull combination of all these, with a start of curiosity to see the end of an adventure, so novel too as being treated like a common street-plyer,[...]” (CLELAND, 1749, p. 110).

controladora, um trono de rainha que se governa por suas próprias máximas estabelecidas, entre as quais nenhuma é mais forte, na prática, como aquela parte, do que, na questão do que lhe é devido, jamais aceitar a intenção pela realização. (CLELAND, 1997, p. 228)⁴⁴

Fanny considera o seu prazer, mas sabemos que, nessa profissão, uma das premissas é “servir” ao outro, fornecer o prazer ao outro, com pouco risco de que algo nesta troca lhe agrade por usufruir desse prazer. Fanny sabe disso também, mas tenta; mesmo que, por vezes, seja quase impossível buscar um mínimo de conforto dentro dos relacionamentos, efêmeros e passageiros, que sempre estavam presentes na sua vida.

Fanny, como dito anteriormente, costumava virar amante de alguns desses homens que passaram pela casa de Mrs. Cole, alguns de saúde frágil, outros, praticantes de modalidades que não eram exatamente o que a movia, na busca pela sua sobrevivência. Pelo valor monetário, que era bem alto, ela se deixava levar, buscando assegurar uma vida mais confortável. Mas isso, apesar de tudo, não a castrava na sua busca pelo prazer, muito pelo contrário, o prazer era o que a movia.

E é exatamente nessa troca entre prostituta e cliente, onde ambos os desejos são ou tentam ser saciados, que as fantasias são transmutadas, nos questionando muitas vezes quem é o cliente de quem.

Neste ponto, podemos perceber o que Lacan denominou de a mulher mascarada. Fanny se presta ao desejo do homem, pois nesta busca de ser o falo, ser o desejo do outro, muitas vezes escamoteando partes de sua subjetividade, fendas e vazios, acaba por se construir através de cenas de sedução, buscando encaixar-se no desejo do outro.

Fanny conseguiu, dentro do seu processo psíquico, construir uma mascarada um tanto peculiar ou diferente. Claro que ela usa de estratégias para conseguir o que desejava, como sua beleza, sua forma frágil que muitas vezes aparece como um desamparo, sua volúpia sexual; mas ela subverte todas essas rotas, que normalmente as mulheres utilizam para satisfazer o outro, para benefício próprio. As fendas e vazios, próprios do indivíduo, ela tenta, de certa forma, sublimar através de sua sexualidade, da busca intensa pelo prazer. Nem sempre acontece da forma que deseja, mas ela busca entre as possibilidades que lhe são ofertadas a melhor maneira de alcançar esse prazer, que a preenche e a satisfaz, momentaneamente, e a leva sempre à repetição.

⁴⁴ “[...] for with women, of our turn especially, however well our hearts may be disposed, there is a controlling part, or queen-seat in us, that governs itself by its own maxims or state, amongst which not one is stronger, in practice with it, than, in the matter of its dues, never to accept the will for deed.” (CLELAND, 1749, p. 109).

Essa liberdade se configura, inúmeras vezes, no olhar que temos sobre a prostituta, pois aqui, onde acontece não a relação sexual, mas a troca de fantasias, como diria Lacan, a vergonha ou as inibições são postas de lado. Neste espaço o desejo deve ser livre, e a intimidade não se faz através do amor, mas da vontade de busca por satisfação, seja ela pelo poder que se exerce sobre o outro, ou pela fragilidade que se demonstra. Esse lugar em que encontramos a prostituição, a margem, o lugar que a sexualidade acontece sem entraves, no qual o balé das fantasias é permitido, é provavelmente o que move a prostituição até os dias atuais, e que se alimenta de uma falsa moralidade e hipocrisia que através dos ditames sociais tentam cercear a sexualidade e a liberdade dos indivíduos, levando-os muitas vezes ao adoecimento.

3.4 A CULTURA E A PSICANÁLISE

Podemos começar pensando que, a autoria do discurso e da narrativa do livro é de um homem do século XVIII, quando as questões sobre a sexualidade feminina eram um grande tabu, pelo menos no ocidente. Mesmo nossa personagem principal sendo uma mulher de “prazeres”, muito ainda dessa sexualidade feminina encontra-se atrás de um véu de desconhecimento, lembrando que, ainda nesse período, a mulher era disposta para satisfação do homem. Para conseguir posicionar Fanny como uma mulher de prazer, o autor a colocou como uma prostituta, pois somente nessa situação a mulher poderia usufruir do sexo e de suas benesses.

Sabemos que a sociedade do século XVIII e a nossa atual fazem certas acepções sobre essa modalidade. Em nenhum momento a prostituta deixa de ser mulher, mas não conjuga a respeitabilidade e o lugar de fala que talvez a mulher de “família” possa expressar. No entanto, a prostituta encontra outros tantos lugares de fala que muitas mulheres “respeitáveis” nunca terão, por um simples motivo: muitas delas foram e ainda estão sob o julgo do patriarcado, se construindo e se subjetivando dentro dos pudores e valores que um dia lhes foram idealizados, construídos, dentro de uma perspectiva de submissão, do proporcionar o prazer e bem estar ao outro, desconsiderando a sua própria vontade.

Atualmente muitas dessas perspectivas estão mudando, principalmente no quesito submissão, pois a cultura interfere diretamente na vida de cada indivíduo. Mas, mesmo com uma série de mudanças, o fazer-se mulher, ou o conquistar a feminilidade, que não está ligada diretamente ao gênero, permanece cercado de obstáculos.

Aqui encontramos uma série de etapas, como explicado no segundo capítulo, advindas da teoria da feminilidade de Freud e depois retomadas por Calligaris. Três são as formas de desenvolver a feminilidade. Não sabemos como Fanny passou por essa primeira constituição, como já afirmamos anteriormente. O que sabemos é que Fanny, diferente de grande parte das mulheres, não foi acometida pela inibição dos desejos que, pensando pelo viés freudiano, relaciona-se ao prazer ligado ao clitóris, em que seus desejos se encontravam direcionados à mãe. Com a descoberta do pênis, ela perde o interesse no seu objeto de prazer, o clitóris, além de depreciar a mãe por esta não a ter “presenteado” com um pênis, tampouco possuí-lo, não passando assim de modo satisfatório na busca da sexualidade ou feminilidade. Podemos também pensar, pelos dizeres de Calligaris (2006), que toda menina precisa passar pelo processo de substituir aquele primeiro olhar do pai, o olhar amoroso, protetor, para transformá-lo futuramente para outro(s) homem(ns) em um olhar sexual, desejante. As diversas fases, se não forem “bem resolvidas”, podem acometer algumas mulheres a subestimarem e inferiorizarem suas semelhantes. Aqui podemos pensar que, de alguma forma, a liberdade e o conhecimento da sexualidade por parte das prostitutas possa ser uma afronta a essa falta que permeia essas outras mulheres e que por vezes parece ser intransponível.

A partir dessas possibilidades e ressignificações, muitos dos preconceitos que perpassam culturas e gerações se fortalecem e vão inscrevendo novos significados. Pensávamos que as mulheres prostitutas, estavam “imunes” a preconceitos com outros que costumam ser colocados à margem juntos a elas, entretanto muitas vezes essa solidariedade não ocorre. No livro encontramos uma passagem, que além de ter causado um grande problema para o seu lançamento, levou seu autor à cadeia, quando nos deparamos com Fanny impingida por um preconceito, uma aversão, contra os sodomitas.

A cena ocorre quando Fanny estava indo visitar sua amiga Harriet, que já não integrava o time de Mrs. Cole, e vivia tranquilamente em uma cidade próxima. Quando estava a caminho, um eixo da roda da charrete se soltou e, enquanto arrumavam outro meio de locomoção, ela se instalou em uma hospedaria. Foi quando, estando no seu quarto, observou pela janela dois moços adentrarem a hospedaria e se instalarem no quarto ao lado.

Fanny descrevendo-se como uma pessoa muito curiosa, procurou uma brecha entre as tábuas que faziam a divisão dos quartos e começou a observar o que os moços faziam. Foi quando ela descreveu toda a cena, com riqueza de detalhes, mas também demonstrou um horror, um asco, que parecia mais advindo de uma carola religiosa quando vê o outro em pecado e reza para que um ataque fulminante acabe com o pecador insolente.

Tudo isso, essa cena tão criminosa, tive a paciência de espiar até o fim, puramente para reunir mais fatos e convicção contra eles, em meu firme propósito de fazê-los receber o castigo merecido imediatamente e, assim, quando eles já se preparavam para sair, eu, ardendo como estava de raiva e indignação, pulei da cadeira, a fim de criar o maior escândalo contra eles [...] (CLELAND, 1997, p. 264)⁴⁵

O século XVIII foi um período bastante conturbado para os homossexuais, também conhecidos na época como sodomitas. Os dois grupos que se encontravam mais marginalizados na Londres da época eram as prostitutas e os sodomitas. Esses grupos foram alvos dos reformadores religiosos. De acordo com Trumbach (1999 p. 100) “a sodomia tradicionalmente tinha um destes três significados: relação sexual entre homens, sexo anal entre homens e mulheres ou relação sexual com animais”. No século XVII, o sodomita podia estar acompanhado de uma prostituta e de um amante; no século XVIII, essa modalidade sexual encontrou uma forte barreira entre a sociedade, por mais que nunca tenha deixado de existir.

As injúrias e indignações de Fanny ainda continuavam, agora apoiadas por Mrs. Cole que declarava que “a devida punição alcançaria aqueles patifes” (CLELAND, 1997, p. 264)⁴⁶. Ainda continuando a conversa, Mrs. Cole traduz como “benção” que essas pessoas, nesse momento e naquele país, fossem designadas como uma marca de doença, ainda trazendo um fragmento declarando de quais eram esses tipos de sujeitos:

[...] ela dificilmente poderia apontar a exceção de um entre eles cujo caráter não fosse, em todos os outros respeitos, o mais ordinário e desprezível que pudesse existir, despido de todas as virtudes varonis do seu próprio sexo, e cheios apenas dos piores vícios e desatinos do nosso; que, em suma, era difícil dizer se eles seriam mais execráveis ou ridículos em sua monstruosa incongruência de odiar e condenar as mulheres e, ao mesmo tempo, macaquear os seus modos, ares, ceceios, passinhos apressados e, de uma maneira geral, todos os seus jeitinhos afetados, que nelas pelo menos caem melhor do que nessas assexuadas senhoritas masculinas. (CLELAND, 1997, p. 265)⁴⁷

⁴⁵ “The criminal scene they acted, I had the patience to see to an end, purely that I might gather more facts and certainty against them in my design to do their deserts instant justice; and accordingly, when they had re-adjusted themselves; and were preparing to go out, burning as I was with rage and indignation, I jumped down from the chair, in order to raise the house upon them[...].” (CLELAND, 1749, p. 124).

⁴⁶ “there was no doubt of due vengeance one time or other overtaking these miscreants” (CLELAND, 1749, p. 124).

⁴⁷ “[...] she would not name an excepción hardly to one of them, whose carácter was not, in all other respects, the most worthless and despicable that could be; stript of all the manly virtues of their own sex, and filled up with only the worst vices and follies of ours; that, in fine, they were scarce less execrable than ridiculous in their monstrous inconsistency, of loathing, and condemning women, and at the same time apeing all their manners, airs, lisps, scuttles, and, in general, all their little modes of affectation, which become them at least better, than they do these unsexed, male misses.” (CLELAND, 1749, p.125).

Encontramos um discurso repleto de ódio, advindo de uma mulher, dona de bordel, que se colocada em patamares morais, encontra-se no mesmo nível dos sodomitas da época, deixando-nos claro, que independente do lugar de fala de cada um, os preconceitos socialmente construídos perpassam os indivíduos, mostrando a perversidade que pode constituir todo ser humano.

Outra coisa que não podemos esquecer é que Fanny foi iniciada nos prazeres sexuais por uma relação homossexual ou lésbica. Sabemos também que, no começo, ela foi pega totalmente de surpresa e que, no entanto, com o passar dos dias, ela foi entregando-se e aproveitando os primeiros prazeres que lhe foram proporcionados.

Neste momento, quando a abordagem é acerca de duas mulheres, não existem críticas ou manifestações contrárias. Essa sexualidade lesbiana não adentra ao mesmo patamar de condenação da homossexualidade masculina; nem chega perto, já que o que muitas vezes ocorre é exatamente o contrário. A cena aguça a imaginação e a sexualidade do homem, imaginando-se como “possuidor” de duas mulheres ao mesmo tempo. O pensamento machista também fez parte de toda a narrativa do livro, em que, muitas vezes, a engenhosidade, o dinamismo e a evolução que abarca criação literária, e o livro *Fanny*, mescla-se com os preceitos e preconceitos que perpassavam a cultura.

Fanny ainda traz outra história envolvendo um possível sodomita. Quando Emily, uma das meninas de Mrs. Cole, vai a um baile de máscara, ela se fantasia de pastor de ovelhas. No baile começa a trocar olhares com um cavalheiro, que ficou completamente cego por ela. No entanto, esse homem, em nenhum momento, percebeu que Emily era uma mulher, “ele a tomara realmente pelo que ela parecia, um rapazinho efeminado, e ela, esquecendo-se de como estava vestida, e passando longe das intenções dele, tomou todos esses cumprimentos como dirigidos a ela própria, como mulher [...]” (CLELAND, 1997, p. 259)⁴⁸.

Quando os dois estavam a sós e tomados pelo calor da relação, o cavalheiro procura pelo genital do tão atraente pastorzinho, mas, quando percebe o equívoco, lança a queixosa exclamação: “Céus, uma mulher! Isto abriu-lhe imediatamente os olhos, que até então estavam estupidamente fechados.” (CLELAND, 1997, p. 260)⁴⁹.

Depois de se recompor pela frase dita, tentou continuar as carícias, mas sem o ardor e empolgação demonstrados antes; e buscando uma forma de apaziguar seu ímpeto, o homem

⁴⁸ “[...] he took her really for what she appeared to be, a smock-faced boy; and she, forgetting her dress, and of course ranging quite wide of his ideas, took all those address to be paid to herself as a woman[...].” (CLELAND, 1749, p. 121).

⁴⁹ “By heavens, a woman! This at once opened he reyes, wich had been shut in downright stupidity” (CLELAND, 1749, p. 121).

lançou-se “de tal forma que o caminho duplo entre as duas colinas traseiras apresentava-se bem aberto para ele, e lançou-se tão furiosamente na direção errada que não poderia dar à moça senão o temor de perder uma virgindade com que ela nunca havia sonhado” (CLELAND, 1997, p. 260)⁵⁰.

Emily descreveu todos esses detalhes para Fanny e Mrs. Cole, que, primeiramente, a repreenderam por se expor de tal forma. Para Mrs. Cole, qualquer relação que não fosse sob seus cuidados poderia trazer terríveis consequências. Já discutimos que o reduto de Mrs. Cole em nada se parecia com a maioria dos bordéis de que temos conhecimento. Isso em todos os sentidos, podendo ser estendido à preocupação e ao cuidado que Mrs. Cole desprendia com relação à saúde e bem-estar de “suas” meninas. Após a demonstração de cuidado, mais uma vez, as críticas aos sodomitas encheram o ambiente.

Após as tantas descrições e tantas histórias que encontramos no livro, voltaremos à nossa personagem principal, Fanny. Ela, após tantas aventuras, já com uma condição financeira que com dezenove anos poderia se dar ao luxo de nunca mais trabalhar, pois foi a única herdeira de um distinto homem com que manteve um relacionamento, ainda buscava encontrar seu grande amor, Charles.

Isso acabou por acontecer de forma inesperada, mas, a partir desse reencontro e do amor que nunca deixou de existir, Cleland consegue tirar Fanny das terríveis estatísticas das prostitutas do século XVIII. O casamento feliz, perpassado pelo amor, consegue fazer Fanny se tornar a esposa ideal, que não estava maculada pelas injúrias e difamações, pois sempre fora muito reservada, salvaguardando sua respeitabilidade intacta.

Esse novo tipo de prostituta era, entretanto, uma parte do preço da ascensão social da maioria das mulheres, que já não estavam estigmatizadas pela suspeita automática de prostituição. A fantasia de Cleland é, nesse sentido remoto, feminista, mesmo que o seu efeito seja o de reforçar os limites do poder masculino. (TRUMBACH, 1999, p. 110)

Assim, podemos perceber que o livro *Fanny*, mesmo tendo a narradora em primeira pessoa, não atribui uma fala feminina ou feminista, caso expressasse de forma singular a subjetividade da mulher. Por sua escrita advir de um homem, a obra é totalmente voltada para o deleite dos seus, do mesmo sexo, que, não podemos esquecer, eram quase em sua totalidade os que figuravam como os leitores desses romances pornográficos e/ou eróticos.

⁵⁰ “[...] that the double way, between the double rising behind, presented the choice fair to him, and he was so fairly set on a mis-direction, as to give the girl no small alarms for fear of losing a maidenhead she had not dream of.” (CLELAND, 1749, p. 122).

A prostituta, retratada dessa forma romantizada, demonstra um anseio voltado para o olhar masculino. As filhas de Eva demonstravam benevolência e complacência, sempre prontas para saciar todos os desejos do outro. Além disso encontramos o componente financeiro, no qual este traz uma afirmação de poder e virilidade, visto que muitos dos homens deixavam a desejar em sua performance sexual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando falamos de prostituição ou de Fanny, especificamente, estamos trazendo fantasias, descrevendo representações que se inserem em um imaginário coletivo, em que, ao invés de se pensar em uma sexualidade sem amarras, a sociedade, de forma geral, pensa em algo que remete ao perverso, ao abjeto, ao que somente é permeado por corpos vazios, um lugar de escape para a fuga imposta pela moral sexual que se estende por séculos. A prostituição se firma como um território que se transforma no lugar dos prazeres ilegítimos, em que a “santa” é posta de lado, ou deixada no aconchego do lar, e surge a mulher, a “puta”, que não fará perguntas, que não irá recriminar o outro perante seus gostos ou performances, ou a falta dessas, que permitirá as frustrações, de certa forma.

A prostituta se insere nesse local, mas o ultrapassa e é muito mais que isso. Podemos pensar em Fanny, que foi construída para demonstrar esse local da prostituta, mas acabou por perpassar o imaginário erótico de homens e mulheres. Isso, pois quando falamos sobre a prostituição adentramos o território do imaginário sexual, do mistério, que integra a representação dos saberes sexuais, firmam um “segredo” que ultrapassa os séculos.

Nossa personagem, foi a prostituta feliz, bem-sucedida, a mulher que estava em busca do prazer e mesclou o sexo e o amor, que traduziu a feminilidade para além da sexualidade, e da sociedade para a qual vivia, e a trouxe como modo de vida, respeitando seus desejos e suas vontades. Além disso, também respeitou a outra feminina, trazendo não o revanchismo, mas a sororidade com suas semelhantes do mesmo sexo.

Essa falta histórica pertencente à mulher, ou ao feminino, foi por ela perpassado através do seu corpo. Sabemos que seu corpo foi muitas vezes “trocado” como mercadoria, mas, de fato, quem está livre desta troca? A troca não necessariamente está atrelada a valores financeiros; se trocam favores profissionais, bens e até informações por sexo. Quantas vezes não nos deparamos trocando um sorriso mais simpático para conseguirmos algo em troca? Nesse ponto encontramos uma frase recorrente de Simone de Beauvoir (apud NUCCI, 2014, p. 66), que “entre as que se vendem pela prostituição e as que se vendem pelo casamento a única diferença consiste no preço e na duração do contrato”.

Beauvoir, na frase citada, demonstra de forma clara o que discurremos muitas vezes nesse trabalho: o lugar da mulher, mas a mulher de “família”, a “boa”, que para manter as aparências e/ou casamento, nos dizeres cristãos, até que a morte os separem, se coloca na situação de troca, todos os dias, para manutenção desse lugar, da “santa”. Pensando

subjetivamente essa pode ser a única coisa que a mantém em pé, pois todo o resto pode ser de escombros e de fragmentos dessa “boa mulher de família”. Essa afirmação não é uma generalização, pois claramente existem mulheres felizes nos seus casamentos; ela é somente uma constatação, já descrita por muitos outros trabalhos que relataram e relatam essa outra condição da mulher, presa dentro das amarras morais de uma sociedade.

Sabemos também que muitas meninas começam na prostituição por diversos problemas; dentre eles, problemas sociais, financeiros, problemas ligados à violência doméstica, ou outros problemas, como o caso do livro *O doce veneno do escorpião* de Raquel Pacheco. Mais conhecida como Bruna Surfistinha, a moça de classe média adentra a prostituição por traumas relacionados à descoberta de sua adoção; traumas estes já manifestados através de compulsão alimentar, das ideias de suicídio, da cleptomania, etc. Encontramos também outros casos como o livro *A agenda de Virgínia*, no qual a espanhola Alejandra Duque narra como adentrou a prostituição como um meio de vida, de divertimento e *status* social. No prefácio do livro encontramos a descrição de Alejandra.

Alejandra Duque, Álex para seus amigos, era a perfeita universitária espanhola. Boa aluna, divertida, vital, como algo de candura e inocência infantil, que surpreendentemente não desapareceu quando nasceu Virgínia. Virgínia, no entanto, é quase um metro e oitenta de luxúria, ambição, perversão, transgressão... mas também de generosidade, curiosidade, picardia, aventura... O surpreendente é que Álex não faleceu no parto de Virgínia. Ao contrário. Embora contraditórias e contrapostas, as duas personalidades compartilhavam um corpo embora a sua fosse uma relação proibida (DUQUE, 2005, p. 15)

Esses são apenas alguns dos tantos livros que revisam sobre a prostituição, mas independente do motivo da entrada para esta profissão, tanto Alejandra como Raquel, descrevendo suas histórias, nenhuma das duas arrependem-se desse momento da vida e podem lá ter alguns ressentimentos sobre alguns ocorridos; mas quem não os tem?

Sabemos que o trabalho da prostituta não é um trabalho fácil, como dissemos anteriormente, pois envolve algo que há séculos perpassa os “segredos” relacionados ao sexo. Raquel e Alejandra, por um tempo, foram detentoras desses conhecimentos, vivenciaram e trouxeram seus relatos em seus respectivos livros. O livro *Fanny Hill ou Memórias de uma Mulher de Prazer* também relata a história de uma menina que adentrou a prostituição e, não diferente dos dois livros supracitados, mostra que Fanny vivenciou e também se constituiu através e pela prostituição. Um pouco que difere dos dois outros livros está na riqueza de detalhes do ato sexual, além dos mais de dois séculos que os separam. É o lugar reservado à

prostituta, tanto no imaginário social como o seu verdadeiro lugar na sociedade, que continua praticamente inalterado.

Tantas Fannys, Virgínias e Brunas adentram o imaginário de homens e mulheres, tanto na realidade como na literatura. Fanny foi a precursora nesse caminho do romance erótico, dando voz à prostituta, não como intuito de divertir, ou como paródia, própria de livros anteriores, mas como a prostituta que, entre suas buscas, encontrou o prazer, o amor e uma vida aos moldes burgueses, como a sociedade do século XVIII demandava.

Fanny foi e continuará sendo a *mulher de prazeres*, que adentra através da literatura os séculos e culturas e continua ainda nos dias atuais figurando entre um dos livros mais licenciosos da literatura ocidental. Mas, para além da licenciosidade, o que o configura é a prostituta, é a mulher sem amarras, que se mostra entre vazios e fendas com uma feminilidade transbordante que atinge o fazer-se mulher. Além de demonstrar, através de sua imagem, que é uma mulher que não se difere das outras, mas que preza e busca a sua sexualidade, ou melhor, a liberdade da sexualidade pelas vias da demonstração dessa potencialidade da feminilidade e do sexo feminino, sem rejeitar seu lugar, e apregoando e expondo a possibilidade deste novo lugar e destes novos olhares.

Buscamos através da nossa personagem, exatamente, estes novos olhares impermeados de preconceitos, e voltados a compreender as diversas representações que cada mulher pode incorporar no decorrer de seus caminhos.

O caminho da prostituta, muitas vezes, passa por barreiras difíceis de transpor, já que este é um preconceito socialmente construído. Mas, devemos buscar o que se esconde nos entremeios destes preconceitos; e, aí, encontramos não a prostituta, mas a mulher, este “continente negro” que luta desde o princípio da era cristã, buscando seu lugar de fala, não no público ou no privado, mas no lugar que ela quiser. Assim é que podemos pensar na prostituta, a que sempre esteve fora dos padrões estabelecidos, enquanto que sempre lutou de alguma forma pelo seu lugar, e pelo lugar da mulher.

Esta luta está intrínseca à feminilidade e à sexualidade feminina que, pela imposição do outro, persistem cheia de amarras e encontram na prostituta um *modus operandi* que consegue ultrapassar estas imposições.

A prostituta é uma representação do território da feminilidade, das possibilidades e relativizações que encontramos no seu processo de subjetivação, de ser o falo, de estar inserida nas dimensões eróticas, das pulsões, do que se diz tanto da condição humana, que é incompleta, imperfeita e finita.

Através desta demonstração, encontramos Fanny, a mulher de prazer, que usufrui de sua sexualidade, não sem algumas amarras próprias do século XVIII, e que se coloca a serviço do outro; que dispõe de sua feminilidade, da passividade descrita por Freud ([1932] 1996), não como alguém sem ação, mas como alguém que coloca-se para o outro sem esquecer dela própria; que consegue conjugar o ser mulher sem ser subserviente, mesmo inserida nos estereótipos que a recobrem, dando assim um novo lugar para prostituta.

Neste trabalho não tínhamos a pretensão de definir a prostituta muito menos a prostituição, pois sabemos que cada indivíduo é singular. Buscamos concatenar alguns estereótipos, principalmente no que se refere à feminilidade, que geralmente nos enreda à passividade. Ao nos pautarmos na teoria de Dolto (2015) sobre a imagem e o esquema, pensamos discutir algumas representações na tentativa de relativizar alguns padrões sociais amplamente compartilhados.

Fanny se via não como uma prostituta, mas como uma mulher, que permeada pelos vazios, característicos não somente da mulher, mas de todos os sujeitos, encontrou dentro de suas possibilidades uma forma de suprir ou preencher estes vazios, mesmo que, por vezes, este preenchimento a levasse à fragmentação, ao erro e a pulsão de morte. Ao mesmo tempo, porém, era invadida também pela pulsão de vida, nos amores, mesmo que fulgazes, e no seu modo de vida que, para si, contemplava os seus anseios. Sendo assim, encontramos a mulher, a prostituta feliz, que contrariando todas as expectativas, existe e se constitui dentro das suas possibilidades psíquicas e continuam trilhando o caminho da liberdade que, tal como para Fanny, foi encontrada na prostituição.

REFERÊNCIAS

ABBOTT, Elizabeth. **Amantes**: uma história da outra. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2016.

ADLER, Laure. **Os bordéis franceses, 1830-1930**. Trad. Kátia Maria Orberg e Eliane Fitipaldi Pereira. São Paulo: Companhia das Letras; Círculo do Livro, 1991.

ALEXANDRIAN, Sarane. **História da literatura erótica**. Trad. Ana Maria Scherer e José Laurêncio de Mello. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

ANDRÉ, Jacques. **As origens femininas da sexualidade**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

ANDRÉ, Jacques. **Vocabulário básico da psicanálise**. Trad. Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015.

ASSOUN, P. L. **Freud e a mulher**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. São Paulo: Editora Unesp, 1993.

BELLEMIN-NOEL, Jean. **Psicanálise e literatura**. São Paulo: Cultrix, 1978.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Trad. João Ferreira de Almeida. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BIRMAN, Joel. **Cartografias do feminino**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____. **Gramáticas do erotismo**: a feminilidade e suas formas de subjetivação em psicanálise. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BRENNAN, Teresa. **Para além do falo**: uma crítica a Lacan do ponto de vista da mulher. Trad. Alice Xavier. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Ventos, 1997.

CALLIGARIS, Contardo. **Uma linda mulher**. 2005. Disponível em: <<http://psycneuro.blogspot.com.br/2012/06/uma-linda-mulher-por-contardo.html>>. Acesso em: 15 set. 2017.

CALLIGARIS, Eliana R. **Prostituição: o eterno feminino**. São Paulo: Escuta, 2006.

CARNEIRO, Anna B. de Freitas. É possível ser prostituta e feliz? **Reverso**, Belo Horizonte, ano 36, n. 67, p. 25-34, jun. 2014.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Prostituição: corpo como mercadoria. **Mente & Cérebro**, v. 4 (edição especial), dez. 2008.

CHASSEGUET-SMIRGEL, Janine. **Sexualidade feminina**. Trad. Patrícia Chitonni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

CLELAND, John. **Fanny Hill ou Memórias de uma mulher de prazer**. Trad. Eduardo Francisco Alves. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.

_____. **Fanny Hill ou Memórias de uma mulher de prazer**. Trad. Eduardo Francisco Alves. Porto Alegre: L&PM, 2006.

_____. **Memoirs of Fanny Hill: a new and genuine edition from the original text**. London: Patianos Classics, 1749.

CNRTL – Centre National de Ressources textuelles et lexicales. **Bordel**. Disponível em: <<http://www.cnrtl.fr/etymologie/bordel>>. Acesso em: 22 abr. 2017.

D'ARGENS, Jean-Baptiste Boyer. **Teresa filósofa**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2015.

DEL HIERRO, María Pilar Q. **Rainhas na sombra: amantes cortesãs que mudaram a história**. Trad. Sergio Duarte. Rio de Janeiro: Versal, 2015.

DOLTO, Françoise. **A imagem inconsciente do corpo**. Trad. Noemi Moritz e Marise Levy. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DUQUE, Alejandra. **A agenda de Virgínia: uma prostituta de luxo revela sua vida dupla**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2006.

ESCOLÁSTICA, Maria. **O gozo feminino**. São Paulo: Iluminuras, 1995.

FERNANDES, Maria H. **Corpo**. 4. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer. In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud:** edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, [1920] 1977. p. 12-85. (v. XVIII, Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922)).

_____. Análisis terminable e interminable. In: _____. **Obras completas.** Buenos Aires: Amorrortu editores, [1937] 1989. p. 211-219. (v. 23, Moisés y la religión monoteísta, esquema del psicoanálisis y otras obras (1937-39)).

_____. Feminilidade. In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud:** edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, [1932] 1996. p. 75-92. (v. XXII, Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise e outros trabalhos (1932-1936)).

_____. **Obras completas, volume 6:** três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. Totem e tabu. In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud:** edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, [1912-13] 1974. (v. XIII, Totem e tabu e outros trabalhos (1913-1914)).

_____. Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (contribuições à psicologia do amor I) (1910). In: _____. **Cinco lições de psicanálise Leonardo da Vinci e outros trabalhos** (1910 [1909]). Direção geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1996. P.171-180. (Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 11)

GÊNESIS. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada.** Trad. João Ferreira de Almeida. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

GOFFMAN, Ervin. **Estigma:** notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

HUNT, Lynn. **A invenção da pornografia:** obscenidades e as origens da modernidade, 1500-1800. Trad. Carlos Szlak. São Paulo: Hedra, 1999.

KIRSCH, Jonathan. **As prostitutas na Bíblia:** algumas histórias censuradas. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998.

KLEIN, Melanie. **Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

KNIBIEHLER, Yvonne. **História da virgindade**. Trad. Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2016.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. Ideas directivas para un congreso sobre la sexualidad feminina. In: _____. **Escritos I**. 15. ed. Argentina: Siglo Veintiuno; Madrid: Biblioteca Nueva, 1989. p.689-700.

_____. O aturdido. In: _____. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 448-497.

_____. **Seminário, livro 19**: ... ou pior. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

_____. **Seminário, livro 20**: mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. **Seminário, livro 4**: a relação de objeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

LAWNER, Lynne. **As cortesãs do Renascimento**. Trad. Monica Stahell. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.

McDOUGALL, Joyce. **As múltiplas faces de Eros**: uma explicação psicanalítica da sexualidade humana. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MÉLEGA, Marisa P. Linguagem em psicanálise: gênese e significação. **Ide**, São Paulo, v. 30, n. 44, p. 56-59, jun. 2007.

MOLINA, José A. **O que Freud dizia sobre as mulheres**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

MORAES, Eliane Robert. O efeito obsceno. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 20, p. 121-130, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n20/n20a04.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2017.

_____. **Perversos, amantes e outros trágicos**. São Paulo: Iluminuras, 2013.

MURPHY, Emmet. **Histórias dos grandes bordéis do mundo**. Trad. Heloísa Jahn. Porto Alegre: Artes e Ofícios Ed., 1994.

NERI, Regina. **A psicanálise e o feminino**: um horizonte da modernidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

NUCCI, Guilherme de Souza. **Prostituição, lenocínio e tráfico de pessoas**: aspectos constitucionais e penais. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2014.

NÚMEROS. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Trad. João Ferreira de Almeida. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

QUALLS-CORBETT, Nancy. **A prostituta sagrada**: a face eterna do feminino. Trad. Isa F. Leal Ferreira. São Paulo: Paullus, 1990.

REUTER, Yves. **Introdução à análise do romance**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROBERTS, Nicke. **As prostitutas na história**. Trad. Magda Lopes. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1998.

ROSSIAUD, Jacques. **A prostituição na Idade Média**. Trad. Claudia Schilling. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ROUSSEAU, G. S.; PORTER, Roy (Org.). **Submundos do sexo no Iluminismo**. Trad. Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

RUSSO, Glaucia. No labirinto da prostituição: o dinheiro e seus aspectos simbólicos. **Caderno CRH**, Salvador, v. 20, n. 51, p. 497-514, set./dez. 2007.

SOLER, Colette. **O que Lacan dizia das mulheres**. Trad. Vera Coutinho. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

SURFISTINHA, Bruna. **O doce veneno do escorpião**. São Paulo: Panda Books, 2005.

THEODORE, Tania. **O que é masoquismo**. 2015. Disponível em: <<http://www.tania.psc.br/masoquismo/>>. Acesso em: 20 out. 2017.

TOMAZ, Jerzuí M. O enigma do feminino. In: LIMA, Nadia (Org.). **O feminino na psicanálise**. Maceió: EDUFAL, 2001. p. 65-76.

TRUMBACH, Randolph. **A moderna prostituição e o conceito de gênero em *Fanny Hill*: fantasia libertina e doméstica**. ROUSSEAU, G. S.; PORTER, Roy (Org.). **Submundos do sexo no Iluminismo**. Trad. Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 94-113

VALDÍVIA, Olivia B. Psicanálise e feminilidade: algumas considerações. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, vol.17, n.3, p. 20-27, 1997.

VIGARELLO, Georges. **História do estupro**: violência sexual nos séculos XVI-XX. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

WAGNER, Peter. Apresentação. In: CLELAND, John. **Fanny Hill ou Memórias de Uma mulher de prazer**. 3. ed. Trad. Eduardo Francisco Alves. São Paulo: Estação Liberdade, 1997. p. 11-38.